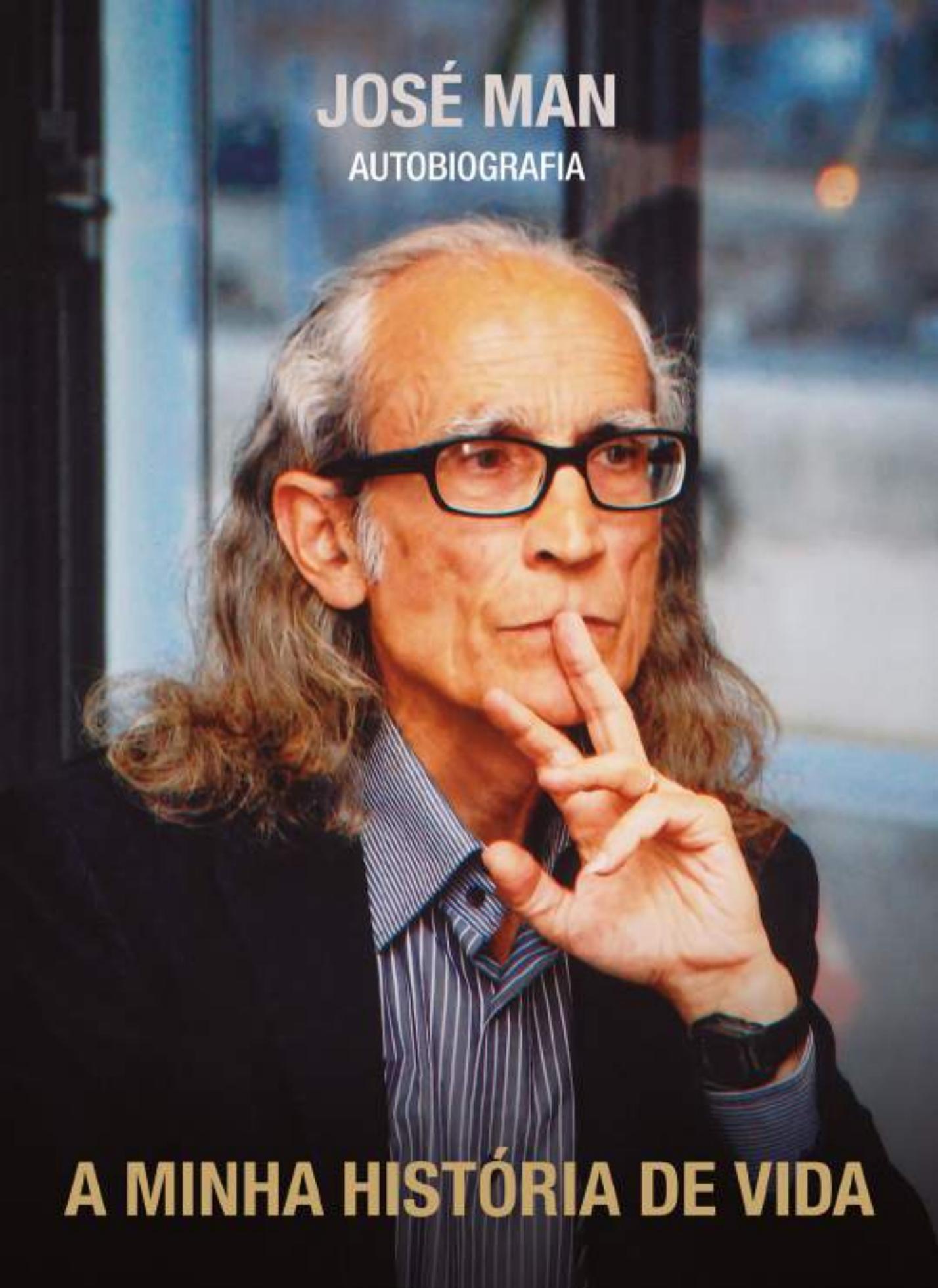


JOSÉ MAN

AUTOBIOGRAFIA

A portrait of José Man, an elderly man with long, wavy, light-colored hair and black-rimmed glasses. He is wearing a dark jacket over a blue and white striped shirt. He has a thoughtful expression, with his right hand raised to his chin, fingers slightly curled. The background is a blurred indoor setting with blue and white tones.

A MINHA HISTÓRIA DE VIDA

JOSÉ MAN

AUTOBIOGRAFIA

**A MINHA
HISTÓRIA DE VIDA**

CASCAIS

Câmara Municipal

FICHA TÉCNICA

EDIÇÃO

Câmara Municipal de Cascais
Departamento de Arquivos, Bibliotecas e Património Histórico

AUTOR

José Man

PAGINAÇÃO E SELEÇÃO DE IMAGENS

José Man

COORDENAÇÃO E REVISÃO DOS TEXTOS

João Miguel Henriques

MONTAGEM E DIGITALIZAÇÃO DAS IMAGENS

João Pedro Cipriano

DIGITAÇÃO DOS TEXTOS

Mafalda Martinho	Carolina Martins
Ana Cristina Pacheco	Gonçalo Pedro
Margarida Coelho	Célia Correia
Sónia Venâncio	Bernardo Gomes

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

Caminho Portátil, Lda.

TIRAGEM

500 exemplares

DEPÓSITO LEGAL

0000000000000000

ISBN

978-972-637-343-8

AGRADECIMENTOS

A concretização deste livro exigiu meses de trabalho, de forma que a sistematização de décadas de escritos sobre as minhas múltiplas vivências, a recolha de depoimentos, a seleção de fotografias e a paginação corresponderem inteiramente ao que idealizara.

Todavia, a concretização do projeto não seria possível sem o decisivo apoio do Presidente da Câmara Municipal de Cascais, Dr. Carlos Carreiras; do Vice-Presidente, Dr. Nuno Piteira Lopes e do Prof. Doutor Salvato Teles de Menezes, bem como do empenho e competência do Dr. João Miguel Henriques, do João Pedro Cipriano e de tantos outros profissionais do município e da gráfica, a quem muito agradeço.

Aqui deixo igualmente o meu muito obrigado a todos os amigos que me brindaram com os seus testemunhos e textos críticos, mas também aos autores de muitas das fotografias que ilustram esta obra.

ÍNDICE DOS CAPÍTULOS

1 - A MINHA QUERIDA FAMÍLIA	011
2 - A FORMAÇÃO ACADÉMICA E ARTÍSTICA	121
3 - AS PROFISSÕES QUE NÃO DESEJEI	135
4 - A MINHA ATIVIDADE ARTÍSTICA	149
5 - O JORNALISMO E O DESIGN GRÁFICO	193
6 - A MINHA ATIVIDADE DESPORTIVA	213
7 - A MINHA PROFISSÃO DOCENTE	253
8 - A PAIXÃO DE SER PROFESSOR	267
9 - AS MEMÓRIAS QUE ME GRATIFICAM	323
10 - AS REFLEXÕES DA MINHA VIDA	389
11 - OS TESTEMUNHOS DA MINHA GENTE	427

MENTE SÃ EM CORPO SÃ

Este livro conta a história de José Man, homem polifacetado que adotou a nossa terra e cuja filosofia de vida tem vindo a inspirar gerações de cascalenses.

Se muitos o conhecem como artista plástico, ou até como atleta, muitos mais têm o privilégio de lhe chamar professor, recuando a tempos próximos ou longínquos que tiveram sempre como cenário a Escola Secundária de S. João do Estoril. Ainda hoje aí persiste a sua marca nos mosaicos cerâmicos da fachada principal, ou na sala que recebeu o seu nome, mas sobretudo na memória da comunidade alargada que soube servir incansavelmente ao longo de duas décadas.

Man tem o dom da empatia, pois o seu coração é enorme. Só assim consegue socorrer, com a sua proverbial generosidade, todos os seres vivos necessitados com que se depara, sejam pessoas, cães ou gatos, sem qualquer distinção. Ao procurar inspirar quem o rodeia através do seu exemplo, nunca deixa de nos motivar para que alcancemos o equilíbrio físico e psicológico, realçando a urgência da (re)humanização da sociedade.

A paixão pela pintura levou-o a lutar pelo direito à criação, mas também pela difusão e fruição da arte, liderando o revolucionário projeto VIRAGEM, ponto de encontro de artistas com percursos estéticos diversos que marcou a história das artes plásticas no nosso concelho. A entrega ao desporto, nomeadamente à corrida, reforçou a sua resistência, atestada por muitas taças conquistadas em provas que cronometrou ao segundo, em constante batalha consigo próprio, na senda do seu melhor. Já a dedicação ao ensino lhe rendeu uma legião de fãs, hoje de todas as idades, que nunca o esqueceram, cujos nomes teima em manter bem vivos na sua memória.

Ao apoiar esta edição, a Câmara Municipal de Cascais evoca a vida de um homem bom. O seu exemplo viverá, felizmente, para sempre, pois soube passar às novas gerações o valor da persistência, do rigor, da criatividade e da liberdade, mas sobretudo da humanidade.

Muito obrigado pelo serviço que tem prestado à nossa comunidade, José Man!

CARLOS CARREIRAS

Presidente da Câmara Municipal de Cascais

Num animado diálogo com o Presidente, no ato inaugural da minha exposição individual no Centro Cultural de Cascais, em 2017



**Quando vier a Primavera,
Se eu já estiver morto,
As flores florirão da mesma maneira
E as árvores não serão menos verdes
Que na Primavera passada.
A realidade não precisa de mim**

Alberto Caeiro





A actuar num recital dizendo um poema de Fernando Pessoa

ARTE E DESPORTO

Se há alguma coisa em que José Man acredita firmemente é que a união entre corpo e espírito é essencial para uma vida plena, equilibrada e estimulante. Na senda deste objetivo, todas as experiências e desafios com que se confrontou transformaram a sua jornada num processo de aprendizagem contínua que lhe permitiu alcançar um nível de autoconhecimento notável, guiado pelos valores da integridade, da liberdade, da solidariedade e do respeito por todos os seres vivos.

Este artista tornado professor trilhou o seu caminho em busca da harmonia física e espiritual em universos paralelos que provaria serem, afinal, perpendiculares. Soube, assim, como poucos, cruzar a arte com o ensino, a filantropia com o desporto, numa imparável caminhada, esteada em princípios de vida que sabiamente compartilharia com gerações de alunos, inspirando-os a lançarem-se nas suas jornadas pessoais, em busca da plenitude da felicidade pessoal, sem se esquecerem do bem-comum.

A ligação de qualquer cascalense a José Man teve também por base a sua pintura, que sempre nos cativou, pela humanidade que dela emana. Mas há muito que o admirávamos pela sua luta pelo direito à criação e divulgação da arte, que protagonizaria com o projeto VIRAGEM, momento simbólico da história da cultura em Cascais.

No entanto, cedo descobriria que esta ligação era, no meu caso particular, ainda mais visceral, pois muitas vezes passei por José Man quando ele treinava esforçadamente por várias zonas de Cascais para as competições em que participava, ganhando muitas, com os compridos cabelos já grisalhos que o tornavam uma das figuras mais características entre os nossos munícipes. Que as suas corridas, mesmo que de outro tipo agora, se prolonguem por muitos e bons anos são os meus sinceros votos!

NUNO PITEIRA LOPES

Vice-Presidente da Câmara Municipal de Cascais

O imponente edifício da Câmara Municipal da minha terra adotiva





1956 15 anos



1958 17 anos



1960 19 anos



1962 21 anos



1966 55 anos



1968 27 anos



1970 29 anos



1972 31 anos



1981 40 anos



1983 42 anos



1986 45 anos



1988 47 anos



1996 55 anos



2001 60 anos

NOTA PRÉVIA DO AUTOR

Dedico este livro sobre a minha história de vida aos meus familiares e a todos os companheiros que fizeram parte do meu percurso terreno. Como todos os humanos vivi vitórias e derrotas. As primeiras deram-me a satisfação de as ter alcançado. As segundas incentivaram-me a não desistir, com a convicção de que teria de prosseguir na senda dos meus objetivos, apelando a toda a minha determinação e excluindo qualquer hipótese de fraquejar.

Sinto, assim, que fui sobretudo um lutador, por vezes vencido, mas também um vencedor, sempre seguro de que mesmo nas derrotas temos de encontrar alento para alcançar o rumo que desejamos, dando a cara à luta e acreditando que é mesmo possível.

A vida é uma dádiva preciosa que temos de saber aproveitar intensamente em todas as circunstâncias. Penso, desta forma, que não devo lamentar-me do que não consegui atingir, por falta de oportunidades, empenho ou talento, mas sentir-me realizado por tudo o que conquistei, quantas vezes à custa de muito esforço e persistência. Creio, desta forma, que fui um cidadão que não se deixou quedar na apatia de uma vida sem convicções, porque sempre lutei para atingir algo mais nesta minha efémera passagem terrena.

A verdade, pois, é que pautei a minha vida pela urgência de fazer. Sempre fui um rebelde inquieto, com as fraquezas de qualquer ser humano. Concretizei sonhos, mas também passei ao lado de outros, entre alentos e desânimos, êxitos e fracassos, acertos e desacertos, indiferenças e incompreensões.

Esforcei-me por ser eu próprio a decidir o meu percurso, por ter uma oportunidade única, que não poderia desperdiçar. Sempre me empenhei numa vivência em harmonia com a Mãe Natureza, não esquecendo os animais, em plenitude física e espiritual. Fui e sou alguém que preza a amizade e a liberdade e que dá mais importância aos valores humanos do que aos materiais. Procurei sobretudo valorizar os afetos de quem contribuiu para que a minha vida fosse mais gratificante, defendendo a importância de ser coerente, justo e honesto comigo e com os outros.



Uma fotografia do Ernesto Neves, quando eu era mais novo

Dou por mim a constatar que os anos passaram céleres na minha já longa vida, da qual pretendi neste livro fazer “retrato” abrangente. Ainda hoje me revejo no menino frágil e introvertido, no adolescente sonhador e no adulto realizado que fazem de mim um homem feliz e, de certo modo, orgulhoso, num percurso em que conquistei inúmeros companheiros e amigos, muitos dos quais já partiram, que recorro com alegria, mas também com imensa saudade.

BREVE SINOPSE DA MINHA VIDA

1941 – Nasce a 1 de março, em Lisboa.

1957 – Conclui o Curso Industrial na Escola Marquês de Pombal.

1958 – Ingressa no Curso Livre de Pintura da Sociedade Nacional de Belas-Artes e nas OGMA – Oficinas Gerais de Material Aeronáutico, onde cumpre o serviço militar e exerce a profissão de desenhador técnico até 1965.

1959 – Participa na sua 1.ª exposição coletiva: o IV Salão da Primavera da Junta de Turismo da Costa do Sol.

1962 – Inicia a prática da cultura física no Lisboa Ginásio Clube.

1965 – Realiza a sua 1.ª exposição individual na Galeria Nacional de Arte, em Lisboa.

1966 – Ingressa no atelier dos arquitetos Conceição Silva e Maurício de Vasconcelos e na Escola Superior de Belas-Artes. Faz uma estadia em Nova Iorque e visita Paris.

1967 – Inicia a prática de halterofilismo de competição, que manterá até 1974. Casa com Maria Manuela.

1968 – Ingressa na Gravura – Cooperativa de Gravadores Portugueses, onde trabalha até 1974, sendo bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian durante seis meses.

1970 – Passa a representar o Ginásio Clube Português em halterofilismo, sendo ainda seccionista desta modalidade desportiva. É admitido na 41st Seattle Print Internacional, em Washington, a primeira das três dezenas de exposições internacionais em que esteve representado.

1971 – Nasce o seu filho Marcos Filipe. Ingressa no curso de design do I.A.D.E – Instituto de Arte e Design, que concluiu em 1974. É convidado para o Conselho Técnico da Federação Portuguesa de Halterofilismo.

1972 – Inicia a atividade jornalística como colaborador do jornal “A Bola”.

1973 – Realiza diversos painéis para as novas instalações do Ginásio Clube Português. Colabora no suplemento desportivo do jornal “República”. Ingressa no Ateneu Comercial de Lisboa como treinador de halterofilismo. Faz uma estadia no Rio de Janeiro e visita a Bienal de S. Paulo.

1974 – Frequenta um curso de Design dirigido por Bruno Munari. É eleito Presidente da Direção da Federação Portuguesa de Halterofilismo, cargo que exerce até 1977.

1975 – Nasce a sua filha Ivânia Helena. Organiza e é responsável gráfico das exposições Endo, Juventude e Desporto-Direito de Povo da Direção-Geral dos Desportos. É jornalista profissional do “República”.

1976 – Ingressa no ensino oficial como professor de Artes Visuais na Escola Visconde de Juromenha. Visita Varsóvia e Gdansk, a convite da Confederação de Desportos Polaca.



Em pose com a minha esposa no nosso dia de casamento

1977 – Visita Atenas, onde arbitra no Torneio de Halterofilismo Tsitibakos.

1979 – Reingressa na Escola Superior de Belas-Artes no curso de Design de Comunicação. Inicia a prática da corrida.

1980 – Edita e dirige a revista “Halter”, dedicada ao Culturismo e Halterofilismo.

1983 – É convidado para vice-presidente da VIRAGEM – Associação de Artes Plásticas de Cascais. Edita e dirige a revista “Gente Miúda”, de âmbito desportivo.

1984 – Ingressa na Escola António Arroio, onde exerce a docência em estágio no grupo de Artes Visuais. Participa na sua 1.ª corrida oficial.

1986 – Organiza a exposição “56 artistas da António Arroio”, na Sociedade Nacional de Belas-Artes. É eleito Presidente da VIRAGEM, cargo que exerce até a sua dissolução, em 1992.

1987 – Corre a sua 1.ª maratona. Ingressa na Escola Secundária de S. João do Estoril, onde leciona na qualidade de professor efetivo. É eleito Presidente do Conselho Fiscal da Cooperativa Diferença, cargo que exerce durante três mandatos.

1988 – Realiza um conjunto de 18 quadros assinalando a presença dos melhores atletas portugueses nos Jogos Olímpicos, com os quais organiza uma exposição na Sociedade Nacional de Belas-Artes.

1989 – Inicia a leccionação de cursos livres de artes plásticas na VIRAGEM, que manterá até 1992.

1993 – Visita Londres, o que se repetirá em anos seguintes.

1998 – Realiza um mural cerâmico com 150 m², em toda a fachada principal da Escola Secundária de S. João do Estoril, em concurso promovido pelo Ministério da Educação. Funda o grupo “Palavras Vivas”, divulgador da poesia portuguesa, que dirige e no qual atua com alunos. Começa a alimentar animais da rua, o que mantém até hoje.

1999 – Apresenta no Teatro Mirita Casimiro dois recitais dedicados ao povo mártir de Timor. Inicia a leccionação de cursos de Serigrafia no Centro de Formação dos Professores de Cascais, que decorrerá até 2004. Realiza a sua primeira exposição retrospectiva na Sociedade Nacional de Belas-Artes.

2001 – É lançado o seu livro “Companheiros da Minha Estrada”, editado pela Câmara Municipal de Lisboa.

2002 – É convidado para membro da Mesa da Assembleia Geral da Sociedade Nacional de Belas-Artes, cargo que ainda mantém na qualidade de vice-presidente.

2004 – Leva a efeito no Centro Cultural de Cascais a exposição “Retrospectiva de 45 anos da sua obra artística”.

2005 – Regressa à corrida da maratona, percorrendo pela sexta vez os seus 42,195 km.

2006 – Apresenta o 14.º e último recital do “Palavras Vivas”. Termina a sua atividade docente.

2007 – Dá a sua última aula na sala a que foi dado o seu nome. Corre a sua nona e última maratona.

Com a minha netinha Eleanor



Os nossos queridos filhos Ivânia e Marcos

2009 – Nasce a sua netinha Eleanor.

2011 – Tem lugar na Sociedade Nacional de Belas-Artes a exposição “Retrospectiva de 52 anos de percursos artístico”.

2012 – É autor do livro “A Vi(r)agem de Um Sonho Interrompido”, editado pela Câmara Municipal de Cascais.

2013 – É lançado no auditório da Casa das Histórias Paula Rego o seu livro intitulado “A Corrida no Concelho de Cascais”.

2014 – Nasce o seu netinho Gabriel.

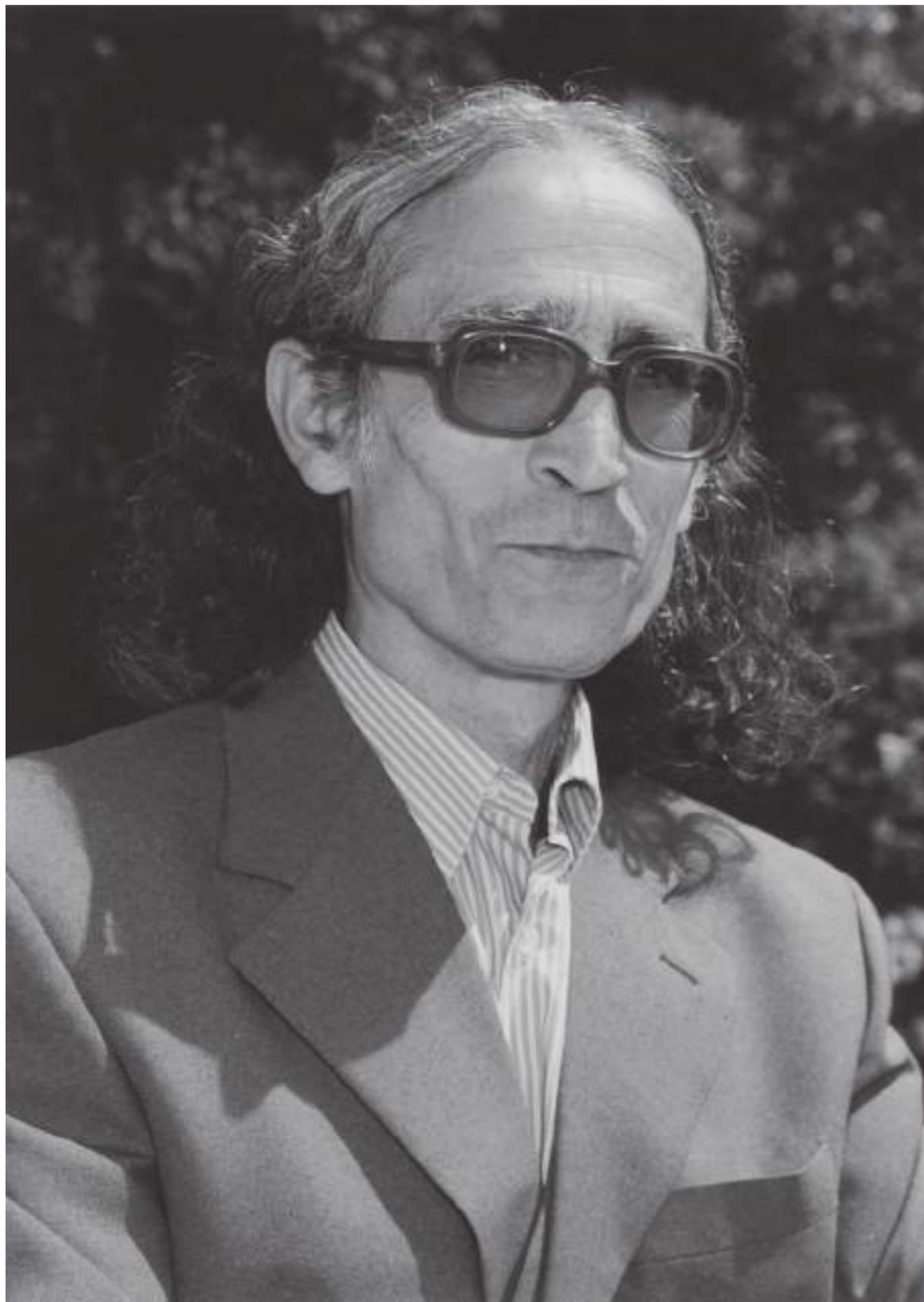
2015 – Participa na sua última corrida oficial.

2019 – Realiza na Sociedade Nacional de Belas-Artes a sua 50.ª exposição individual, comemorativa dos seus 60 anos de carreira artística.

2023 – É apresentado na Sociedade Nacional de Belas-Artes o seu livro “Armando Aldegalega: Uma Vida a Correr por Paixão”.

Com o meu netinho Gabriel





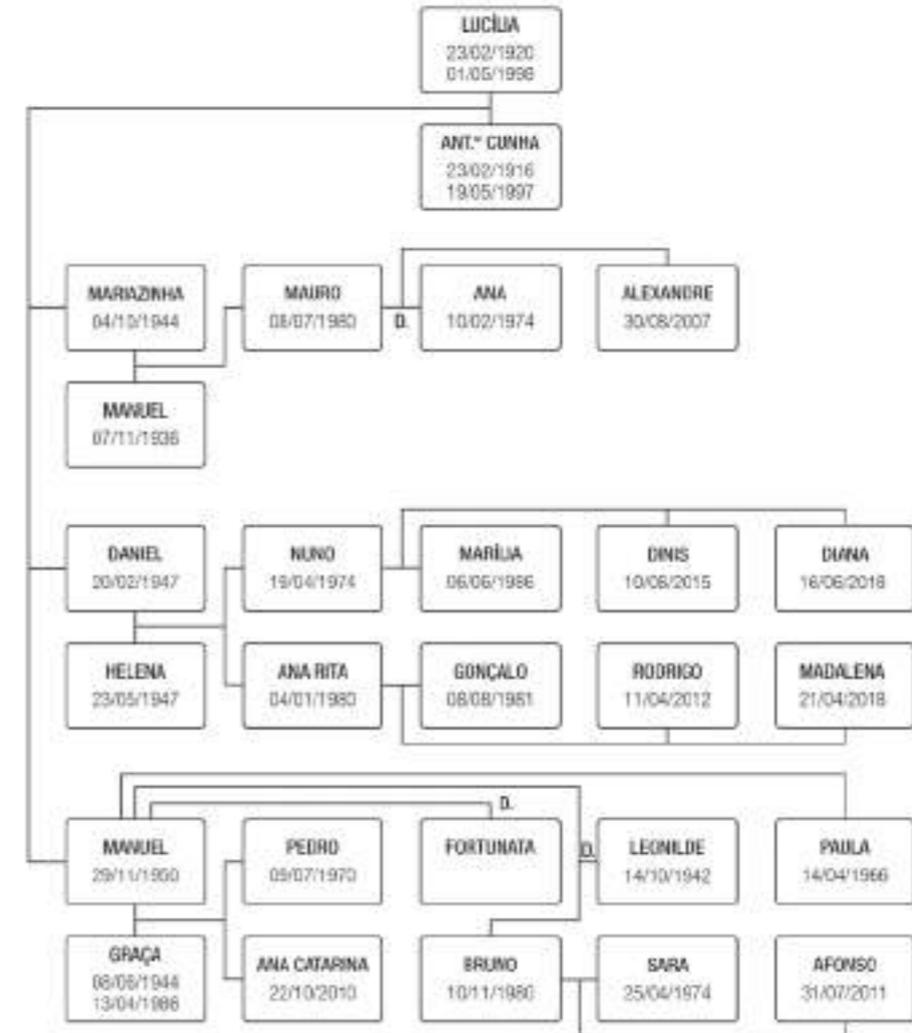
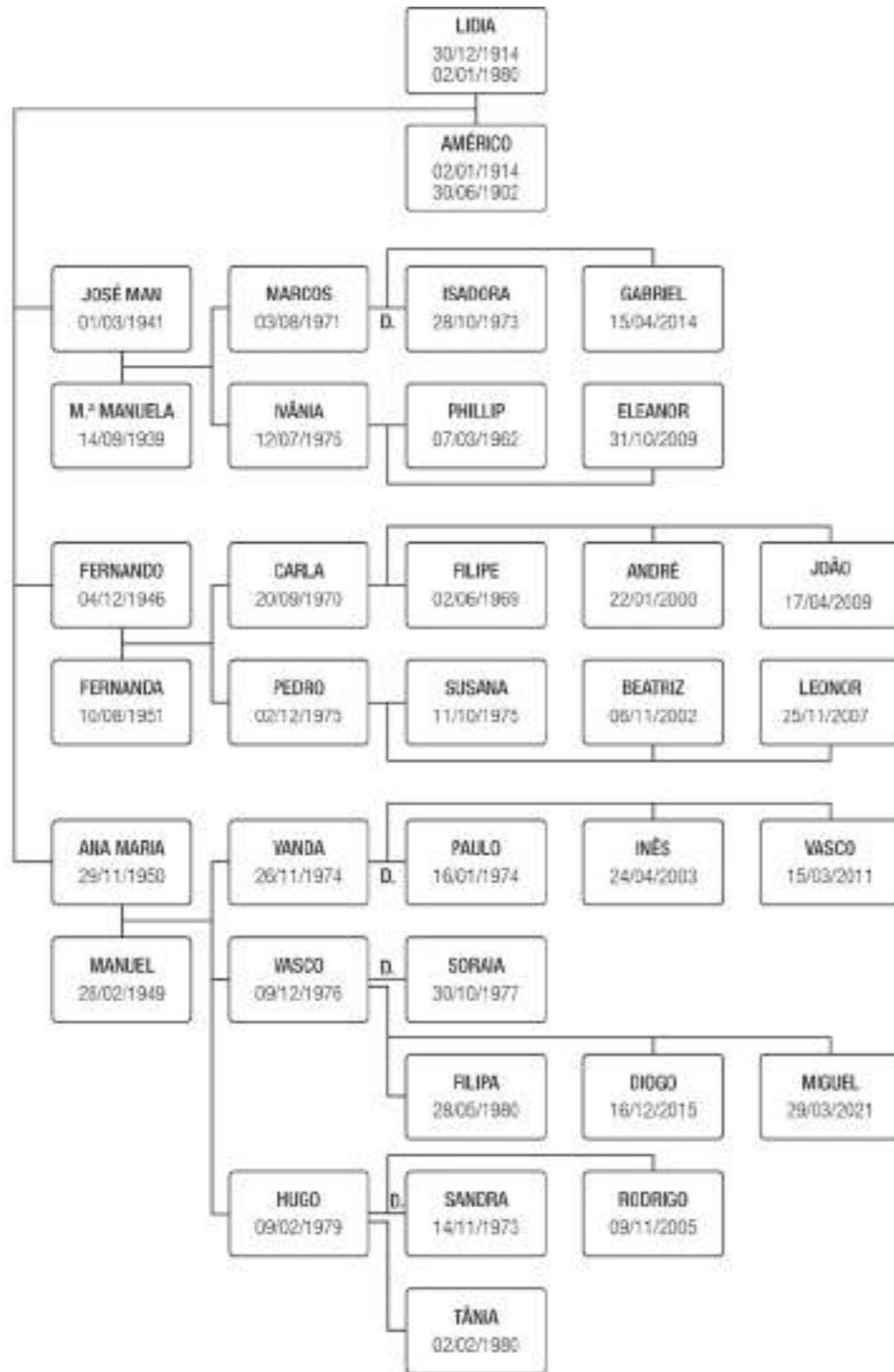
Viver o presente com o pensamento no futuro

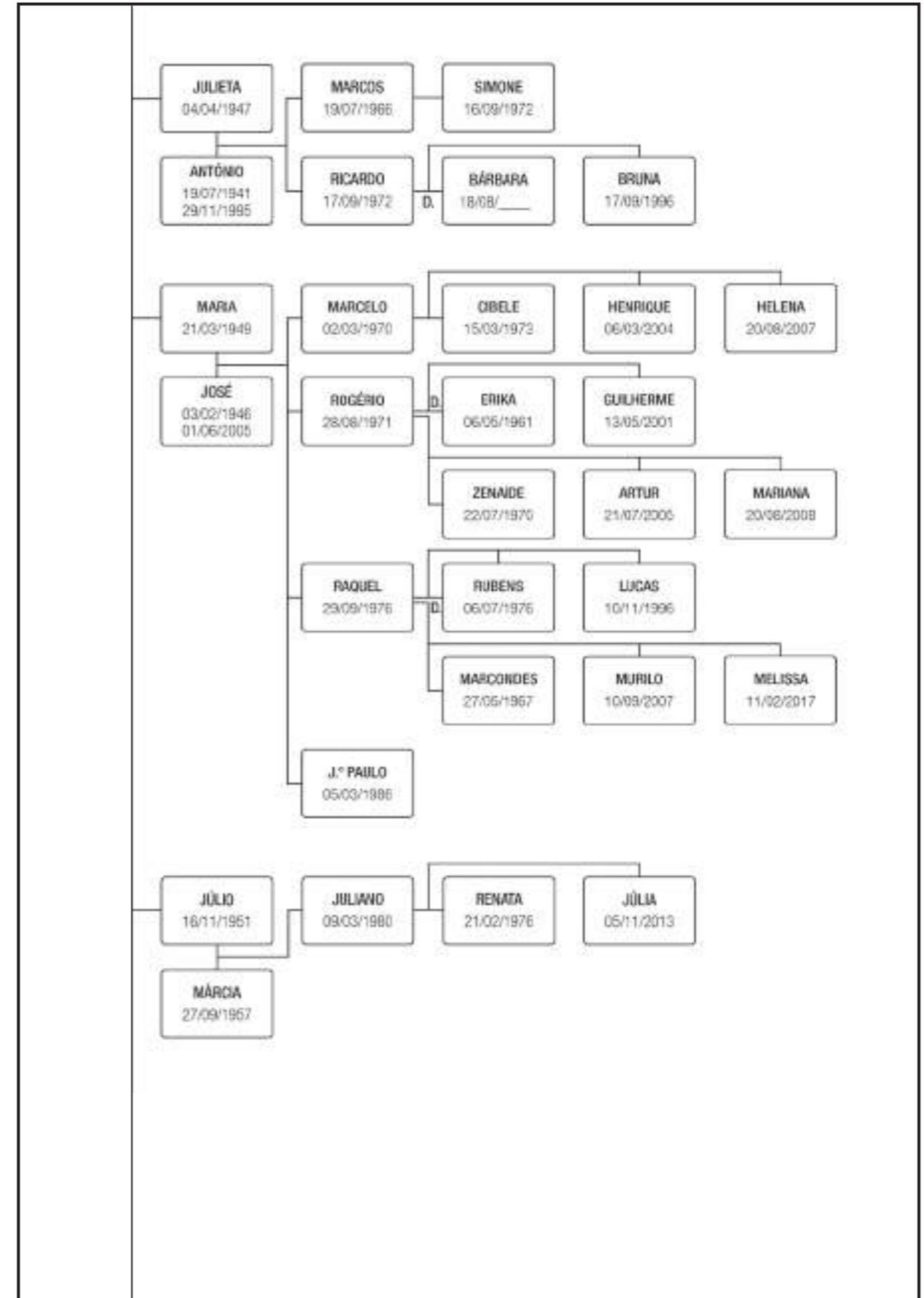
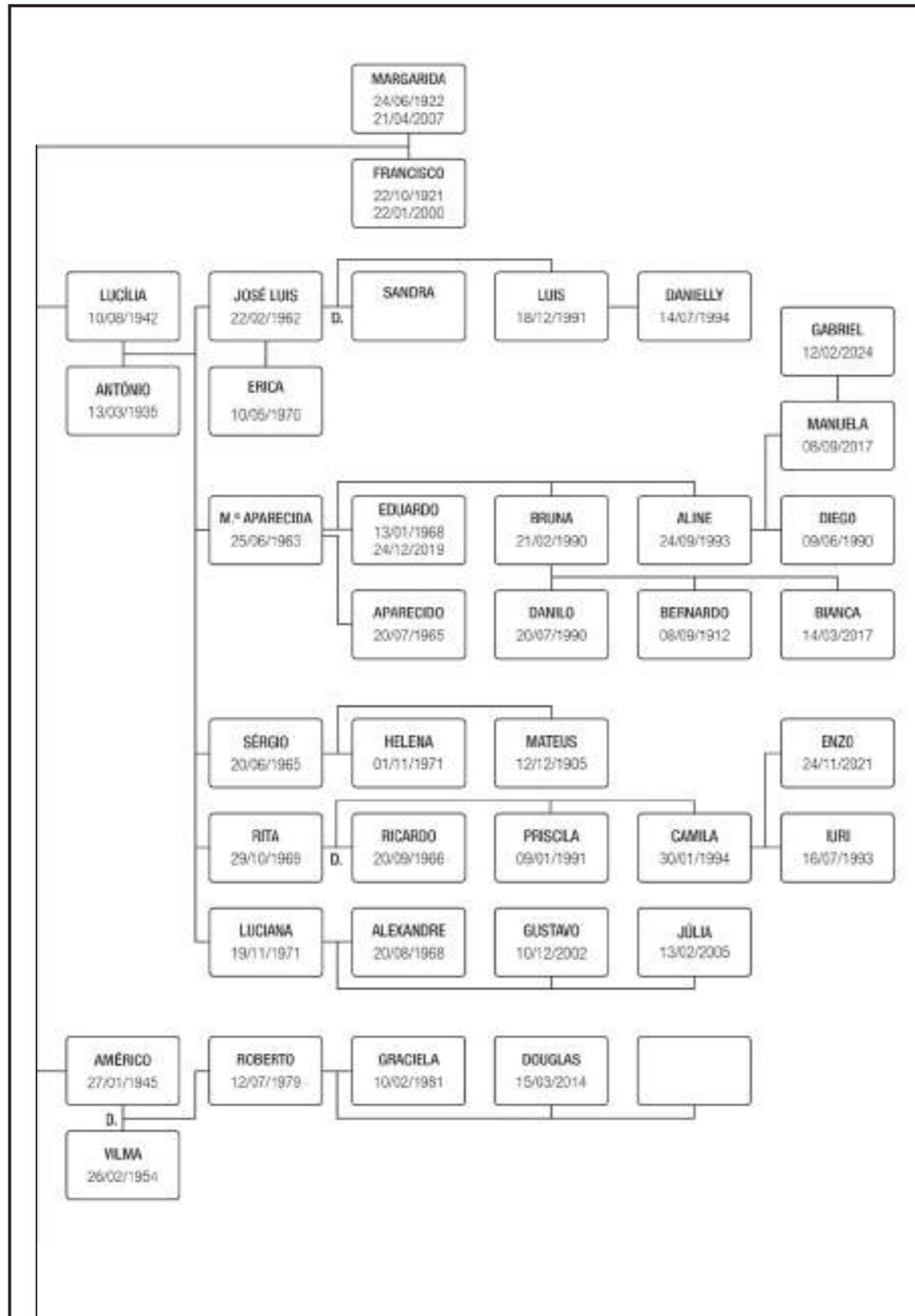
A MINHA QUERIDA FAMÍLIA

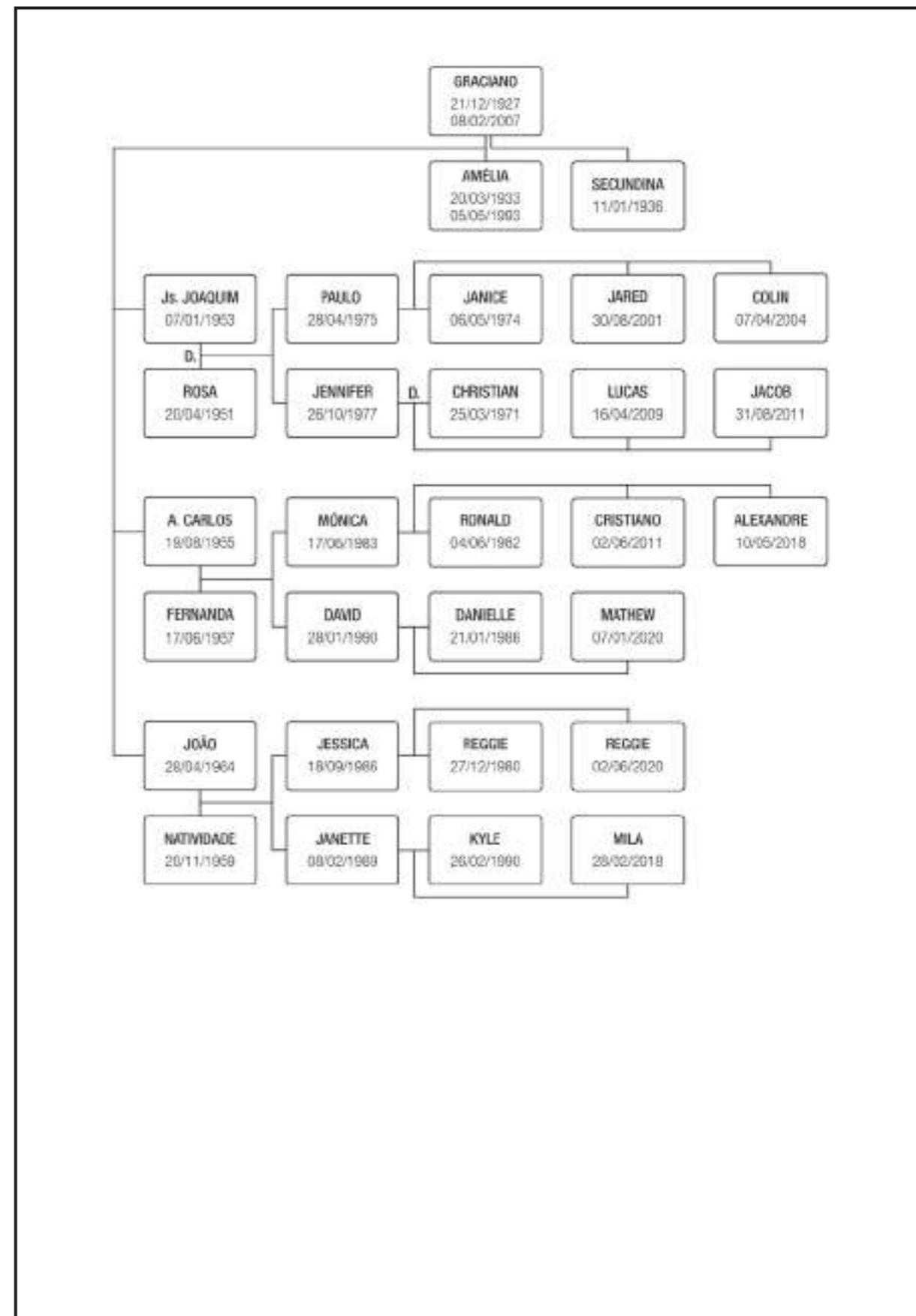
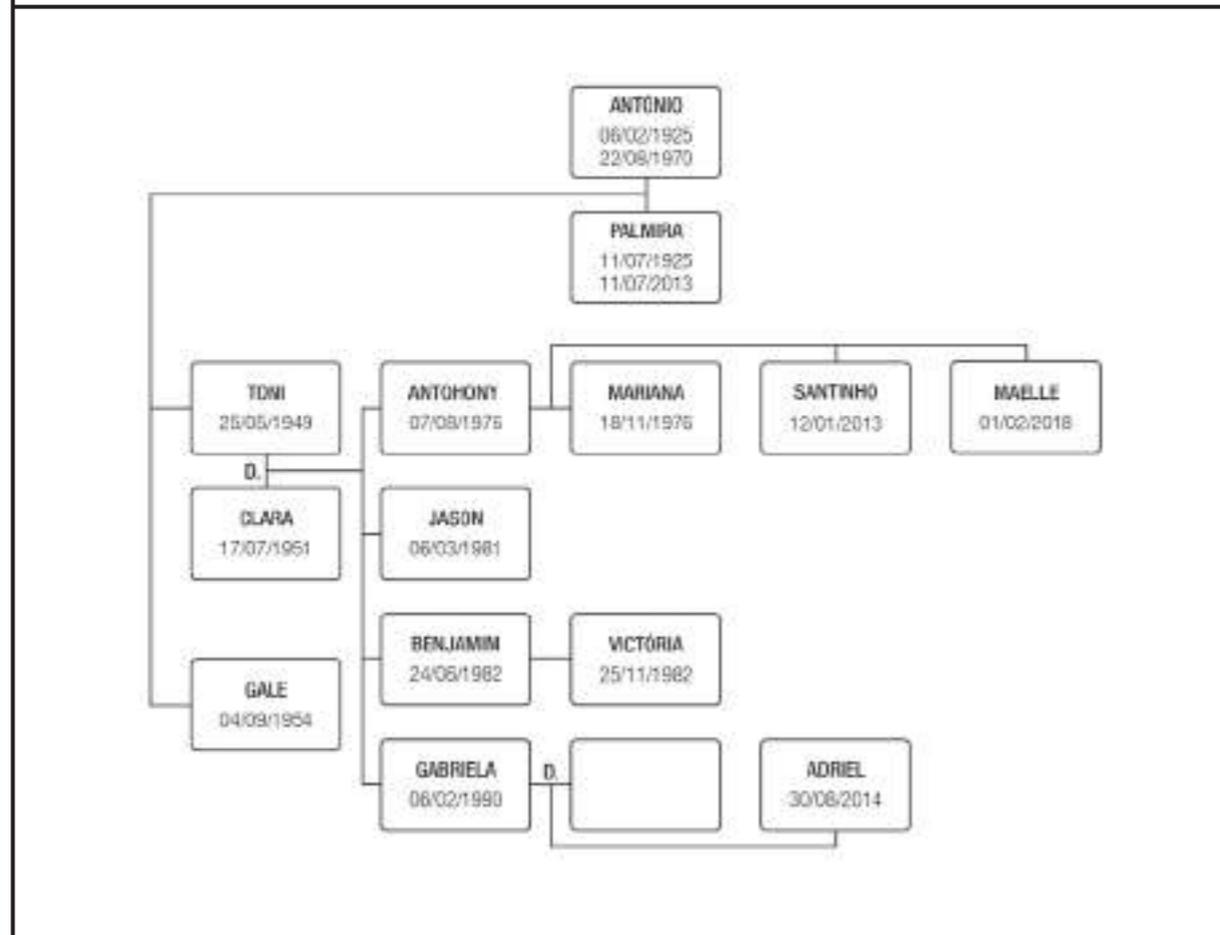
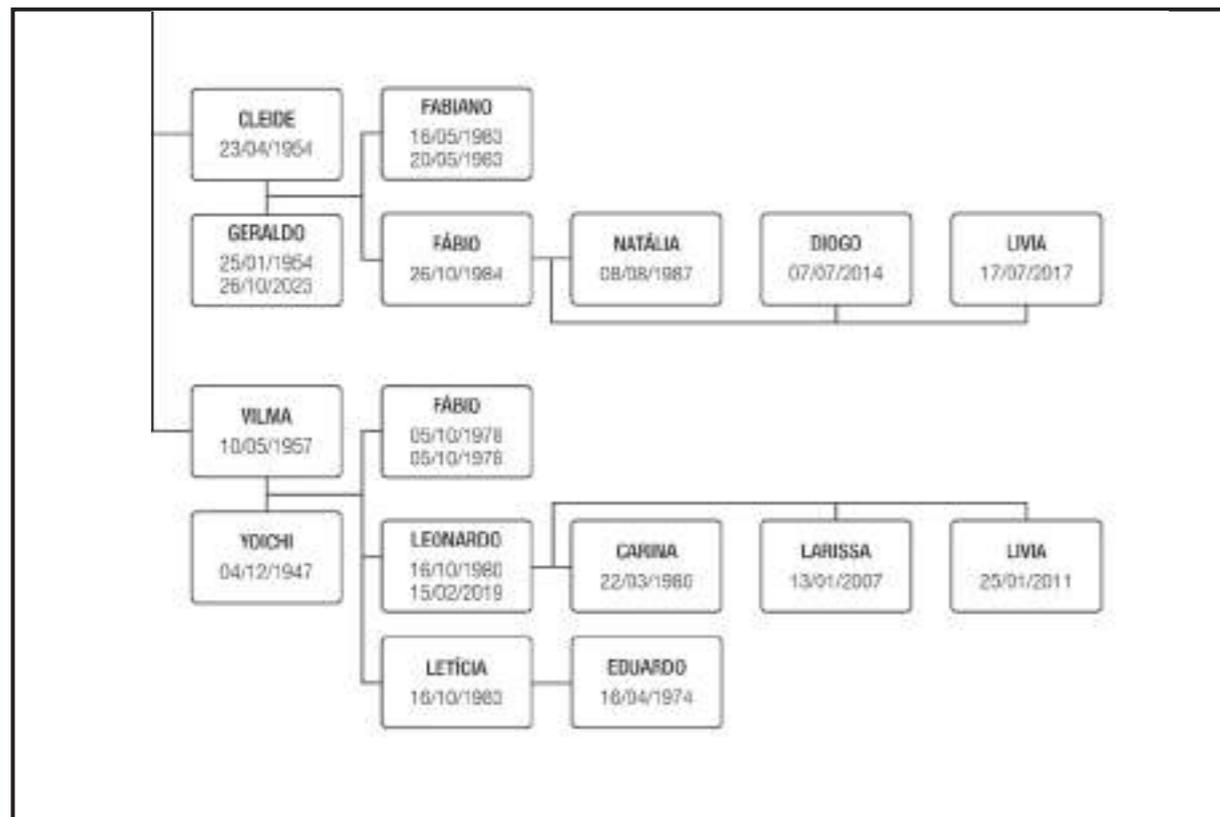
- 1 - A minha frondosa árvore genealógica
 - 2 - Os meus avós, tios e primos
 - 3 - Os meus pais, irmãos e sobrinhos
 - 4 - A minha esposa, filhos e netos
 - 5 - A aldeia dos meus antepassados
-

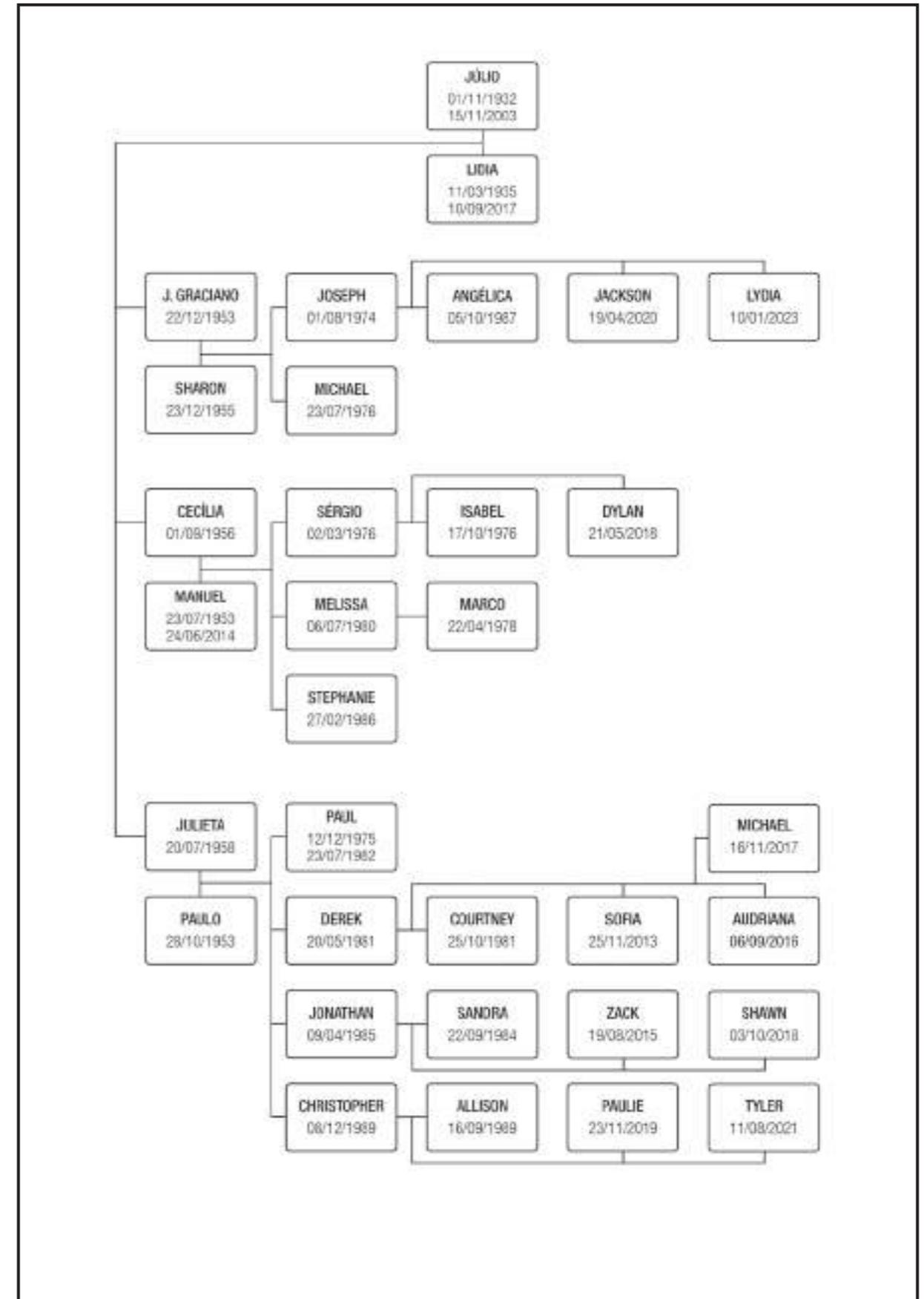
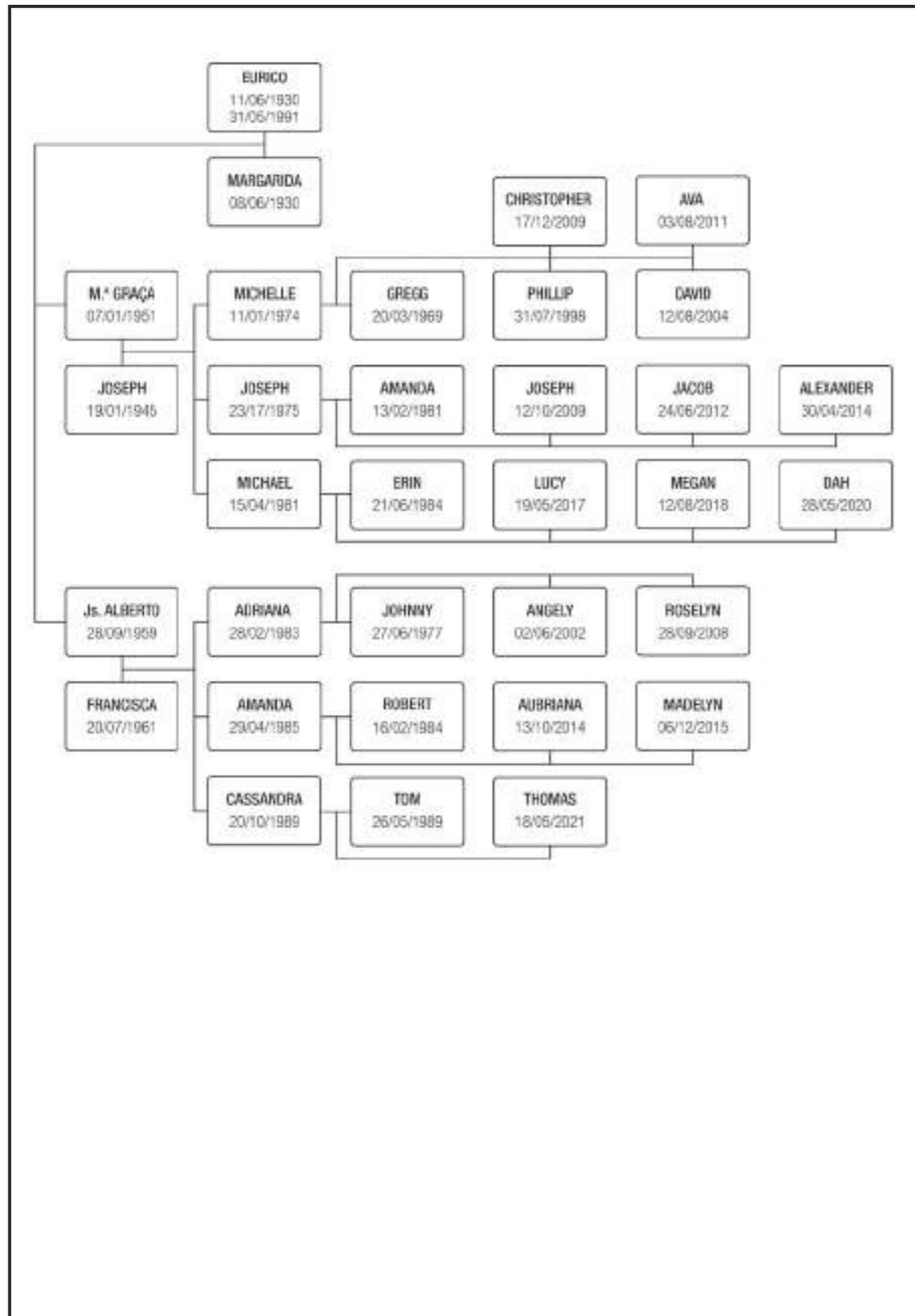
A nossa família é um bem intocável que não podemos subestimar, antes fortalecer em todos os momentos das nossas vidas, pois é a nossa essência.

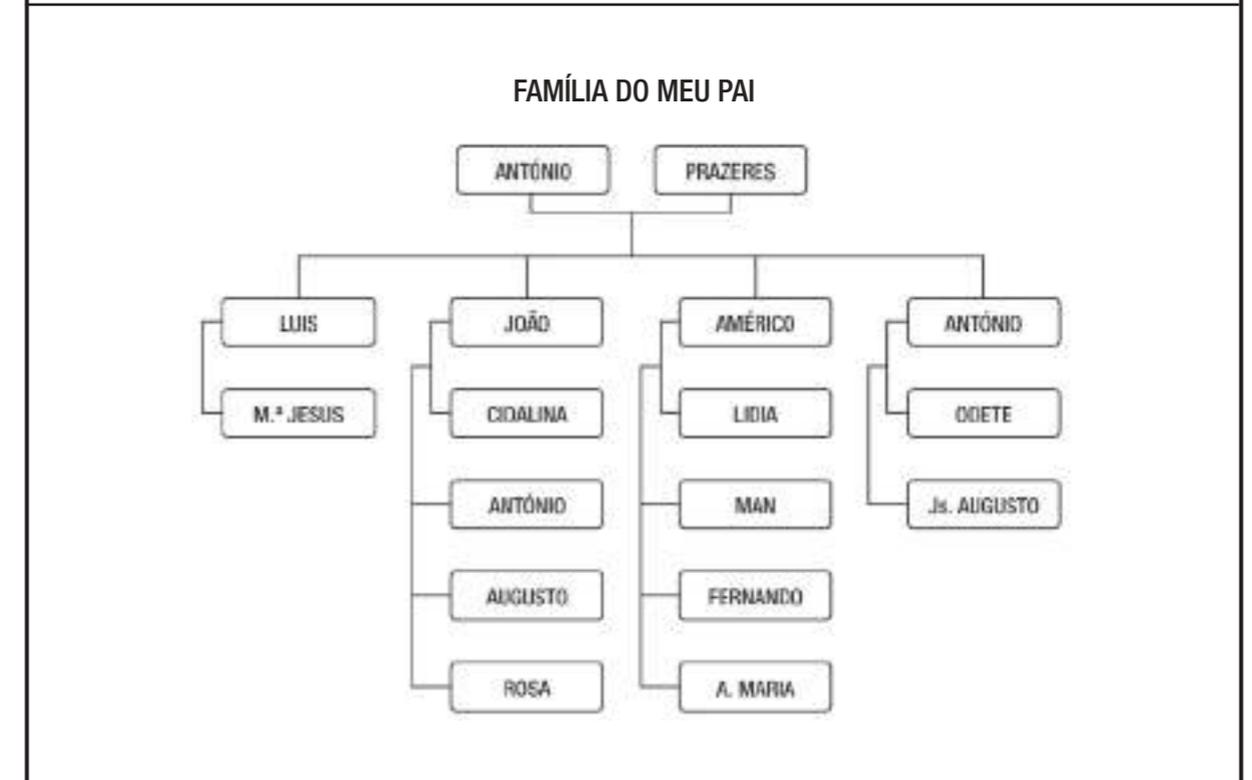
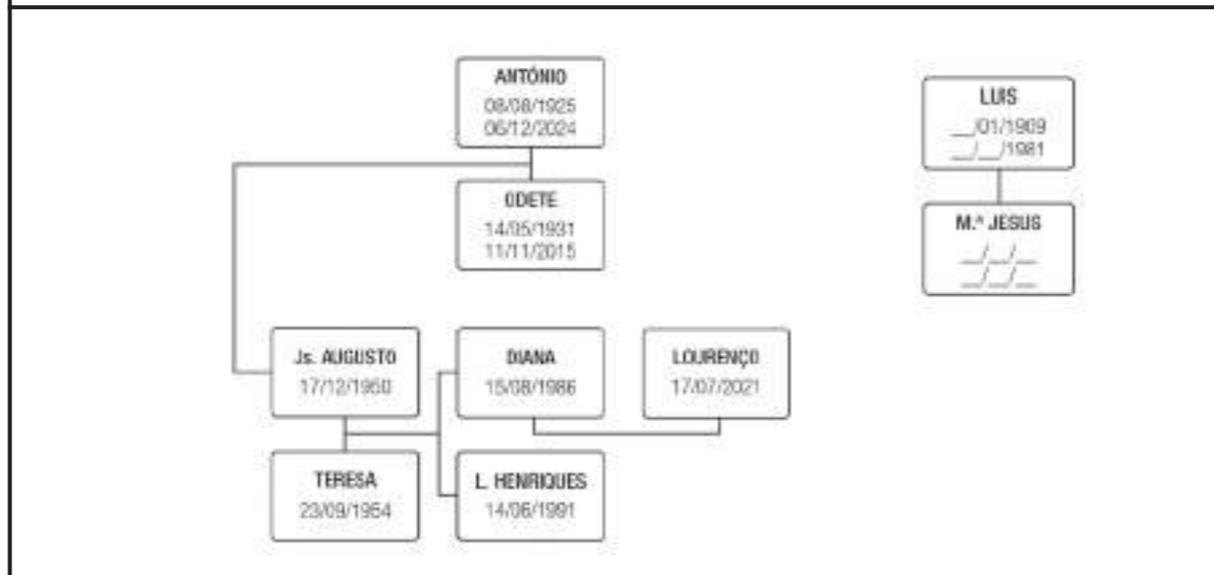
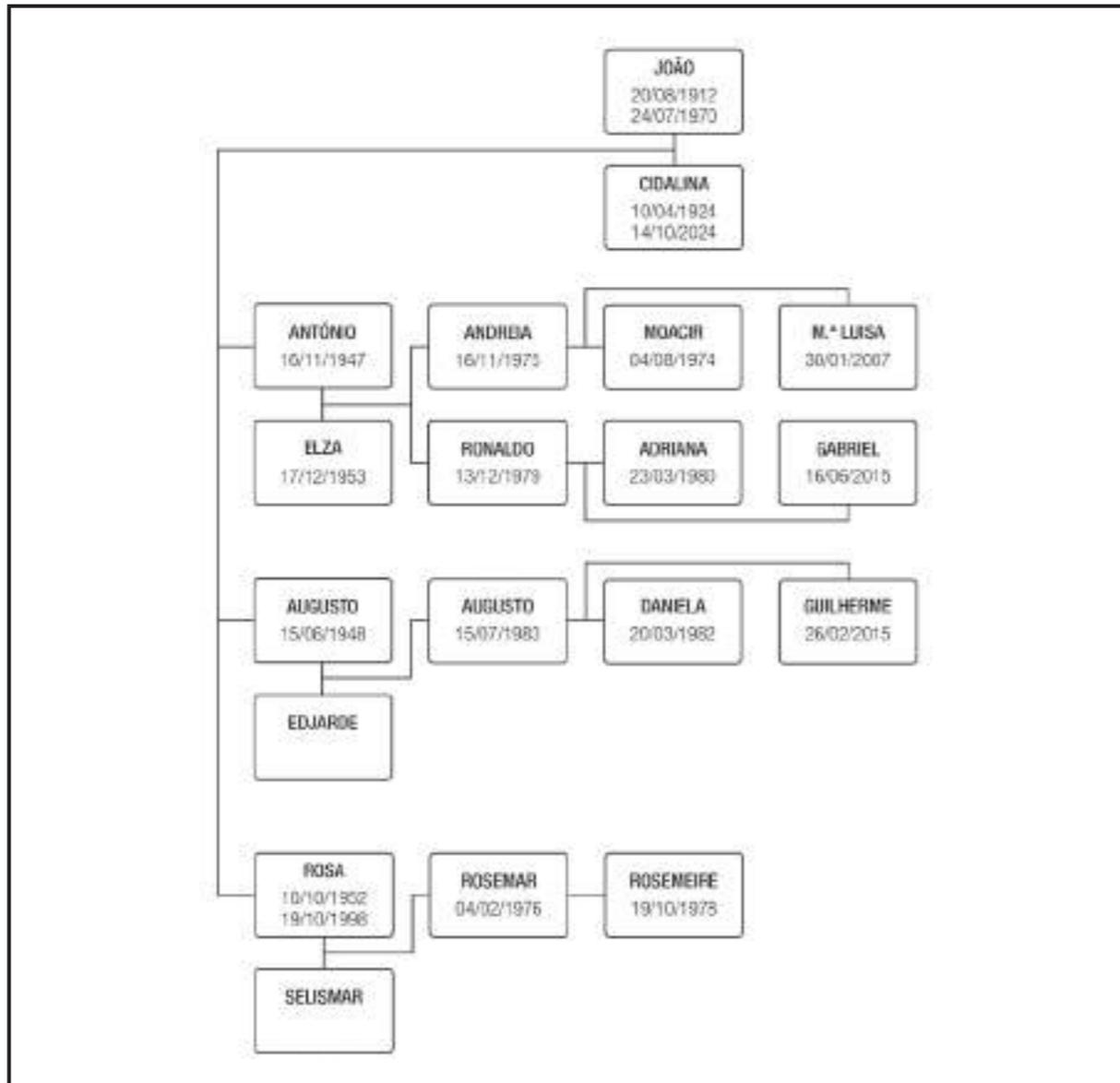
1.1 A MINHA FRONDOSA ÁRVORE GENEALÓGICA











EU E TODOS OS MEUS PRIMOS MATERNOS

Primos	Data de Nascimento	Tios
1. Man	01/03/1941	Lídia *
2. Lucília	10/08/1942	Margarida
3. Mariazinha	04/10/1944	Lucília
4. Américo	27/01/1945	Margarida
5. Fernando	04/12/1945	Lídia *
6. Daniel	20/12/1945	Lucília
7. Julieta	04/04/1947	Margarida
8. Maria	21/03/1949	Margarida
9. Toni	25/05/1949	António
10. Ana Maria	29/11/1950	Lídia *
11. M. ^a Graça	07/01/1951	Eurico
12. Júlio	16/11/1951	Margarida
13. Manuel	01/11/1952	Lucília
14. Js. Joaquim	07/01/1953	Graciano
15. Js. Graciano	22/12/1953	Júlio
16. Cleide	23/04/1954	Margarida
17. António Carlos	19/08/1955	Graciano
18. Cecília	01/09/1956	Júlio
19. Vilma	10/06/1957	Margarida
20. Julieta	20/07/1958	Júlio
21. Js. Alberto	28/09/1959	Eurico
22. Justina	11/07/1961	Orlando
23. João	28/04/1954	Graciano
24. Ermelinda	09/07/1964	Orlando
25. Orlando	06/04/1970	Orlando

* mãe, neste caso!

Número de membros de cada família:

Lídia – 35 ● Lucília – 27 ● Margarida – 84
 António – 15 ● Graciano – 35 ● Eurico – 35
 Júlio – 33 ● Orlando – 16. Total – 273!

Penso ser deveras extraordinário esta árvore frondosa nascida dos meus queridos avós, construída por muitos ramos no amor e amizade que nos une.

QUERIDOS AMIGOS DO MEU SANGUE

Com enorme expectativa e emoção reencontrei essa vossa terra adoptiva, precisamente 39 anos após a minha primeira visita. Foi a concretização de um projecto de vida sucessivamente adiado, que desta vez acabou por se concretizar. Fi-lo porque tinha vontade de rever lugares vividos então e, acima de tudo, os meus familiares daí, alguns ainda meus desconhecidos.

Nesse tempo já distante, de muitas névoas passadas nas nossas memórias, a minha família aí eram apenas os meus (nossos) tios António e Palmira, que fizeram o favor de me acolher e ao meu amigo e malogrado Vicente Besugo (ambos pintores em início de carreira à procura de novas conquistas) e o meu (nosso) primo Toni, que na altura contava apenas 17 anos, enquanto eu já tinha 25. Por uma proximidade evidente fomos companheiros de algumas diversões, em particular nas nossas visitas ao Sport Club Português, onde sós ou com alguns amigos disputávamos renhidos jogos do então chamado ping-pong, hoje ténis de mesa.

Foi, pois, com redobrada saudade que voltei àquele espaço de convívio, onde agora teve lugar o grande reencontro com todos vós, na inesquecível festa da nossa Jeniffer e dos seu “mais que tudo” Christian. Foi também com alguma emoção que revi o alcunhado Parque dos Mosquitos, a Ferry Street e, sobretudo, a casa onde me abriguei durante dois meses, ali mesmo na 92 Warwick. Mais ainda, aí ouvi com transbordante entusiasmo, já nos últimos dias da minha estadia, os relatos radiofónicos das vitórias de Portugal sobre a Bulgária, o Brasil e a Hungria, que nos qualificaram para os quartos-de-final do Campeonato do Mundo de Futebol, no qual alcançaríamos um brilhante 3.º lugar.

Na ânsia de alargar os meus horizontes culturais, ia, pelo menos uma vez por semana, a Nova Iorque. Apanhava o “bus” logo de manhã, que levava cerca de meia hora a chegar ao terminal da 42 Street. Regressava pelas 17 horas, depois de calçar quilómetros no meio daqueles turbilhões de gente desconhecida e, acima de tudo, devorar os seus enormes museus, com destaque para o de Arte Moderna, o qual fui revisitando para me extasiar com as obras de grandes artistas, que de certo modo já conhecia e me surpreender com as novas tendências da Arte Contemporânea. Mas, para vos dizer a verdade, “New York” não me extasiou como naquele tempo remoto, isto porque passado o fulgor dos 20 anos, em que quase tudo era novidade, agora, com muito mais experiência, com mais exigência, afinal, surgiu-me como uma cidade super-consumista, que esmaga, mas não conquista.

Passadas estas quatro décadas encontrei uma “árvore” frondosa que se ramificou com muitos e longos braços, fruto de uma sólida semente que brotou dos nossos queridíssimos avós José e Maria. O convívio com todos vós foi um privilégio que jamais esquecerei e só lamento que o tempo escasso de que dispus não me tenha permitido, como desejava, aceitar todos os honrosos convites para ir a vossas casas, algumas

das quais, mesmo assim, ainda tive a oportunidade de visitar. E se é verdade que fostes assaz amáveis, penso que é justo realçar o nosso José Joaquim, que nos entusiasmou a ir aí e foi simplesmente inexcelável durante toda a nossa estadia.

Não tenho quaisquer dúvidas de que reforcei a minha convicção de que constituís uma família “americana”, honesta e generosa, trabalhadora e briosa, unida e calorosa (embora aparentemente distante quando se desloca a este “cantinho do lado de cá do Atlântico”), que cultiva a amizade entre os seus membros. Uma família, enfim, da qual muito me orgulho – acreditem.

Direi, a terminar, que o percurso terreno de cada um de nós é feito de encontros e desencontros, de opções e meros acasos. Sabemos bem que as nossas vidas poderiam ser diferentes, em circunstâncias diversas. É que nunca se levanta a vida toda. Para atingirmos uns objectivos perdemos outros. Eu, por exemplo, fui sempre desapegado dos bens materiais. Preferi continuar neste “torrão pátrio” a estudar, a dizer poesia, a pintar, a escrever, a leccionar, a correr... Penso, enfim, que todos estamos certos nas nossas opções. E é com imensa alegria e regozijo que verifiquei o grande entusiasmo com que estais a agarrar a vida. Que sejam todos muito, muito felizes!

A inquestionável e profunda amizade do vosso Man.

Num levantamento abrangente dos meus familiares do lado da minha querida mãe, aqui relembro todos os mais idosos a partir dos 70 anos: os infelizmente já falecidos e os ainda vivos também com idade avançada. Dos primeiros, de sangue, por ordem de longevidade, temos o meu pai com 88, a minha avó Maria com 85, a minha tia Margarida que chegou aos 84, o meu Tio Graciano com 79, o meu avô José, a minha tia Lucília e o meu tio Orlando que nos deixaram aos 78, a minha mãe com 75, enquanto o meu tio Júlio não passou dos 71. Quanto aos meus familiares não de sangue o mais resistente foi a minha sogra com nada menos de 95, tendo a minha tia Palmira chegado aos 88, o meu sogro aos 85, a minha tia Lídia aos 82, o meu tio Cunha aos 81, e, finalmente, o meu tio Francisco que ficou nos 79.

Relativamente aos meus familiares felizmente ainda vivos não posso deixar de referir, dos que são do meu sangue, as minhas primas Lucília e Mariazinha com 82 e 80 anos, respetivamente, o meu primo Américo que tem 79, o meu irmão e os meus primos Daniel e Julieta com 77, os também primos Toni e Maria com 75, enquanto a minha irmã e a minha prima Maria da Graça, têm 73, o meu primo Júlio nos 72 e o meu primo José Joaquim nos 71. Quanto aos não do meu sangue a mais idosa é a minha tia Margarida que já atingiu os 93, seguida do meu primo António com 89, a minha tia Cecília com 87, a minha esposa com 85, tendo o meu primo Joseph 79, a minha prima Helena 77, o meu primo Yoichi 76, o meu cunhado Manuel 75 e a minha cunhada Fernanda 73.

No casamento do meu primo Toni com a Clara, com um grupo significativo de meus familiares “americanos”



1.2 OS MEUS AVÓS, TIOS E PRIMOS

Os meus avós maternos foram muito importantes na minha vida, pois com eles vivi parte significativa da minha infância, quando na sua aldeia de Sezures passava largos períodos das chamadas férias grandes. Com eles me habituei a viver e a respeitá-los, pois constituíam para mim seres da maior importância.

O meu avô José de qual me recordo (da estrada como era conhecido) era um homem de pesado porte, de movimentos lentos e emoções contidas; muito respeitado na aldeia pelos seus concidadãos, apesar de não ter habilitações literárias, aliás, como a maioria, naquele tempo sombrio. Homem de poucas palavras (que a doença agravou nos seus últimos anos de vida), impunha respeito só pela sua presença.

Quanto à minha avó Maria (avozinha como carinhosamente a tratava) recordo ainda muito nitidamente o seu rosto doce, quase angélico, que refletia a sua nobre e genuína bondade, mas também uma vida sofrida com resignação.

Era para mim um ser humano único, que amava; que na sua aparente fragilidade encerrava um corpo rijo como uma frondosa árvore.

Lembro-me que os meus pais acolheram temporariamente na nossa modesta casa todos os meus tios maternos (exceto, talvez, o Orlando que cedo emigrara para o Brasil), nos seus primeiros tempos em Lisboa e em especial quando do cumprimento do serviço militar, ou, por exemplo, quando o tio Graciano ingressou na Guarda Fiscal. De todos os irmãos penso que foi o único que, já adulto, estudou e concluiu o 5.º ano liceal. Na década de 60, tal como os restantes, também

Com a minha mãe e avozinha



A minha avó Maria numa pose serena

emigrou para os Estados Unidos da América e, decerto, por ser o mais velho dos irmãos “americanos” vivos (após o falecimento do tio António) seria o primeiro a regressar à aldeia natal, onde construiu uma ampla vivenda, inserida numa herdade de grandes dimensões.

Nas escadas da sua velha casa



Os meus tios Graciano e Amélia junto aos meus avós, no dia do casamento

Recordo a sua aparente rígida postura para com os demais, que escondia, afinal, um coração generoso, tal como era o da minha bem-disposta tia Amélia, sempre solícita a ajudar e que a morte ceifou prematuramente. Este facto levou o meu tio a casar com a minha segunda tia, a Dina. Nos seus últimos anos de vida começou a ter problemas de saúde, sendo o mais visível a sua dificuldade em se movimentar. Apesar de tudo ainda se disponibilizava para me levar à estação ferroviária de Mangualde, a 21 quilómetros de Sezures (uma meia-maratonal!) quando dos meus regressos de férias a Lisboa, facto que nunca esquecerei e do qual lhe estarei sempre grato.

O meu tio Júlio era um homem calmo e afável, sendo, com o meu tio Orlando, o que mais conviveria comigo na infância e adolescência, durante as minhas férias; tinha por ele uma simpatia muito especial, pelo que os nossos fugazes reencontros, quando ia à aldeia que o vira nascer, eram para mim sempre muito gratificantes. Casara com a minha tia Lídia (irmã da tia Amélia), pessoa alegre e bem-disposta. Era na casa – creio – onde, em tempos distantes, vivera a minha visavó materna (mesmo à beira da estrada que atravessa a aldeia), que, após terem emigrado, mandaram remodelar, que passavam as suas férias “portuguesas”. Cabe acrescentar que eu seria, com apenas 15 anos, o padrinho de baptismo da minha prima Cecília, irmã dos meus primos Julieta e José Graciano.

O tio Orlando, quando jovem o conheci, tinha um “génio” de grande agressividade emocional, em situações limite, para com os humanos e, em particular, os animais, facto que contrastava com a sua relação comigo, sempre amistosa. E não me posso esquecer quando, na propriedade do Lameiro, escorreguei e caí num poço, donde me tirou, salvando-me a vida. Após muitos anos da sua ausência viria a reencontrá-lo na nossa aldeia de Sezures, na altura em que começou a passar, com



Os meus tios Graciano e Orlando em amena conversa

a minha tia Cecília, largos períodos na bonita moradia que mandaram construir junto à estrada principal. Agora descobria um tio muito diferente do que conhecera, em particular nas suas atitudes agressivas com os animais. Sentia-o penalizado e desejoso de esquecer esse passado. Encontrei, afinal, um tio apaziguador, generoso e apegado à família. E também um homem sofredor, submetido a operações cirúrgicas diversas, que foi ultrapassando com enorme coragem.

Sobre o meu tio Eurico direi que o recordo como uma pessoa de poucas falas, mas sobretudo quando, depois de emigrar com a minha tia Margarida, revisitava a sua terra natal, em períodos de férias, durante as quais vivia efusivamente. Mas o mais importante de tudo para mim foi também ter-me salvo a vida, quando num dia de “pic-nic” familiar à beira de um rio me estava a afundar num traçoeiro remoinho. Tenho, pois, uma profunda gratidão pelo seu acto pronto e corajoso.

Do meu tio António lembro-me que foi guarda-freio ou revisor da Carris e de ter morado com a minha tia Palmira e o meu primo Toni próximo da Praceta do Alto de S. João. Depois de emigrarem para os Estados Unidos da América, no início dos anos 60, reencontrá-los-ia, em 1966, quando me acolheram em sua casa com o meu amigo Vicente Besugo. Foram dois meses de estadia nas terras do Tio Sam, concretamente em Newark, uma cidade onde estão radicados muitos portugueses, que com intensa labuta e privações lograram amealhar um pecúlio que, ao fim de quase uma vida, lhes permitiria regressar à sua terra natal, onde, quase sempre, construíram a sua vivenda, símbolo de uma conquista muito árdua. Recordo-o como um homem determinado, disciplinador e emotivo.

Guardo na minha memória a tarde abrasadora em que, chegados a casa, vindos de John Beach, fomos surpreendidos por um cheiro intenso de aguardente, resultado do rebenatamento de uma garrafa gigante que levara de Portugal com o propósito de só a abrir no dia do casamento do filho. Calcule-se a sua enorme desilusão perante esta inesperada e desesperante situação. Acresce dizer que com o meu primo Toni, muitas vezes fui ao Sport Club Português disputar renhidos jogos de “ping-pong”. Mais ainda, foi nesta cidade, em parte portuguesa, que como atrás referi, que ouvi com emoção os relatos dos jogos de Portugal com a Bulgária, Brasil e Hungria, desse memorável Campeonato do Mundo de 1966, no qual fomos vice-campeões, após ganharmos à U.R.S.S. por 2-1.



Os meus tios António e Palmira com o meu primo Tó Zé

Inesperadamente, porém, o destino seria bastante duro para com este meu tio. Cerca de quatro anos depois morreria soterrado numa vala, pois o seu trabalho (tal como o dos meus tios Orlando, Júlio e Eurico – creio) era instalar “pipes”. Tinha apenas 45 anos e uma vida à sua frente. O seu corpo

Com os meus tios Orlando e Cecília junto à sua vivenda em Sezures



viria para o cemitério da sua aldeia natal, onde repousa ao lado dos seus pais, meus avós, os irmãos Orlando e Graciano, meus tios, e a minha tia Amélia, enquanto os meus tios Júlio e Eurico ficaram em solo americano. No fim de contas, o meu tio António, o mais velho dos irmãos, o que lhes arranjava a “carta de chamada” para usufruírem de uma vida mais desafogada, seria o que menos beneficiaria desta dura passagem fora da sua pátria. Acresce dizer que a minha tia Palmira era uma pessoa serena e que viria também a mandar construir uma vivenda em Sezures, mesmo ao lado da nossa. Durante vários anos reencontrei-a em período de férias, pelo que convivemos com alguma frequência até à sua despedida terrena.

Relativamente à minha tia materna Margarida, pelo facto de ter emigrado com o meu tio Francisco para o Brasil, quando eu ainda era muito jovem, não tenho uma imagem muito nítida, apenas moldada por fugazes reencontros em períodos de férias. Recordo-a, no entanto, como uma mulher sacrificada pelo trabalho árduo a que a luta pela sobrevivência, agravada pela criação de nada menos de cinco filhos (viria a ter mais dois no seu novo país), a obrigavam. Durante cerca de 20 anos estivemos afastados, situação só interrompida quando da minha emotiva visita, em 1973, um privilégio que ainda hoje recordo com comovente saudade.

Mais concretamente, da minha tia Margarida tenho sete primos: a Lucília, o Américo, a Julieta, a Maria e o Júlio, nascidos em Portugal. A Cleide e a Vilma já no Brasil. Só encontrava os primeiros na aldeia, onde, em criança, convivíamos fazendo as nossas brincadeiras. Tenho pena que tenham emigrado tão novos, o que impossibilitou uma convivência mais prolongada. Relativamente aos dois últimos apenas os conheci quando da minha ida à megalómana e frenética S. Paulo, melhor dizendo, à periférica S. Caetano, em 1973. Gostaria de ter voltado a revê-los, o que só aconteceu com a minha prima Vilma, em duas visitas que nos fez.



Os meus tios Francisco e Margarida com os meus primos, no dia do casamento da Lucília, ausente na fotografia

A minha prima Lucília com o esposo António, a filha Maria Aparecida e netos



Claro que os meus tios constituem apenas uma parte mínima da minha extensa família. Relativamente aos meus primos, só do lado da minha mãezinha são nada menos de 22, como atrás referi, tendo eu o privilégio (?) de ser o primeiro a nascer – vejam bem! Um modo simpático de dizer que sou o mais velho – está bom de ver...

A verdade é que apesar de apenas seis dos meus primos terem nascido fora do nosso país, tive e tenho pouca convivência com a maioria deles, porque só os via em tempo de férias ou porque emigraram ainda jovens. E mesmo com os primos que não emigraram, salvo raras exceções, a nossa convivência vem sendo escassa, contrariamente ao que seria desejável. No entanto, apesar de todos estes contratempos, sinto que a amizade que nos une não está prejudicada, facto bem evidente nos nossos esporádicos reencontros.

Tendo todos emigrado muito jovens – como já referi – foi nas suas mais ou menos esporádicas vindas a Portugal, em tempo de férias, que tive a oportunidade de acompanhar um pouco o seu crescimento, de conhecer algo das suas personalidades. E apesar das compreensíveis saudades do nosso afastamento, a verdade é que apenas alguns e raramente visitaram a minha casa (em Lisboa ou Cascais), tal como, aliás, os meus tios, pelo que os nossos reencontros, quando os houve, aconteceram quase exclusivamente em Sezures. Lamento este facto, mas que não o quero valorizar, pois o certo é que foram sempre cordiais, evidenciando a amizade que continua a unir-nos. Porém, por um elementar acto de justiça, não posso deixar de referir duas exceções: a do meu primo José Joaquim e da minha prima/afilhada Cecília. A verdade,

pois, é que o primeiro foi, durante anos, exemplar comigo e não só. Sempre que vinha ao seu (nosso) país fazia questão em promover convívios com a sua família de cá, a expensas suas, não esquecendo a sua permanente disponibilidade. Quanto à minha afilhada mantemos uma grande amizade e proximidade que muito me gratificam.

Relativamente à revisitação que fiz, em 2005, à cosmopolita Nova Iorque e ainda à “portuguesa” Newark, confesso que se quatro décadas antes me tinha esmagado e deslumbrado, agora voltou a esmagar-me ainda mais, mas a desiludir-me. De facto, apercebi-me sem esforço que, apesar dos seus “oásis”, está repleta de “desertos”, quero dizer, de muito que agride a minha sensibilidade. Concluí, afinal, que não é mesmo a cidade que me conforta e extasia, onde eu gostaria de viver. Isto apesar de ser para mim sempre entusiasmante visitar os seus magníficos museus, deslizar na imensa baía ou subir ao Empire State Building para desfrutar de uma extraordinária panorâmica, admirar os seus históricos edifícios e monumentos... Mas por amor a Deus, livrem-me daquele velho “metro”, das longas avenidas pejudadas de gente anónima que não me diz nada e dos centros comerciais gigantes que me abafam o raciocínio...

Quanto a Newark não escondo que foi muito gratificante rever locais que frequentei, no dia a dia, durante dois meses daquele ano já muito distante: a movimentada Ferry Street, a mais pacata Warwick Street, em especial o nº 92 (ex-residência dos meus tios), o contíguo alcunhado “Parque dos Mosquitos” e, inevitavelmente, o já citado Sport Club Português, onde teve lugar a festa de casamento da nossa Jeniffer.

Em Newark, com familiares, no casamento da minha segunda prima Jennifer



Os meus tios Lucília e António com os meus primos Daniel, Mariazinha e Manuel

A prima Ana Rita com o esposo Gonçalo e os filhos Rodrigo e Madalena

Por outro lado, guardo ainda na memória a figura de respeitável e “velha senhora” da minha segunda tia Patrocínia, irmã da minha avó Maria. Quanto à minha tia Lucília tive uma prolongada e muito gratificante convivência. Foi inegavelmente uma tia muito especial para mim e para os meus irmãos. Era um ser de grande entrega afectiva, sempre disponível para nos dar carinhos, que jamais esquecerei. Lembro-me ainda muito bem das visitas que nos fazia e lhe fazíamos, na Rua de Arroios, junto à ponte, quando ainda era miúdo. Continuaríamos a visitá-la com alguma assiduidade já na sua nova morada da Rua Pascoal de Melo, casa que, como a anterior, também me fascinava pelo seu requintado mobiliário, em particular os grandes espelhos que nos prolongavam para lá do limite físico das paredes de um extenso corredor. Os seus últimos anos de vida seriam algo dolorosos: primeiro por ter de tratar da minha avozinha Maria (que bem recordo na doçura do seu olhar sofrido), o que muito a abalou fisicamente; depois, por ter de lutar contra a terrível doença de Parkinson, que lhe toldou os movimentos, o que ainda hoje muito me dói.

Enfim, dos irmãos da minha querida mãe, só esta minha tia, casada com o meu tio Cunha, não emigrou. Foram pais dos meus primos Mariazinha, Daniel e Manuel, que nasceu um latação com uns avantajados 5,300 kg – nada menos! Durante vários anos, até constituirmos as novas famílias, tivemos encontros frequentes que passaram, depois, a rarear. É claro que recordo com alguma saudade esse tempo, passado sobretudo nas casas destes meus tios. E, a propósito, não posso esquecer a carinhosa e dedicada Madalena, a serviçal de uma vida, que era, afinal, mais um membro da família, que quase me vira nascer e que muito me estimava.





Os meus primos Daniel e Helena com os seus filhos Nuno e Ana Rita, quando da formatura desta

O Nuno e a Marília com os filhos Dinis e Diana



Parte da família reunida quando da visita ao Brasil dos meus tios Graciano e Amélia



Os meus pais, no Brasil, com a minha prima Julieta, esposo e filhos.

Da direita para a esquerda: Lucília, filha Maria Aparecida, neta Aline e bisneta Manuela





A minha prima Vilma com o esposo e os pais, meus tios, Francisco e Margarida

Os meus primos "brasileiros" junto à noiva Leticia, filha de Vilma



Ainda no casamento da minha prima Jennifer, com os meus tios Orlando e Cecilia, suas filhas e outros familiares

A minha tia Lídia e os meus primos Maria da Graça, José Graciano e José Alberto





Em casa da minha prima e afilhada Cecília, em animada confraternização
Observando um catálogo meu de uma recente exposição individual



A posar com os meus primos José Joaquim e António Carlos em pausa do almoço

Em agradável confraternização com meus primos, filhos, sobrinho Vasco, e não só...





Numa agradável visita ao Palácio da Pena com a minha prima/afilhada Cecília e esposo Manuel

Os meus primos com a minha esposa e sua mãe



O meu filho Marcos com a minha prima Vilma e a filha Leticia, quando da sua visita a Portugal

Um abraço familiar da minha esposa e prima Vilma

Aproveitando a brisa



Com o meu primo Orlando, em Sezures





Em pleno Guincho com o meu filho e minha prima Vilma

Com o Yoichi, esposo da Vilma



Em alegre convívio familiar, nos Estados Unidos da América

Com a minha afilhada e as filhas



Com a minha irmã e a minha prima afilhada Cecília

O meu primo José Graciano e esposa



OS MEUS FAMILIARES PATERNOS

Dos meus avós paternos sei que a minha avó Ana Prazeres terá nascido por volta de 1890 e viria a falecer em 1945, logo, com cerca de cinquenta e poucos anos, quando eu não teria mais de quatro. Por este facto dela só guardo a vaga imagem de um vulto vestido de negro. Por outro lado, do meu avô António (que tinha a alcunha de “Religioso”), nascido cerca de uma década antes, lembro-me bem e tive com ele alguma convivência. Era um homem calmo e atencioso respeitado pelos seus conterrâneos, que me transmitia uma serenidade fraterna, com a qual me sentia acarinhado. E só as parcas condições da sua habitação e o facto de viver com algumas dificuldades não permitiam que passasse consigo um tempo mais significativo das minhas férias, quando passadas lá na aldeia.

Pelo que sei era um bom contador de histórias e nunca foi muito de “sujar as mãos”, preferindo trabalhos mais leves... Terá estado três vezes no Brasil, onde trabalhara como criado de gente abastada. Sobre o seu falecimento creio que se deu aos 77 anos, ou seja, quando eu tinha 16. E ainda recordo, com imensa mágoa, a tarde em que, ao chegar a casa das minhas aulas, o meu pai, mesmo à entrada da porta da rua, me disse: “O teu avô morreu”...

Só lamento que não saibamos as datas exactas do nascimento e falecimento destes meus queridos avós. A verdade é que, alguns anos atrás, consultei a Junta de Freguesia neste sentido, mas disseram-me que não possuíam qualquer documentação. Sinal daqueles tempos – digo eu. Acresce dizer que foram pais de quatro filhos: os meus tios Luís, João e António, além – claro está! – do meu pai. O meu tio João, nascido em 1912, ainda na adolescência foi servir em casa de uma família de uma localidade próxima chamada Campina, onde conheceu a sua futura esposa, a minha tia Cidalina. Cedo, porém, emigraria para o Brasil à procura de uma vida mais desafogada, tendo ido trabalhar para as fazendas do nosso primo Diamantino. Para dizer a verdade apenas tenho uma pálida ideia deste meu tio porque, além do mais, nunca voltaria ao seu torrão pátrio, tendo falecido do outro lado do Atlântico.

O meu tio Luís, nascido em Janeiro de 1909, foi o filho mais velho dos quatro irmãos, logo, o mais sacrificado. Desde criança que se viu obrigado a guardar ovelhas e a trocar a escola pelas serranias (mesmo durante o frio agreste dos dolorosos Invernos), onde – segundo nos dizia com indistigável orgulho – aprendeu a ler no livro que tinha sempre à mão... Inconformado com um quotidiano cheio de privações, experimentou, numa teimosia constante, as mais diversas profissões, sempre na ânsia de melhorar a sua dura vida, exercendo sucessivamente as de trabalhador agrícola, carpinteiro, vendedor de minério, tamanqueiro e até de vendedor de quinquilharias, a partir dos 38 anos, primeiro nas ruas de Lisboa, depois em feiras, local de encontro do povo ao qual pertencia e no qual encontrava a sua razão de ser. Vítima de uma doença grave, pouco tempo depois de vir para a capital, que o pôs em risco



O meu inesquecível tio Luís, um homem sofrido com alma de poeta

de não mais andar, lograria, contudo, uma cura satisfatória que lhe permitiu fazer uma vida normal. Casou, aos 47 anos, com Maria de Jesus, dedicada companheira até à hora da sua morte, ocorrida ao fim de 25 anos de vida em comum, na véspera do seu 72.º aniversário.

Confesso que tinha por ele uma genuína admiração e só lamento que, pela diversidade das nossas vidas, tivéssemos estado pouco tempo juntos. Recordo, porém, a sua figura esguia, o trato afável e a amizade que nos unia. Via-o como um espírito sonhador de rara sensibilidade, um dos poucos humanos deste país, entre os muitos que não tiveram infância, que teve o condão de se exprimir em prosa e verso, escrevendo peças de teatro e quadras de enorme simplicidade e humanidade, com as quais animava as festas da sua aldeia, que também organizava, até vir para Lisboa. Versos sobretudo trespassados de sofrimento e de mágoa, mas também de resignação e de esperança, alguns dos quais viu impressos em folhetos, que eram cantados e vendidos por cidadãos invisíveis pelas ruas das nossas cidades.



O meu tio João, tia Cidalina e filhos

Com os meus pais, tio João, padrinhos e primo Zeca



Fui, pois, contemplado com dez tios de sangue. Com todos tive alguma convivência, mais duradoura ou mais fugaz. A certa altura, porém, com maior ou menor longevidade, foram desaparecendo, restando-me agora apenas o meu tio António, o irmão mais novo do meu saudoso pai. Começou, ainda adolescente, a trabalhar na extração de volfrâmio (tungsténio, melhor dizendo), descoberto em algumas zonas da sua aldeia, tais como o baldio Matos da Costa ou as Cirqueiras (propriedade onde, anos mais tarde, os meus pais mandariam plantar uma vinha em parte da sua área que então adquiriram), no tempo da devastadora 2.ª Guerra Mundial. Conta-me que os “cobres” que ganhava dividia-os em três partes: uma dava aos pais, outra gastava nas suas pequenas extravagâncias e a outra entregava-a ao amigo da família, Zé da Lapa de seu nome, que era, afinal, o seu “banco”...

Chegada a altura própria foi incorporado no serviço militar, que cumpriu em Vendas Novas, ingressando depois na P.S.P. por influência do sogro, pai de minha tia Odete (irmã da já referida tia Cidalina), que recordo com saudade e também com mágoa, pela sua vida fisicamente muito sofrida. A carta de condução tirada na “tropa” muito útil lhe seria por toda a vida. Na sua longa profissão de polícia (diz-me que só fez patrulhas uns três, quatro meses) foi motorista do “Comando” e nos intervalos do serviço distribuía géneros alimentares para ganhar mais algum. Trabalharia ainda para a Cooperativa Militar e como taxista. Afirma que poderia ter chegado a Chefe da Polícia, mas preferiu não o ser porque teria de ir para fora de Lisboa, o que não era do seu agrado e da família.



Os meus tios António e Odete e o primo José Augusto, na Serra da Estrela

De 2017 a 2019, de vez em quando, passei a almoçar com este meu tio na “sua” tasca do Batista, situada em Alfama, próximo de Santa Apolónia, que frequenta há décadas, onde é estimado pelos donos e não só. Apesar da sua já longa idade ainda come uma refeição completa, bem regada com vinho tinto. Aconselho-o a cortar um pouco na alimentação.

Concorda, mas confessa-me que não consegue resistir. Vejo nele um homem saudável e feliz, que respira a vida em todos os seus momentos. Sente que é uma pessoa “rica”, que sempre teve sorte, que gosta das coisas boas da vida e rejeita as que lhe desagradam, inclusivamente as que vê na televisão. Afirma que a sua vantagem é ser bom de sangue (da sua mãezinha...) e de coração.

Com sentido de humor diz-me que aos 80 anos fez contrato com o S. Pedro até aos 100 anos e que é renovável... Aprecio um pensamento que o orienta e que me apraz aqui registar: “Gosto de viver, de conviver e de ver viver”. Revela-me que se condói com os sem abrigo, por estarem inibidos de viver em plenitude, com carências que ferem a sua dignidade. Estimulo-lhe a sua já débil memória, relembrando-lhe algo do seu passado longínquo, da sua terra, das suas gentes, das suas vivências, muitas já apagadas, outras ainda com leves reminiscências no “baú” das suas recordações. Quando me fito nos seus olhos semi-cerrados descubro-lhe o gosto de viver, a firmeza das suas convicções, a nostalgia de tempos antigos. Revejo nele o meu saudoso pai. Decididamente, sinto-me muito gratificado por ter um tio assim. Nos últimos anos a sua saúde caiu abruptamente. Agora vive alheado a tudo que o rodeia, mas já chegou aos 99 anos! Que saudades imensas tenho dos nossos encontros!

O seu último dia terreno chegaria a 6 de Dezembro de 2024, apenas a escassos meses de um século de vida. Partiu, de certo, convicto de que fôra um bom cidadão e que usufruira a vida na sua plenitude. Acreditem que o recordo como um companheiro exemplar que muito valorizou a minha existência.

Com o meu saudoso tio António num sempre animado almoço de um dos seus últimos aniversários



Na inauguração de uma exposição minha e do meu filho



Junto à minha esposa, os primos José Augusto, Teresa, Diana e Luís Henrique

Agora com a minha filha



1.3 OS MEUS PAIS, IRMÃOS E SOBRINHOS

Os meus pais – ao que sei – eram primos afastados. A minha mãe tinha vindo para Lisboa, ainda adolescente, para servir em casa da minha segunda tia Patrocínia. O meu pai viera cumprir o serviço militar. O afecto que os unia, da convivência na sua aldeia, foi-se fortificando. O desejo crescente da minha mãe em deixar de servir e o do meu pai em não voltar aos trabalhos duros da adolescência aproximou mais a sua relação. Em 6 de Janeiro de 1940, Dia de Reis, teria lugar o seu casamento pela Igreja. Começavam nesse dia, já muito distante, uma nova etapa das suas vidas. Uma aventura gozada e sofrida, afinal, que se prolongaria por nada menos de 50 anos menos uns escassos quatro dias. Eu seria o primeiro fruto desta longa relação de amor. E ainda hoje sinto o peso de uma responsabilidade acrescida.

Os meus pais foram, a todos os títulos, um magnífico exemplo para mim e também para os meus irmãos – estou certo. Sendo pessoas de origens humildes pautaram a sua vida por valores nobres, de honestidade, bondade, espírito de sacrifício e responsabilidade, algo que muito marcou a minha conduta de vida. Tendo nascido e crescido numa aldeia beirã – Sezures – foram uns dos muitos portugueses vítimas de um país subdesenvolvido, isolado da Europa e do Mundo, no qual grassava a iliteracia e a pobreza. Não admira, pois, que a sua formação escolar fosse “letra morta”, melhor dizendo, a minha mãe ia uma vez por outra às aulas (já que por ser a mais velha tinha, além de outras tarefas, de cuidar dos seus irmãos mais novos), mas lá conseguiu, à custa de férrea vontade e de inegável inteligência, concluir a tão almejada 4.^a classe. Quanto ao meu pai, nem sequer por lá passou, pois a prioridade era trabalhar no campo para ajudar no escassíssimo orçamento familiar, tal como tinha acontecido com os seus irmãos mais velhos, Luís e João, já que o mais novo, António, seria mais afortunado devido aos ganhos com a exploração de volfrâmio durante a 2.^a Guerra Mundial.

O prédio da Rua Alves Torgo, junto ao apeadeiro do Areeiro, de inesquecíveis recordações, onde morei até aos 14 anos



A minha tia Margarida e a minha mãe mascaradas a rigor

Vivia-se, então, de facto, um tempo de muitas privações. Dizia-me a minha mãe que, quando era miúda, sempre que os meus avós compravam sardinhas (o que raro acontecia) era para a miudagem um dia de festa. Só que – pasmem! – uma única sardinha era para três irmãos. Um comia a parte do rabo, outro a do meio e a minha mãe a da cabeça, por ser a mais velha e normalmente a mais sacrificada. E cabe dizer que os meus avós maternos não eram – longe disso! – os mais pobres da aldeia.

Eu e os meus irmãos nascemos na Maternidade Magalhães Coutinho, então instalada no Hospital de S. José, ou seja, no coração da nossa Lisboa: o Martim Moniz. Eu nasci a 1 de Março de 1941, 15 dias após o grande ciclone que assolou Lisboa e seus arredores. Segundo me dizia a minha mãe, um ano depois, em 5 de Março, nasceu a minha irmã Lucília, que faleceu ainda bebé e da qual não tenho a mínima recordação.

Sei que vivi os meus primeiros tempos de vida na Rua Barão de Sabrosa, mas só me lembro de ter habitado as chamadas águas-furtadas do último prédio da Rua Alves Torgo, o n.º 450, situado paredes-meias com a casa da guarda do apeadeiro do Areeiro. Aqui morei até aos 14 anos com os meus pais, Lídia e Américo e os meus irmãos Fernando e Ana Maria, respetivamente 6 e 10 anos mais novos que eu. E não podia deixar de dizer que vivemos uma infância tranquila, com muita amizade, apesar da nossa diferença de idades, na união dos valores transmitidos pelo exemplo dos nossos pais.



Ainda bebé (a minha primeira fotografia que conheço) com os meus queridos pais

Esta nossa habitação tinha condições muito rudimentares. Dispúnhamos apenas do quarto/sala dos meus pais e de um pequeno quarto interior, onde dormia com os meus irmãos e que tinha uma janelinha que dava para a cozinha. Os outros espaços eram ocupados pelo casal D. Beatriz e Sr. António; a D. Quitéria, já de avançada idade e a D. Fernanda, o

Sr. Manuel e a filha Manuela, que ocupavam uma área maior. Não tínhamos gás e corrente elétrica instalada, pelo que só dispúnhamos de candeeiros e fogões a petróleo. Era, assim, com uma ténue luz que fazia os meus trabalhos escolares, incluindo alguns jornais de parede mandados fazer pelo meu professor de Português do Ciclo Preparatório.

Com os meus pais e irmão, quando eu tinha oito anos



Mesmo frente à porta de entrada havia uma escada com cinco degraus que dava acesso ao telhado, que também fazia parte do nosso local de recreio, com todos os perigos inerentes. Um dia o meu irmão caiu desta pequena escada e partiu pela primeira vez a cabeça. A segunda vez foi numa ocasião em que andávamos aos pulos em cima da cama festejando a visita da nossa tia Lucília... No decorrer de tanta euforia empurrei-o e ele bateu com a cabeça na esquina de uma das mesas de cabeceira. Um azarento, este meu irmão! Mas acresce dizer que as suas fraturas cranianas não ficaram por aqui. Se bem me lembro ainda teve mais duas. Quanto a esta nossa tia, de quem muito gostávamos, o facto é que era para nós sempre um dia especial quando nos visitava, pois nunca se esquecia de nos trazer um miminho para comer... Quando a íamos visitar tínhamos também um lanche para nos deliciarmos!

Os brinquedos de que dispúnhamos eram de cartão, madeira ou lata, materiais usados naquele tempo em que o plástico ainda não estava comercializado. Tinha um esmerado cuidado com os brinquedos, que faziam parte do meu pequeno mundo de fantasias. Lembro-me, por exemplo, do meu burrico de cartão, ao qual, com a ajuda da minha mãe, vesti uma albarda para enfrentar melhor o rigor do Inverno... Além do meu irmão também a Manuela era uma companheira habitual das nossas inocentes brincadeiras, que incluíam brincar aos médicos, às mercearias (na altura os supermercados ainda não existiam...) aos cozinhados e também às escondidas e ao toca e foge.

Com os meus pais e irmão bebé



A minha irmã com a nossa tia Lucília e o primo Manuel

As noites de Natal eram sempre aguardadas com muita ansiedade. Os brinquedos, depositados de madrugada na chaminé da cozinha, seriam abertos na manhã seguinte com notória expectativa e não menos euforia. Eram brinquedos simples, por vezes algumas roupas, que nos aqueciam o corpo

Num outro dos nossos habituais passeios



Com a minha mãe, primo e irmãos

e não só... Pelo que acabo de referir parece-me evidente que a minha infância foi muito caseira, facto que terá decerto determinado a minha timidez, que só comecei a ultrapassar no final da adolescência.

Porém, nem tudo eram reconfortantes fantasias. A verdade é que nasci durante a 2.ª Guerra Mundial, pelo que se viviam tempos de enormes dificuldades, em que os géneros para a alimentação eram adquiridos com as designadas senhas de racionamento. Muitas vezes era eu quem ia à mercearia (a do outro lado da linha do comboio), propriedade dos avós de Manuela, comprar as escassas quantidades a que tínhamos direito, de arroz, azeite, açúcar, batatas, massas – eu sei lá!...

Quando tinha 11 anos, a Manuela foi para o Brasil com a mãe ter com o pai que para lá tinha ido, um ano antes, para fugir à nossa polícia política. É que o seu sentimento de revolta contra o Estado Novo levou-o a divulgar propaganda comunista na empresa Carris, onde era guarda-freio dos eléctricos. Chegou mesmo a estar preso na Cadeia do Aljube, ali à Sé de Lisboa, felizmente por pouco tempo, mas o suficiente para angustiar os seus mais queridos. Com as suas saídas passámos a ocupar o espaço onde habitavam. Além dos meus pais e irmãos tínhamos a visita, durante o período invernos, do meu avô paterno, vindo das geladas terras da Beira Alta. Era um homem alto para a época, seco de carnes – como diz o povo – e mãos enormes. Sabia-me bem tê-lo na nossa companhia. De vez em quando levava-me até à Praça do Areeiro (hoje Sá Carneiro), onde eu ia desenhar os eléctricos, os prédios, os automóveis e as pessoas...



Ainda criança com alguns meus familiares



Os meus padrinhos e o primo Zeca

Em Sintra, na companhia da minha mãe e irmãos



Recordo também ainda alguns dos meus medos e angústias de então: os pequenos tremores de terra que abanavam aquele prédio desamparado, que nos obrigavam a segurar os móveis mais altos antes que tombassem; os fantasmas que diziam haver lá em casa e, mais ainda, os meus sonhos perturbados, nos quais via ladrões a empurrar a porta de entrada, que eu próprio tentava desesperadamente contrariar até, em aflição, acordar. O meu maior pesadelo, porém, era, sem dúvida, o de viver em sobressalto constante devido ao “matadouro” que constituía o apeadeiro. O facto é que, a poucos metros da passagem de nível com guarda, havia outra sem qualquer protecção, pela qual também passavam pessoas, carros e animais. Lembro-me bem, além do mais, de um carro e seu ocupante serem apanhados pelo “rápido” ou de um cavalo ter ficado cortado ao meio, o que acontecia normalmente, por serem surpreendidos pelo nevoeiro.

Os massacres mais frequentes, porém, eram os de pessoas desesperadas que se atiravam para debaixo dos comboios, de que resultavam corpos despedaçados e longos rastros de sangue. De todos estes horrores, o que mais me marcou e retenho nitidamente na memória foi o de um jovem como eu que, ao querer apanhar o comboio quando iniciava a sua marcha, escorregou pelo espaço entre este e a plataforma, tendo ficado com uma perna completamente descarnada. Os seus gritos lancinantes ainda hoje ecoam nos meus ouvidos. E fico a pensar como o “destino” foi terrível para esse jovem e de como, em poucos segundos, muitos dos seus sonhos terão desmoronado, submersos no sofrimento atroz que o terá acompanhado pela vida fora.

Em 1955 – creio – mudámo-nos para o Bairro do Grilo, contíguo ao da Madre de Deus, onde há muito mora o ex-Presidente da República Ramalho Eanes. Um bairro camarário, pacato, habitado por gente humilde e de recursos modestos. Aqui vivi até aos meus 26 anos, altura em que me casei, embora, nos cinco anos seguintes, tenha morado na Calçada D. Gastão, ali perto, num prédio de construção recente, implantado mesmo ao fundo da íngreme Calçada do Grilo. No referido bairro passei,

O meu pai com o tio António e o Quino



À porta da nossa casa, no início do meu percurso artístico, perante a curiosidade de dois jovens vizinhos

pois, o final da minha adolescência e o início da minha idade adulta. De acrescentar, ainda, que durante alguns anos os meus pais tiveram uma mercearia (muito próximo da nossa casa) instalada num espaço contíguo a um lugar de frutas e hortaliças, que era dos meus tios António e Odete. Foi uma experiência complicada para todos, que resultou numa sobrecarga de trabalho e de preocupações, sem o retorno financeiro desejável, facto que os levou a desistir deste tipo de negócio.

Na minha infância – como já referi – fui um miúdo caseiro, pelo que a prática desportiva foi quase inexistente. Só quando aluno do Ciclo Preparatório é que fiz alguma Educação Física e jogava à bola e à boina quando tinha oportunidade. Já na Escola Industrial o nosso professor Anacleto (que leccionava Religião e Moral) detetou-me, não sei porque “carga de água”, uma anomalia cardíaca só a olhar para o meu pescoço – vejam bem! Tinha os meus 14 ou 15 anos, o que muito compreensivelmente preocupou os meus pais e a minha mãe em particular. Apesar deste sobressalto, que não passou de “fumo sem fogo”, fazia as minhas aulas de ginástica e na Rua da Margem, onde morava e não havia circulação de carros, jogava futebol com a “malta” do bairro, com bolas de trapos e de borracha (o que era um luxo...) ou, para variar, hóquei em campo com bolas dos matraquilhos, tendo as sarjetas como balizas. Os sticks podiam ser ripas de madeira (especialmente os dos guarda-redes) ou rijos toros de couve portuguesa...



Os meus pais com os meus jovens filhos

A ABNEGADA LUTA PELA SOBREVIVÊNCIA

Contava-nos o meu pai, com muita vibração e até emoção o seu trajecto como embalador de louças, primeiro na fábrica de cerâmica que existia na Rua do Arco Cego, local em que há anos se ergue o majestoso edifício da Caixa Geral de Depósitos (símbolo da opulência deste exíguo país ainda em vias de desenvolvimento); depois numa loja na Calçada do Combro, cujo patrão (de humor azedo, mas coração generoso) era cliente daquela fábrica, onde o foi contratar. E era com indistigável orgulho que nos descrevia como ali tinha passado, por indiscutível mérito, de simples embalador a encarregado de embalagem, apesar de na secção haver colegas mais antigos. Confesso que, pela minha pouca idade, não me lembro desta fase profissional do meu querido pai. Lembro-me, sim, da sua atividade de vendedor ambulante, pela qual terá optado – ao que dizia – por já estar farto do humor do patrão, tendo, portanto, resolvido tentar a sua sorte por conta própria, facto que evidenciava o seu desejo de liberdade e independência.

Ora vendendo gravatas (num tempo em que este tipo de negócio era feito mais por imigrantes chineses) penduradas numa barra de madeira que transportava suspensa num dos ombros; ora vendendo quinquilharias (peças diversas de pequenas dimensões) expostas num tabuleiro que era assente num cavalete, o meu pai percorria as ruas, normalmente na

zona da Praça do Chile, em busca de clientes ocasionais, quase sempre em número muito escasso, numa luta diária pela nossa sobrevivência. E sobre esta esgotante e nobre profissão não posso deixar de referir que os denominados vendedores ambulantes, mesmo os que pagavam a sua licença – como era o caso do meu pai – eram perseguidos pelos polícias, que os obrigavam a estar sempre a circular. Entre os polícias, o mais famoso, ainda que por más razões, era, então, o “nove dedos”, da Esquadra de Arroios, assim alcunhado – dizia-se – pelo facto de uma peixeira revoltada, em tempos idos, lhe ter arrancado um dedo à dentada!

Recordo-me ainda que aos fins-de-semana andava de obra em obra, onde contactava com os operários, que lhe compravam algumas peças do seu “stock”. A certa altura, porém, os meus pais começaram a vender em feiras de diversas localidades, tais como Aqualva, Alenquer, Bombarral, Lourinhã, Malveira, Marinhas, Sintra ou Torres Vedras, sobretudo roupas, que se tornaram o ramo principal e até exclusivo do seu negócio. E, ainda hoje, bem me recordo do seu esforço hercúleo nesta extenuante profissão, que ia desde o levantar cedíssimo e chegar ao local, ao montar e desmontar a dita barraca (cujo equipamento era transportado, juntamente com a mercadoria, na sua imprescindível furgoneta, conquistada em muitos sóis de árduo labor), passando – claro está! – por um dia inteiro a atender hipotéticos clientes, alguns muito indecisos e que davam uma trabalhadeira a convencer.

À minha mãe, um pouco mais aliviada desta tarefa, embora o acompanhasse e ajudasse na maioria das feiras, cabia-lhe outra não menos penosa, que era a de costurar blusões e calças em rija napa (peças de vestuário muito solicitadas, em particular no rigor dos invernos), trabalho violento que realizava com admirável abnegação. Acresce dizer que, de todas as feiras que faziam, para mim a mais emblemática era a bem conhecida Feira da Ladra, ainda hoje situada no Campo de Santa Clara, paredes-meias com o nosso majestoso Panteão, onde repousam alguns (poucos) dos mais ilustres portugueses da secular história deste país, do qual nos devemos orgulhar. Realizando-se às 3.ªs feiras e sábados, esta feira, onde tudo se vende e se compra, novo ou usado, era o meu ponto de encontro favorito, sempre que tinha alguma disponibilidade para dar uma “mãozinha”, já que nas restantes – devo dizê-lo – a minha presença era reduzida, apenas com uma pequena excepção, a da bela Sintra, na qual tinha lugar a denominada Feira de S. Pedro, realizada nos segundos e quartos domingos de cada mês.

Confesso que nunca tive grande apetência para frequentar feiras e muito menos para vender seja o que for, pois sempre me faltou o jeito de vendedor. Mais ainda, nestes tempos já andava absorvido em outros desafios para mim muito mais aliciantes... Razões, afinal, que me levaram a ser tão ausente na ajuda aos meus pais nesta tarefa, de que ainda hoje me penalizo, mas que não foi, de modo algum, uma atitude de má vontade – acreditem. Quem foi mesmo um ajudante dedicado – é justo dizê-lo – foi o meu irmão que, ao contrário de mim, cedo revelou um jeito especial para esta atividade, sendo, por assim dizer, o “braço direito” dos nossos progenitores, desde a sua juventude até aos 22 anos, quando se casou. Mas também é justo dizer que a minha irmã foi igualmente uma ajudante dedicada durante os anos da sua adolescência e depois com o meu cunhado Manuel.

A terminar, não resisto a revelar que (ainda bem me lembro) num fim de tarde, na dita Feira da Ladra, quando já teria mais de 60 anos, o meu pai me disse que se fosse preciso para sustentar a família estava disposto a ir trabalhar para as obras. Afirmação convicta que jamais esquecerei e que demonstra a pureza e a consistência do seu carácter: o sentimento profundo de responsabilidade e o incondicional amor aos filhos. Obrigado, pai, pela pessoa extraordinária que foste e pelo exemplo que deste a mim e aos meus irmãos. Sempre te recordarei e à minha mãe como o “farol” que me guiou no meu, agora, já longo percurso de vida.

Os meus pais na companhia dos meus filhos e dos da minha irmã



Mais ainda, gratifica-me muito poder afirmar que um dos valores mais nobres que herdei dos meus pais foi a honestidade. Tal como eles sou de um tempo em que a palavra era um compromisso de honra que dispensava assinaturas. É algo “sagrado” de que nunca abdiquei e estará sempre presente na minha vida. Nestes novos tempos em que a palavra vale cada vez menos e que – quantas vezes! – não é respeitada, mesmo sendo escrita e autenticada, fico a pensar que a honra dos seres humanos tende, cada vez mais, para um vazio que nos conduzirá, inevitavelmente, ao caos nas suas relações.

O SOFRIMENTO DA MINHA QUERIDA MÃE

Ao contrário do meu pai, que fora normalmente uma pessoa saudável – como referi – a minha mãe debateu-se ao longo da sua vida com diversos problemas de saúde, tais como diabetes, reumatismo e insuficiência cardíaca, tendo, nos últimos anos, enormes dificuldades em movimentar-se. Era, pois, uma mulher muito sofrida, mas de um estoicismo admirável. Mesmo doente preocupava-se com o nosso bem-estar acima de tudo. A grave doença do meu pai em 1986, a que me refiro mais à frente, deixara-a muito abalada e o seu coração, cada vez mais debilitado, aumentava-lhe o sofrimento. O seu estado de saúde agravou-se avassaladoramente nos seus derradeiros anos. Já de cama, quando a visitava, sentava-me a seu lado, entreláçávamos ternamente as nossas mãos e falávamos de

inesquecíveis passagens das nossas vidas. Angustia-me o sentir-me impotente para lhe minorar o sofrimento. Algo que, ainda hoje, me causa uma dor que não esqueço. Os últimos dias da sua existência terrena foram no Hospital Curry Cabral. Por ironia deixou-nos no dia de anos de meu pai, a 2 de Janeiro de 1990, quatro dias antes dos 50 anos de casados e três dias depois de fazer (apenas) 75 anos.

Se é inegável que amava o meu pai também é verdade que a relação com a minha mãe era especial. Havia entre ambos uma ligação tão profunda que não consigo explicar por palavras. Foi para mim sempre uma amiga e confidente incondicional, encobrindo os meus devaneios da juventude, acarinhando-me, sempre orgulhosa dos meus pequenos feitos e exultando ou sofrendo conforme as nuances da minha vida. Quanto ao meu pai era mais ligado ao meu irmão e vice-versa, embora tenha a certeza de que amavam os seus filhos de igual modo, tal como nós os amávamos.

Ficámos naquela noite gélida a velar o corpo inerte da nossa querida mãe, enrolados em cobertores. Era a noite mais cruel e mais longa da minha vida... Na manhã que se seguiu acompanhámo-la ao Alto de S. João, a sua última morada. Quando abriram a urna para o último adeus, gritos de dor e choros incontidos ecoaram como lanças que nos trespassavam os corações. Com um nó apertado na garganta pedi perdão à minha querida mãe por atos que a tivessem feito sofrer. Beije-lhe o rosto gélido para a sentir dentro de mim. Depois, fiquei a olhar de olhos parados e respiração suspensa para a cova aberta. Estava um dia cinzento, carregado de chuva. Atravessei o chão lamacento, agarrado aos meus irmãos, em passos lentos e trémulos. Foi a primeira vez que vi o meu querido pai a chorar e quando a terra pedregosa ia caindo em cima da urna afundada naquele indesejável buraco, proferiu com a voz embargada de comoção: “nunca mais voltaremos a vê-la”!

Uma vez por semana, durante cinco anos, repeti o “ritual” de visitar a minha falecida mãe. Levava-lhe sempre um ramo de flores: margaridas amarelas ou brancas, por vezes cravos de cores diversas. Descia aquela rampa de alcatrão logo à direita da entrada, ladeada de ciprestes e jazigos, onde repousam, há muito, corpos de várias gerações, que já foram vida. Percorria depois o talhão 7, entre sepulturas térreas que estrangulam as múltiplas passagens, num labirinto geométrico, onde cada um procura os seus entes queridos. Algumas árvores em redor, muitas flores nos vasos tumulares, umas ainda viçosas, outras já no ocaso da vida e outras ainda apenas imitando a Mãe Natureza.

Quando, finalmente, chegava à campa 41 pousava o ramo de flores, curvava-me para beijar o seu retrato, colocado na sua lápida, onde estavam incisas as datas do início e fim do seu percurso terreno e se expressava a saudade eterna dos seus mais queridos. Naqueles momentos silenciosos recordava



Os meus queridos pais na nossa casa de Sezures

amargamente o 2 e 3 de Janeiro de 1990. Os dias de lágrimas irreprimíveis em horas de desespero! É que ficarmos sem a nossa mãe é perdermos parte significativa de nós próprios. É sentirmos um enorme vazio e uma dor muito funda, aguda e sufocante, que nos dilacera o coração. Para sempre...

OS ÚLTIMOS ANOS DE VIDA DO MEU QUERIDO PAI

Antes de mais, não posso deixar de referir, que em 1986, o meu pai, na altura com 72 anos, que – como já disse – sempre fora um homem saudável, contraiu um câncer no estômago, o que, compreensivelmente, nos deu enormes preocupações. Lembro-me, ainda, com aguda nitidez e de coração dilacerado, o momento em que o Dr. Silva Ramos (que eu já conhecia quando era o Presidente da Associação dos Encarregados de Educação da “minha” Escola de S. João do Estoril), no Hospital dos Capuchos, me informou e ao meu irmão da grave doença do nosso querido pai. De posse de tão dolorosa revelação tentámos esconder-lhe a verdade, assim como à nossa querida mãe, que víamos em grande aflição, dizendo-lhes que se tratava de uma úlcera. E ainda hoje nos interrogamos se os nossos pais acreditaram, mas estou em crer que não.

Quando, alguns dias após ter tido alta, o acompanhei à consulta do seu cirurgião, o Dr. Silva Martins, na saída, “à socapa”, perguntei-lhe sobre as perspectivas de vida do meu pai, tendo-me dito que não iria morrer deste problema. E a verdade é que sobreviveria ainda 16 anos, sendo vencido por outra doença que lhe foi fatal, enquanto a minha mãe estaria entre nós apenas menos de quatro. Mas claro que, no período pós-cirurgia, teve de ser submetido a dolorosos tratamentos de químio, que suportou com notável estoicismo, revelando uma férrea vontade de viver. Acabaria, afinal, por vencer esta difícil etapa da sua vida, para grande alívio de todos nós.

O falecimento da minha mãe deixou o meu pai muito em baixo. Apesar de o querer disfarçar notava-lhe um nervosismo e insegurança que não lhe era habitual. Sendo um homem muito activo quis tratar de tudo o que foi necessário, só solicitando a nossa ajuda no que era mesmo imprescindível. Continuava a gostar de fazer caminhadas, mais ou menos longas, através da cidade, do que se regozijava, isto apesar de ter passe da Carris – vejam bem! Ia com frequência – segundo me dizia – do “seu” Bairro do Grilo (acima de Xabregas) ao Alto de S. João visitar a minha mãe, descendo depois à Praceta Paiva Couceiro, ou até mesmo à Alameda da Fonte Luminosa, locais onde se entretinha a assistir aos jogos de cartas de reformados como ele. Mas, outras vezes, deslocava-se até à nossa “Baixa” (de transporte quando as forças já lhe escasseavam), em alguns dias para ir ter comigo.

Para lhe aliviar um pouco a perda da “nossa” querida mãe fazíamos um encontro semanal, normalmente às 5.ªs-feiras. Era um hábito que nos sabia muito bem, que nos reconfortava

a alma e que por ser fugaz tinha de ser vivido com intensidade por se sentir que era algo que não se repetiria sempre. Ia ao seu encontro no Terreiro do Paço e vínhamos Rua do Arsenal acima até ao “Escondidinho”, à entrada do Corpo Santo, onde almoçávamos. Um “snack” a atirar para tasca à maneira antiga, no qual, àquela hora, se juntavam empregados bancários e de escritório e operários diversos, num ambiente de boa disposição, quase familiar. Fazia questão que o meu pai comesse de preferência peixes cozidos ou grelhados, evitando as carnes, de porco em particular, que na sua casa consumia com frequência. Durante a refeição falávamos de coisas que nos pareciam oportunas, como da sua saúde, dos cuidados a ter, dos meus irmãos, dos seus netinhos, da família em geral, de um pouco das nossas vidas, enfim.

Findo o nosso almoço acompanhava-me até à Estação do Cais do Sodré, pois eu tinha horário a cumprir na escola. Ficava ali junto à porta da minha carruagem, tocando-a com as suas mãos, como a querer que esta não se fechasse. Olhava-me com um terno sorriso e lentos acenos. Fazia-lhe sinal de que a porta fecharia de um momento para o outro, para que tivesse cuidado... Até que o apito que anuncia as partidas se fazia ouvir. Chegara o momento final do nosso reencontro. Fazíamos acenos, vibrantes e prolongados até os nossos olhares se distanciarem de vez. Sentia, naqueles momentos de despedida, um apertar do coração, reconfortante e doloroso ao mesmo tempo. Porque acabara de estar com alguém que muito amava, mas também porque chegara a hora da separação que não desejávamos, mas que era inevitável.

Uma das últimas fotografias com o nosso querido pai na companhia dos meus irmãos



A gaveta funerária no Cemitério do Alto de S. João, onde repousam os meus queridos pais

Alguns anos depois do falecimento da minha mãe, o meu pai sofreu uma violenta queda, em casa, que lhe provocou um grave hematoma cerebral. Uma vez mais, pois, entrámos em aflição, receando o pior desenlace deste traumatismo craniano, que felizmente seria resolvido numa intervenção cirúrgica, no Hospital dos Capuchos. Após este incidente receámos pelo que pudesse voltar a acontecer se o meu pai continuasse a viver sozinho, pelo que, com a sua total aceitação, passou a viver num lar com condições dignas, situado próximo da nossa Fonte Luminosa. Foi uma decisão muito difícil para nós, irmãos em particular, mas a verdade é que não tínhamos condições satisfatórias de acompanhamento em nossas casas. Confesso que ainda hoje me penalizo (nos penalizamos – creio) por esta decisão. Conforta-me, no entanto, de certo modo, constatar que o meu pai se sentia bem nesta sua nova morada, onde era bem tratado e convivia com os seus também idosos companheiros, nomeadamente em festas e passeios.

Visitava-o (tal como os meus irmãos e outros familiares) com alguma frequência, para que não se sentisse só e para lhe mostrarmos o nosso inquestionável afecto. Era sempre com indisfarçável alegria estampada no brilho dos olhos e no sorriso feliz que não continha, que me recebia. Em muitas das minhas visitas, quando estava mais receptivo e o bom tempo ajudava, dávamos uma caminhada pela Alameda e

houve até, pelo menos um dia – que me lembre – que fomos até ao Jardim da Gulbenkian. A crua realidade, porém, é que o meu pai (confirmando a inevitável lei da vida) se sentia cada vez mais debilitado. Via-o preocupado com o fim da sua existência terrena, ouvindo-o com frequência referir o Alto de S. João como a sua próxima morada, o que muito me preocupava e tentava contrariar, apelando à sua formação cristã, recordando-o de que o futuro só a Deus pertence e que ainda viveria mais alguns anos...

A verdade é que o seu estado de saúde estava a degradar-se abruptamente. A sua próstata (que, em tempos idos lhe tinha dado alguns problemas) voltava a preocupar, acabando por ser operado. Mas o golpe fatal aconteceria em 2002, quando uma broncopneumonia o levou, de novo, ao Hospital dos Capuchos. Foi uma imensa mágoa vê-lo numa agonia galopante. Sentia que estava na recta final, sempre que o visitava, naqueles últimos e dramáticos tempos. A certa altura deixou mesmo de dar pela minha presença. Apertava-se-me o coração ver o meu querido pai (um homem que tanto tinha lutado para se agarrar à vida) assim inerte, ofegante, num sofrimento sem esperança, irremediavelmente vencido.

O dia 30 de Junho seria o último que estaria entre nós. Tinha 88 anos. A sua última morada foi o Alto de S. João, a mesma da minha querida mãe. No dia do seu funeral, uma vez mais, se reuniu a nossa família não emigrada, dando testemunho da amizade que nos une. Nestes dramáticos momentos reflito sempre sobre a nossa pequenez neste imenso universo. Interrogo-me acerca do valor da nossa existência e da nossa condição humana. Se a morte física é o fim ou apenas uma passagem... A perpetuação da solidão ou a felicidade plena? Uma partida sem retorno donde só resta a memória, ou a plenitude, ascende e libertação? Mas uma certeza me assalta: a de que despojados dos seus bens terrenos todos os humanos são iguais. Ou não será?

Na derradeira vinda do hospital não resisti a escrever:

QUERIDO PAI, nosso herói

Que dor amarga e aguda; que vazio imenso nos invade!

Como queríamos ouvir ainda os teus sábios conselhos e os ralhetes antigos em que nos formámos e crescemos. Ouvir-te contar, com entusiasmo contagiante, as tuas memórias de um passado longínquo, feito de viagens gozadas e sofridas, lutando sempre por dias mais claros, com menos bruma no horizonte, que buscavas com denodo para nosso bem. Construíste a pulso forte o teu percurso de vida para que o nosso fosse mais seguro e sem máculas, fosse digno, honesto e solidário, como sempre quiseste e soubeste ser.

QUERIDO PAI. Como nos doeu profundamente ver-te tão ofegante agarrado ao último fio de vida, dizendo-nos que querias continuar entre nós. Como nos é ainda tão doloroso pensar quanto sofreste naquelas intermináveis, mas céleres horas em que te vimos, com enorme mágoa, em desumana agonia.

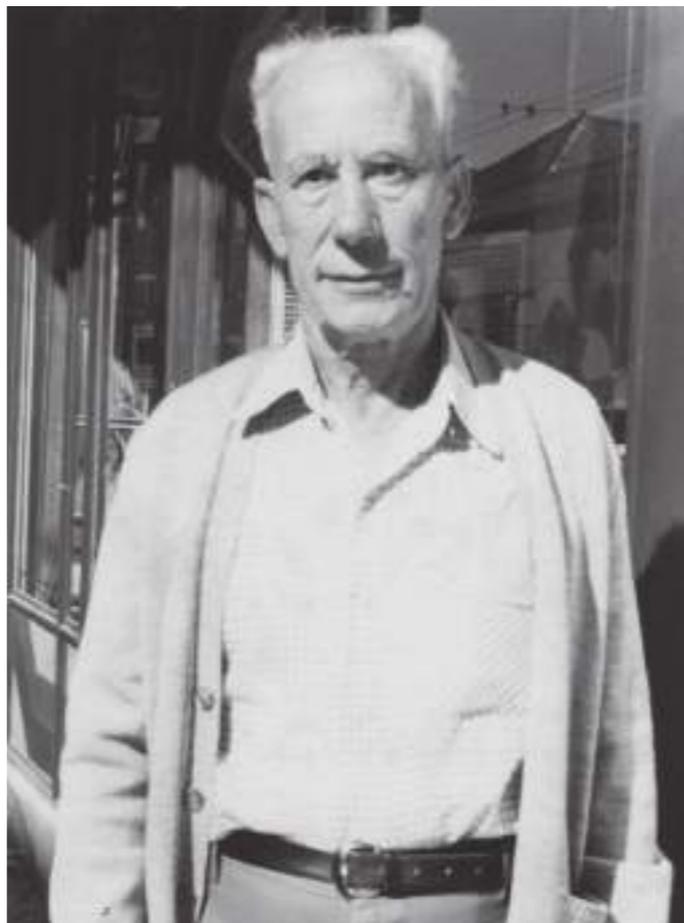
Oh, nosso herói exemplar, recordaremos sempre a tua figura bondosa e doce, o teu aprumo irrepreensível, próprio de um homem simples que amou a vida e os seus entes queridos. Estamos-te imensamente gratos por tudo o que nos transmitiste e deste nesta viagem terrena; e ficamos com a esperança de que um dia, mais ou menos distante, nos encontraremos aí, onde repousas, eternamente, mais a nossa querida e também saudosa MÃE.

Doze anos e meio passados chegara a vez do meu querido pai ser sepultado num talhão próximo ao da minha querida mãe. Confesso que, agora, as minhas visitas deixaram de ser semanais, embora fossem frequentes. Do mesmo modo, levava sempre flores para a sua campa, renovava a indispensável água, beijava a sua foto, ao mesmo tempo que lhe dirigia algumas sentidas palavras entre as minhas orações. O tempo foi passando neste comovente ritual, até que chegou a altura da sua passagem para a companhia eterna do amor da sua (e nossa) vida. Eu e o meu irmão fomos assistir a este comovido ato, no qual, em espírito, a nossa irmã também estava presente. Ambos repousam, desde então, na mesma gaveta, que vou (vamos) visitando com maior ou menor frequência, em dolorosos, mas reconfortantes reencontros.



Os meus pais numa das minhas exposições, em Cascais

O meu pai já na recta final da sua vida



OS MEUS QUERIDOS IRMÃOS

Sempre tive uma relação cordial com os meus dois irmãos. Relação que resulta do sentimento de família que os nossos queridos pais nos inculcaram na transmissão de valores genuínos entre todos nós, dos quais foram um magnífico exemplo.

A relação com o meu irmão, quase seis anos mais novo que eu, foi na nossa infância e adolescência mais próxima que com a minha irmã, o que tem a ver com o facto de ser mais nova quase dez anos, logo em fases da vida com interesses bem diferente.

A partir das nossas adolescências, porém, altura em que a diferenças de idades já começam a esbater-se, a minha proximidade com ambos passou a ser praticamente idêntica; realidade que se mantém até hoje, no já longo percurso das nossas vidas. Isto apesar de num determinado período, durante alguns anos, pelo fato de ter estado envolvido com o meu irmão num projeto de criação e produção de pequenos objetos em madeira, a convivência entre nós dois fosse mais permanente.

Por razões diversas, pois, ao longo de tantos anos, nem sempre os nossos percursos de vida estiveram tão próximos como, decerto, desejaríamos; por razões diversas e compreensíveis, mas que, no fim de contas, nunca abalaram a nossa forte amizade.

Hoje, porém, muito nos dói ver o nosso querido irmão tão limitado nas suas capacidades, física e mental.

Que saudades de o vermos sempre ativo e empreendedor; a vibrar com o seu (nosso) Benfica; a defender com convicção as suas ideias com a lucidez que nos habituou; de, enfim, desfrutar do seu divertido e afetuoso convívio.

É afinal, o sentir de uma mágoa profunda pela sua atual apatia, numa “viagem” que se prevê sem regresso.

Quanto à minha querida irmã continuamos a ter o privilégio de estar próximos nas nossas relações, alimentando, na medida do possível, a amizade que, indiscutivelmente, nos une; falando, amiúde, dos inevitáveis altos e baixos das nossas vidas e dos que nos são queridos. Das nossas preocupações e alegrias, enfim.

Confesso, pois, ser inquestionável a profunda amizade que tenho pelos meus dois irmãos, que, em tempo algum, ao longo das nossas vidas, esteve em questão; que — sinto — nunca esmoreceu, antes, que sempre se tem mantido coesa.

Uma força poderosa, afinal, que continuará a unir-nos até ao fim dos nossos dias — estou convicto.

E se, por vezes, amizades há com altos e baixos, confesso (tal como penso da dos meus irmãos), que a minha se tem consolidado com alongar das nossas existências.

Mais ainda, vivo os seus anseios e conquistas, as suas angústias e dores como também minhas.



O privilégio de sermos irmãos muito unidos

MEU QUERIDO IRMÃO

Com gratas recordações, mas também indistigável amargura te escrevo estas breves linhas. É que fazendo um relance sobre os inúmeros momentos que vivemos juntos, desde a nossa infância, invade-me uma saudade bem funda que não consigo apagar. Como me são inesquecíveis as nossas brincadeiras naquele velho casarão do Areeiro, na companhia dos nossos queridos pais, da amiga Manuela, dos teus padrinhos e, mais tarde, da nossa querida irmã.

Tendo tu menos quase seis anos que eu, é natural que tenha constituído para ti um protetor e uma referência na tua juventude, mas a verdade é que fomos irmãos cúmplices em todos os episódios, de então, das nossas vidas.

Inevitavelmente, na sequência do nosso crescimento para adultos, tomámos rumos diferentes com a construção de novas famílias. Acredita que senti falta naqueles nossos afetuosos convívios. E que saudade imensa tenho do tempo, ainda recente, do teu inesquecível humor e do fulgor como agarraste a vida.

Bem sabemos, que a vida de todos nós é uma “caixinha de surpresas” para a qual não estamos preparados, sobretudo se nos magoa e os nossos queridos. É uma dor que partilhámos contigo, mais sentida, decerto, pelos que te estão mais próximos no teu dia-a-dia: os teus filhos, os teus netos, o Filipe e a Susana; e, sobretudo, a Fernanda (tua companheira de longa data nos altos e baixos da vossa vida em comum) que, generosamente, te dão os cuidados e os carinhos de que bem precisas, entre exaustivos cansaços e angústias permanentes.

OS MEUS SOBRINHOS E OUTROS FAMILIARES

Dos meus irmãos nasceram cinco sobrinhos: por ordem cronológica – a Carla, a Vanda, o Vasco, o Pedro e o Hugo. Dois filhos do meu irmão e três da minha irmã.

Quero dizer, desde já, que sempre tive uma relação cordial com todos eles. São cidadãos de caráter que construíram vidas exemplares, embora com inevitáveis altos e baixos nos seus percursos: académico, profissional e sentimental.

Ao longo do seu crescimento até à idade adulta várias foram as oportunidades de nos unirmos. Recordo também as suas brincadeiras com os meus filhos Marcos e Ivânia, que se traduziram numa salutar convivência entre primos.

Direi ainda que tendo maior proximidade com o Vasco, sobretudo, pelas nossas participações conjuntas em corridas atléticas diversas, a verdade é que a minha amizade é idêntica com todos.

E, já agora, seria injusto não referir os meus familiares laterais – digamos assim – ou seja o Filipe, a Susana, a Filipa, o Paulo e a Sandra (e também a Tânia); isto não esquecendo os meus cunhados Manuel e Fernanda e – claro está! – os segundos sobrinhos André e João, Inês e o sentimental Vasco, Beatriz e Leonor, Diogo e Miguel e também o Rodrigo. Mais ainda, não poderia deixar de dizer que é nesta gente nova (na qual

se incluem os meus netos Eleanor e Gabriel) que deposito as maiores esperanças numa continuidade honrosa da nossa frondosa família; isto apesar das “nuvens” que pairam sobre este “mundo cão” em que vamos sobrevivendo.

Penso mesmo que a minha família é o maior bem que tenho neste mundo. Os meus avós, os meus pais, os meus filhos, os meus netos, os meus irmãos, os meus tios, os meus primos, os meus sobrinhos e os seus filhos. E também os que não têm o meu sangue: a minha esposa, os meus sogros, o meu genro, a minha nora, os meus cunhados; os cônjuges dos meus primos e dos meus sobrinhos... Todos constituem uma árvore frondosa de múltiplos ramos, que, apesar das suas diferenças, são, afinal, uma entidade única, melhor dizendo, uma família de certo modo unida, da qual me devo orgulhar. Só lamento que muitos de nós estejamos afastados pelas enormes distâncias que nos separam; e, ainda mais, que muitos outros já tenham deixado o “reino” dos vivos, dos quais guardo dolorosas saudades.

A família reunida em mais um aniversário do meu tio António, numa fotografia bem disposta



Um afetuoso convívio entre irmãos

O meu irmão noivo com os meus pais



Os olhares ternos entre avó e neta

Com a minha esposa e o nosso filho





Os meus queridos pais numa experiência única em Marrocos

É sempre excitante montar um camelo...

E também uma aventura para a minha esposa



Um agradável convívio entre primos, neste caso os meus filhos e os da minha irmã

Um festejo de amigos vizinhos para mais tarde recordar





A minha esposa com os meus sobrinhos Vanda, Hugo e Vasco



O meu sobrinho Pedro com as filhas Beatriz e Leonor



Os meus ainda muitos jovens segundos sobrinhos, Rodrigo e Inês, aconchegados pela minha esposa

A amizade bem expressa entre cunhadas



A minha sobrinha Carla com os filhos João e André

O meu sobrinho Vasco com a esposa Filipa e os filhos Diogo e Miguel





Um bem disposto convívio familiar

A minha netinha Eleanor, as minhas segundas sobrinhas Inês, Leonor e Beatriz, e uma amiguinha (à esquerda) em amigável convívio



1. 4 A MINHA ESPOSA, FILHOS E NETOS

UM AMOR QUE CRESCEU DA INFÂNCIA

A minha vivência durante a infância com a Manuela marca-me, sem dúvida. Com o passar dos anos, já adolescente, comecei a sentir que algo mais me ligava e prendia a si. Começámos, timidamente, a corresponder-nos apenas como amigos, mas, pouco a pouco, os nossos “laços” foram-se estreitando, tornando-se mais intensos, pelo que mesmo nos nossos verdes anos já falávamos das nossas vidas, dos nossos legítimos sonhos. Cada vez mais, apesar de algumas fugazes paixonetas, eu sentia que Manuela era a “miúda” que queria para a minha vida. A certa altura comecei mesmo a dedicar-lhe sonetos de amor da minha autoria (os poucos que até hoje escrevi, confesso). Ela respondia-me enviando poemas de autores normalmente brasileiros, que mais ateavam o fogo de um amor que ia crescendo entre nós. Até que um dia não resisti e pedi-lhe namoro – pois então!

No início de 1967, a Manuela e a sua mãe, Fernanda, atravessaram o Atlântico para vir ao meu encontro. Apesar de algumas incertezas, estávamos decididos. Casámos logo a 30 de abril. Já lá vai mais de meio século – vejam bem! Foi um casamento simples, sem viagem de lua de mel, consumado na Igreja do

A aproveitarmos o calor brasileiro



A minha esposa e filho junto dos meus sogros

Beato pelo saudoso Padre Freitas, com um simples “copo de água”. O dia do nosso casamento será sempre especial. Para a maioria – creio – um acontecimento único. Tinha, então, 26 anos e ainda me recordo bem desse dia decisivo na minha vida futura, tal como na da minha esposa. Teve lugar num tempo já longínquo que atingiu nada menos de 57 anos de vida em comum. Ao contemplar a foto que testemunha a presença dos que assistiram ao ato, surpreendo-me e até me comovo com o facto de aproximadamente metade dos então presentes já não estarem entre nós. A verdade é que a vida é uma “árvore” cujos ramos vão secando, pouco a pouco... Que imensa saudade – confesso – sinto desse dia ímpar e dos muitos companheiros de vida que já partiram deste Universo terreno.

É evidente que para mãe e filha este ato constituiu uma dor enorme pelo seu inevitável afastamento, já que a minha sogra regressaria ao Rio de Janeiro. Ao fim de vinte sete anos, a sua convivência diária era interrompida, facto doloroso para ambas. A agravar a situação, naquele tempo as comunicações estavam muitos distantes das opções e facilidades que passámos a ter nos últimos anos. Só dispúnhamos do correio e telefone. O primeiro era moroso e o segundo incomportável para as nossas disponibilidades financeiras. Não havia e-mail, nem Skype... E foi neste estado de coisas, com imensas saudades difíceis de gerir, que o tempo foi passando.

Finalmente, em setembro de 1969, Manuela foi ao Brasil matar – como se diz – saudades da avó Gestrudes, dos pais, das amigas Helenice, Ioti, Neusa, do seu Rio, enfim. E, em julho de 1973, a minha esposa voltou, agora com o filho, ao encontro dos meus sogros. Eu chegaria – creio – na véspera do segundo aniversário do Marcos. Foi com transbordante alegria e emoção que os reencontrei naquela “Cidade Maravilhosa”, na qual permaneci nada menos de uns três meses.

Durante a minha estadia diversas vezes apanhei o “ônibus” até à Avenida do Rio Branco, em pleno Flamengo, ou para outros locais próximos. Eram viagens normalmente efetuadas com alguns sobressaltos, já que os motoristas faziam corridas entre si, avenida acima, em manobras perigosas, mas resolvidas – quase sempre! – com inegável perícia e alguma sorte. De vez em quando era inevitável uma travagem brusca. Os passageiros, que viajavam em pé na coxia iam de encontro uns aos outros. Um autêntico desatino, do qual nenhum se queixava – acreditem. Se fosse no meu país (pensava eu) tinha a certeza que seria um estridente coro de vozes a chamar nomes pouco abonatórios ao motorista. Outro modo de encarar a vida!

Estas minhas viagens tinham o principal objetivo de visitar galerias de arte e museus. Levara alguns desenhos, serigrafias e litografias da então minha fase “Desestruturas”, que foram adquiridas creio que pela primeira galeria que contactei: a Vernissage. Tive ainda a oportunidade de visitar o Museu de Arte Moderna no qual, na altura, o artista Dionísio del Santo tinha uma meritória e ampla exposição de serigrafias, técnica que explicava minuciosamente em horários pré-estabelecidos. Tive o privilégio de lhe falar do trabalho que também desenvolvia nesta área artística, do que resultou uma troca de conhecimentos deveras interessante.

Não me lembro já como aconteceu, mas a verdade é que fui convidado pelo Canal 13 da TV Carioca para uma breve entrevista, que decorreu num pequeno estúdio da estação, com mais dois ou três entrevistados, durante a qual falei sobre a minha obra, em particular. Também foi gratificante deslocar-me ao Clube Vasco da Gama entrevistar o seu presidente, que me recebeu com expectativa e cordialidade. A entrevista foi para o “meu” jornal República, para o qual colaborava no suplemento desportivo e seria publicada antes do meu regresso.

Acresce dizer que os meus sogros moravam na Travessa de Rio Comprido, em plena Catumbi. Tinham no rés-do-chão da sua habitação uma padaria e pastelaria bem recheada, que o meu sogro Manuel geria com evidente dedicação e profissionalismo. Durante a minha estadia, para além de conhecer gente amiga da Manuela, ainda tive a oportunidade de visitar a bela Teresópolis, viajando em barcos superlotados, num agradável passeio familiar. E fui duas vezes, apenas com o meu sogro, ao arrasador Maracanã assistir a dois jogos de futebol entre o seu Flamengo e os rivais Botafogo e o portuguêsíssimo Vasco da Gama. Espetáculos inesquecíveis e esmagadores, durante os quais as ruidosas torcidas fazem rituais ensurdecedores ao som do rufar de tambores e com estridentes instrumentos de sopro. Em claques separadas com meio estádio destinado aos torcedores de cada equipa, para serem evitados possíveis confrontos – está bem de ver!

De facto, seria uma estadia muito gratificante, passada quase toda na capital do samba (exceto uma semana em S. Paulo, da qual falo noutra escrito), que me permitiu percorrer, além do mais, toda a costa marítima do Flamengo ao Leblon, pas-



Com o meu sogro Manuel num passeio

O meu filho Marcos ao colo da madrinha Helenice



sando por Copacabana e Ipanema, com praias de água morna repletas de banhistas e belas e esculturais cariocas, recintos de volei, futebol de praia e não só... Isto não esquecendo a sua vegetação exuberante e a “obrigatória” subida até ao imponente Nosso Senhor do Corcovado, bem lá no alto, abençoando a cidade com a sua magnífica envolvente panorâmica.

Como nos diz a genial Florbela Espanca “quem diz que ama a vida inteira é porque mente”. É um facto que as relações entre cônjuges são difíceis de gerir, mais ainda quando prolongadas no tempo. As personalidades e os interesses diferentes de cada um e as adversidades do dia-a-dia conduzem a um desgaste que se vai acumulando e que só uma persistente tolerância poderá atenuar. E se nos primeiros anos de uma relação as diferenças entre ambos poderão ser ultrapassadas pela paixão ainda latente, com o rolar do tempo as dificuldades vão-se radicalizando, à medida que esta se vai esvaziando.

Passa-se, então, a uma nova etapa, na qual a relação vai sobrevivendo à custa de alguns elos de amor e amizade que ajudam a minorar os atritos indesejáveis, nefastos na convivência conjugal, normalmente geradores de conflitos, com mais ou menos gravidade, mas sempre responsáveis por consequências imprevisíveis, das quais normalmente os filhos são as principais vítimas, sem que tenham culpa da situação. Mas há que encontrar soluções para as incompatibilidades “insanáveis”, ultrapassáveis com “paciência de Job” – como diz o sábio povo. Em defesa, afinal, de valores fundamentais que devem estar presentes em qualquer relação que se preze.

A verdade é que a Maria Manuela, a minha “Becas”, como carinhosamente há muito lhe chamo, foi e é o grande amor da minha vida, para além dos meus familiares mais próximos. A nossa relação de já mais de meio século é a prova inequívoca desta afirmação. Claro que no nosso longo percurso comum muitos atritos se nos depararam, devido às diferenças emotivas das nossas personalidades, experiências e vivências e face às múltiplas situações que temos vivido, sobretudo os inúmeros obstáculos que fomos ultrapassando com maior ou menor dificuldade, mas privilegiando sempre a defesa dos nossos filhos.

No fim de contas e apesar de todas as contrariedades penso que me posso considerar um privilegiado neste conturbado mundo repleto de tóxicas relações. Com o esforço e a compreensão necessários temos vindo a ultrapassá-las, por vezes com alguma dor – diga-se em abono da verdade. Mais ainda, se é um facto que as nossas formações são algo diferentes, tal como alguns dos nossos objetivos de vida e entendimentos sobre esta sociedade em que estamos inseridos, também é verdade que lhe reconheço a sua dedicação como esposa e mãe, não me esquecendo que sempre respeitou a minha liberdade e os meus anseios de experiências diversas. Agradeço-lhe, pois, profundamente, todo o seu permanente companheirismo. A sua aceitação e compreensão dos meus “desatinos”, pelas muitas horas que dediquei a objetivos da minha realização e satisfação pessoal, que resultaram em inevitáveis ausências no nosso convívio familiar.

Tenho, pois, a plena consciência de que a terei sobrecarregado nos seus afazeres ditos domésticos e no acompanhamento, nas diversas vertentes, dos nossos filhos. Estou certo, no entanto, que nunca estive verdadeiramente ausente, já que sempre os acompanhei, no essencial, nas várias fases das suas vidas.

Que, mais ainda, nunca descurei as minhas responsabilidades de marido e pai, lutando sempre – quantas vezes com enormes dificuldades – para lhes proporcionar as melhores condições. Todos sabemos ser voz corrente dizer-se que “por detrás de um grande homem está sempre uma grande mulher”. Não quero com isto dizer que sou um grande homem, ou seja, um homem notável – longe disto! – mas sim que muito do que alcancei, no perseguir das minhas paixões e objetivos, não seria possível sem a sua ajuda desinteressada e empenhada, já que contribuiu para que eu tivesse condições para atingir as metas que desejava. É um facto que não resisto expressar nestas breves linhas sentidas, que refletem a profunda admiração e reconhecimento que tenho por esta minha companheira de uma já longa vida.

Claro que, ao fim de mais de meio século de relação, com os anos a “acumularem-se” e os azares físicos (em especial da Manuela) a tornarem-se mais constantes, é evidente que a gestão das nossas vidas se tem complicado. Lamentamos este facto, mas também temos a consciência de que nos dá força para continuar unidos na nossa já longa caminhada.

E para terminar este meu testemunho a si dedicado não resisto, nesta hora muito especial, a divulgar com a coragem necessária alguns dos meus poemas inéditos, só conhecidos entre nós, gerados no alvorecer dos meus (nossos) vinte anos, ou seja, no início da nossa relação já amorosa, nos quais tento expressar as minhas sentidas emoções, com as compreensíveis limitações poéticas de um jovem sonhador.

Com a minha esposa grávida



DESACERTO

Está uma linda manhã de Verão!
um sol radioso lança-se dos céus
para vir aquecer meu coração,
mas apesar do calor dos seus véus.

De me rodear grande multidão
sinto-me frio e só. Mas porquê, meu Deus?
Porquê tudo isto? Dizei-me a razão
destes tamanhos desacertos meus.

Porque é que a minh'alma chora baixinho
e o meu corpo parece um pequenino
Perdido no meio de gruta encantada?

Porquê? Não me dizeis. Porém eu creio
(desta afirmação não tenho receio)
que só por te amar muito, minh'amada.

PARA QUÊ?

Numa areia escaldante, ao pé do mar,
está meu corpo lançado ao abandono;
ouço perto, baixinho, o marulhar
das ondas. sobre mim um vento morno...

Meus olhos alongam-se p'ra buscar
talvez – quem sabe! – folhas de um Outono...
E eis que, ao longe, pareço divisar
a mulher que sonhei em belo sono.

Lanço-me à água; nado com denodo,
mas eis que exausto já, desmaio, e no lodo
meu corpo fica preso, inerte, só...

Tentei tudo p'ra te ganhar, querida!
Mas só obtive uma lágrima atrevida
que ao rolar – vê bem! – se desfez em pó.



Um passeio no Jardim do Estoril

LOUCO AMOR

Quero amar-te, amor, sem um lamento,
com toda a minh'alma e numa prece
pedir ao Deus que está no firmamento
que tamanho amor por ti jamais cesse.

Quisera-te, amor, a todo o momento,
estreitada em meus braços se pudesse,
para aliviar, assim, o sofrimento
desta pobre alma que o não merece.

Quisera apertar teu corpo p'ra mim!
Beijar-te muito, muito. Vês? Assim...
Ter-te juntinha a mim p'ra toda a vida.

Amo-te tanto e nunca te beijei!
E nesse beijo, amor, que te não dei,
guardo o meu louco amor, minha querida.



O momento chave do nosso casamento, em 30 de abril de 1967, perante o padre Freitas, meus pais e tios/padrinhos

A fotografia com todos os convidados, familiares e amigos, na entrada da Igreja do Beato





Com a minha já esposa num momento de contemplação mútua

Juntos com os meus pais e os meus tios Lucília e António



A minha esposa com os meus primos Manuel, Mariazinha e Daniel

Com os meus padrinhos, esposa e primos



A saída da igreja após a cerimónia

Os olhares cúmplices de mãe e filha





Numa foto muito especial com os meus queridos pais e irmãos

Em gesto de união com alguns amigos especiais



RESPOSTA À TUA CARTA

Cá recebi a tua cartinha
o que muito me alegrou.
Agora cá vai a minha.
Assim não dirás que sou
p'ra te escrever um fuínha!

Mas se acaso não gostares
do que te passo a dizer,
dou-te ordem para a rasgares
p'ra que a não voltes a ler.
Isto se assim desejares!

Esta até tem a virtude
de ir ao encontro dos teus anos.
Que tenhas muita saúde,
que acabem os desenganos
desta vida que é tão rude.

Que vás longe, bem além,
aonde sonhaste, decerto.
Que sonhes por mim também
se ansiares ver-me perto,
se acaso me queres bem.

Duas e tal da madrugada.
Meus olhos já sentem sono,
já tenho a mente cansada.
Vejo perto o leito morno
que me chama, minha amada.

Acabou-se-me o papel,
por isso vou terminar.
Do tamanho do Sahel
Um beijo te vou mandar.
Adeus, adeus, Zé Manel.

Man 62

OS NOSSOS QUERIDOS FILHOS

Sempre habituámos os nossos filhos a assistir a espetáculos culturais: ballet, cinema, teatro, com maior frequência, música nem tanto, mas também ópera, não esquecendo o divertido circo. Os nossos palcos eram, acima de todos, o Trindade, o S. Luís, por vezes o S. Carlos, no intuito de despertarmos os seus sonhos e valorizarmos a sua formação, isto não esquecendo o teatro Mário Viegas. Normalmente almoçávamos ou jantávamos na Cervejaria Trindade, ali paredes meias com o Bairro Alto e pertinho dos espaços referidos. Claro que depois de uma refeição de certo modo abundante há sempre uma quebra da nossa energia de que resultava diversas vezes, em certos momentos dos espetáculos, alguma sonolência se apoderar em mim, contra a qual ia lutando sem grandes sobressaltos – diga-se em abono da verdade.

Os meus filhos num trenó natalício



Aconteceu, porém, que uma noite, já não me lembro em que ano ou mês, fomos assistir ao Lago dos Cisnes (ou Quebra-Nozes?) no Teatro S. Luís. Até aqui tudo normal – dirão. Mas o pior estava para vir.

Senão vejamos. A certa altura, o jantar começou mesmo a fazer-me efeito; melhor dizendo, a sonolência atacou-me sem apelo nem agravo. Logo, a cabeça começou a pender com alguma frequência, pelo que a minha esposa de um lado e o meu filho do outro me “cutucavam” com os cotovelos e eu a muito custo lá ia levantando a dita. Mas, após aí uma “meia dúzia” – penso eu – de repetições desta indesejável situação, decerto com o meu subconsciente a reagir ao “massacre” não fui de meias-medidas e vai de desabafar em alto som: “Larguem-me!”. Está bom de ver que, tomando consciência do meu espontâneo e irrefletido ato, naquele momento devo ter desejado um buraco, ali mesmo, onde me pudesse esconder...

Ainda hoje me interrogo sobre o que terão pensado os muitos cidadãos que naquela requintada sala do espetáculo, onde os bons costumes deveriam ser a palavra de ordem. Quanto à minha esposa e filhos tenho quase a certeza de que também gostariam de ter à mão o tal buraco... Mais ainda – tenho de o dizer – estávamos sentados na segunda fila da plateia... Mas, já agora, devo confessar que a partir daquele dia jamais voltei a assistir a um espetáculo, após a refeição, sem beber uma bica, para mim despertadora, por não estar habituado a fazê-lo. É que como diz o ditado “para grandes males, grandes remédios”, ou, se preferirem, “mais vale prevenir que remediar”, ou ainda “gato escaldado de água fria tem medo”... Ou não será?!

Os meus filhos, Marcos e Ivânia, frutos do amor com a minha companheira de muitas jornadas, são – não tenho dúvidas – o maior legado que deixo na construção da minha vida, que sempre desejei fosse intensa. São afinal o meu maior orgulho. Merecem toda a minha entrega em favor das suas ambições, que interiorizo como minhas. E como fico de coração cheio sempre que os vejo atingir os seus anseios mais profundos!

O MEU FILHO MARCOS

Desde criança que o vimos despertar como um contador de histórias, um criador de jogos e um apaixonado por imagens, sentindo que a sua vocação se direcionava para o cinema ou a televisão... Isto não esquecendo a sua curiosidade por outras áreas do conhecimento. Concluído o Ciclo Preparatório na Escola Pereira Coutinho, ingressou na Escola Secundária de S. João do Estoril, onde lecionei durante duas décadas. Claro que a sua tendência vocacional indicava que deveria seguir Artes, o que aconteceu.

Com dificuldades nas disciplinas científicas, em especial a Matemática (como eu também o fora...), revelou-se um aluno acima da média nas outras disciplinas, atingindo mesmo algumas notas de nível elevado. Terminaria o 12.º ano apenas com 17 anos, antes do seu 18.º aniversário, a 3 de Agosto.

Seria, porém, na sua candidatura à Escola Superior de Teatro e Cinema que evidenciou uma inequívoca vocação para esta área do conhecimento.

Sendo – creio – o mais novo dos então candidatos e não tendo qualquer formação ou experiência profissional, o que não aconteceria com a maioria dos seus colegas, logrou classificar-se nos 20 selecionados para a fase final, numa avaliação que decorreu durante uma exaustiva semana, com aulas de manhã e testes de tarde, abrangendo as diversas áreas do conhecimento cinematográfico. De acrescentar que para integrar esta fase final tivera de apresentar o guião de uma hipotética curta-metragem, tendo entre as três temáticas propostas optado pelo “Abandono.” Para a sua abordagem surgiu-nos a ideia de uma visita à Casa Pia de Lisboa, que se viria a concretizar nas suas instalações em Xabregas. E, como não poderia deixar de ser, acompanhei-o nesta oportunidade para falar com alguns jovens aqui residentes, auscultando-os acerca das suas vivências, presentes e passadas, que foram a base da construção do texto sobre o tema a desenvolver.

Por outro lado, antes ainda, comecei a incentivá-lo a dedicar-se à pintura, tendo participado em algumas exposições organizadas pela VIRAGEM – Associação de Artes Plásticas de Cascais, na qual também foi colaborador e membro da última Direção. A verdade é que o incentivei a prosseguir um percurso nas artes plásticas, proporcionando-lhe a oportunidade de realizar algumas exposições individuais e em grupo, para além da participação em diversas coletivas, num total aproximado de 70 exposições. O seu maior interesse, porém, na área dos “mass media” viria a sobrepor-se, tendo abandonado a pintura, na qual, em pouco tempo, já tinha atingido apreciável qualidade. Fiquei com pena que não tivesse continuado a mostrar o seu talento.

Desde 1992 com o Curso de Cinema da Escola Superior de Teatro e Cinema que exerce atividade profissional na área do som (séries tv, telenovelas, cinema, publicidade) e na realização de documentários (entre eles a série “Backstage” para a RTP) e videoclipes de Tiago Bettencourt, Marco Rodrigues, Marisa Liz, Mundo Cão, entre outros.

Exercendo uma atividade para a qual cedo despertou



Os meus filhos foram sempre irmãos unidos por uma consistente amizade

A MINHA FILHA IVÂNIA

Muito determinada, luta sempre até ao limite das suas energias para atingir os objetivos que persegue, revelando uma enorme capacidade de entrega e espírito de sacrifício. Tem sentido do rigor e do equilíbrio, embora por vezes se deixe trair pelas emoções. É desassombrada, inteligente e diplomática.

Gosta de se fazer ouvir e é senhora das suas ideias. Tem espírito prático e preza a sinceridade e as amizades, que faz com facilidade. É meiga, carinhosa, sentimental, afetiva e algo desprendida das suas coisas e dos seus feitos, que não valoriza quando atingidos. Muito sonhadora e romântica gostava de escrever episódios da sua vida com os seus colegas.

Desde criança que evidenciou ser desinibida. Irradiava simpatia e sedução perante os que a rodeavam. Cedo, normalmente, assumia a liderança. Enfrentava qualquer desconhecido com um à-vontade de espantar para a sua tenra idade. E não resisto a contar que, com apenas poucos anos, um dia, na Rua Direita da nossa Cascais, foi meter conversa com a Dulce Pontes, que não conhecia pessoalmente, quando a mãe a alertou para a sua presença. Foi “amor à primeira vista.” A partir deste encontro imprevisto ganhara com a sua irradiante simpatia uma longa admiração e amizade.

Apenas com cinco anos a minha filha começou a frequentar as aulas de dança da Professora Ana Rita Morjardino, que tinha lugar no Hotel Estoril Sol. Eu e a minha esposa quise-

mos proporcionar-lhe a oportunidade de ser orientada na sua vocação para a dança, que desde muito cedo despertara em si. Lembro-me ainda da emoção com que assistimos à sua primeira participação num espetáculo em conjunto com as suas jovens colegas. E também – creio – não foi indiferente o impacto que lhe causou, aos 8 anos, o filme “Sol da Meia Noite” sobre a vida do imparável bailarino Baryshnikov.

Após ter concluído o Ciclo Preparatório na Escola António Pereira Coutinho, em Cascais, ingressou na Escola de Dança do Conservatório Nacional, numa sequência lógica na sua formação de bailarina. Claro que esta mudança representou um esforço redobrado, também para a minha mulher, na tarefa diária de a acompanhar, na ida e volta à escola, atendendo à sua muito jovem idade. O mais desgastante para a Manuela era carregar a sua pesada mochila, sobretudo na ida, em que tinha de palmilhar a íngreme subida da Rua das Flores e o seu prolongamento até ao cimo do Bairro Alto. Sempre que estava disponível eu fazia esta tarefa, no regresso, o que acontecia com pouca frequência, devido aos meus compromissos profissionais.

Uma das suas professoras, a bailarina Elisa Worm, convenceu-nos a deixar a Ivânia frequentar as aulas que lecionava numa sociedade cultural e recreativa em Chão de Meninos, próximo do Ramalhão, a caminho de Sintra, integrada no seu Dança Grupo. Quando atingiu o 10.º ano de escolaridade, em 1990, ingressou na Companhia Nacional de Bailado, instalada

num velho edifício (ao fundo da Rua Serpa Pinto) que fora a sede do histórico Ginásio Clube Português, onde eu praticara levantamento de pesos. No final deste ano letivo, com 17 anos, foi frequentar um cursilho de danças diversas, em Londres, na Urdang Academy. Fui assistir com a minha esposa e filho ao espetáculo do fim deste cursilho. Empolgada com a experiência, manifestou interesse em frequentar o curso de ballet clássico nesta academia, mais ainda por Ms. Urdang nos ter feito convincentes elogios sobre as suas capacidades e se ter prontificado a conceder-lhe meia bolsa de estudo neste curso de três anos, que com brilhantismo concluiu em apenas um.

A verdade é que não quisemos roubar-lhe o sonho de ser uma destacada bailarina clássica, decisão muito difícil para todos nós — é evidente! Confesso que nos primeiros anos estivemos sempre com o “coração nas mãos”, com receio de que algo de mal lhe pudesse acontecer e pelo enorme esforço a que se submeteu, pois, para além das desgastantes horas a dançar, era obrigada a ter vários “part-times”, porque não podíamos suportar todas as suas despesas. Mas nunca desistiu... Obrigada a mudar de alojamento com alguma frequência, em condições difíceis, encontraria, a certa altura, o apoio incondicional de dois portugueses: Fátima e Mimas, amizade que ainda hoje perdura.

Com talento e determinação ingressaria numa conceituada companhia de ballet clássico, que teve de abandonar devido a uma grave lesão num tendão de Aquiles. Dedicar-se-ia, então, ao ballet contemporâneo, tendo terminado o seu percurso de bailarina em 1999. No ano seguinte começou o ensino do ballet a jovens em diversos estúdios e projetos, participando paralelamente em atuações teatrais. Tendo encontrado no ensino uma vocação, diplomou-se em danças de salão, em 2012, dedicando-se desde daí a esta nova profissão.

Os amigos Mimas e Fátima com a minha esposa



A minha filha, genro e neta na baía de Cascais

Ainda em 1999 conheceu o Philip, um experiente ator, com o qual viria a casar em 2015 e lhe deu a estabilidade de que necessitava. Neste feliz evento estive presente com o meu filho e esposa (numa festa inesquecível, organizada pelos seus cunhados Nicholas e Doone), além da filhinha Eleanor e de muitos outros familiares e amigos de ambos.



Com os meus filhos a gozar o sol e brisa marítima

A relaxar ao sol com a minha esposa



Uma divertida exibição de físicos





Um salutar convívio entre avô e netos

Três gerações bem unidas por uma indisfarçável amizade



Em dia de um inesquecível novo aniversário da mãe Fernanda

Cumprindo o ritual de apagar as velas

Numa pose de serena felicidade





Com a minha esposa e filho com dois "ícones" em fundo

Recuperando energias num frondoso parque londrino



Em Itália com a minha filha, em frente a um memorial às vítimas da 2ª Grande Guerra

Na cosmoplita e imponente Trafalgar Square alimentando os seus emblemáticos pombos





Na majestosa Praça de S. Pedro, num dia memorável, com minha esposa e filha

Na mesma praça posando com um casal companheiro de excursão



Posando em Veneza com um colega pintor

Em Milão à entrada da sua magnífica catedral



Com a minha esposa nuns momentos de repouso

Um retrato da minha filha "pintado" em Florença





O meu genro e a minha esposa em divertida brincadeira



O aconchego paterno é fundamental no nosso crescimento

O Philip e a minha mãe adotiva Fernanda em pose natalícia



A vivência escolar é uma nova etapa

É dar início a uma nova vida





Em plena harmonia a minha filha, avó/bisavó, filho e netinha

O encontro de quatro gerações



Ser avó será sempre um indisfarçável privilégio

Ao colo de um avô muito gratificado

Com um gesto de alegria incontida





O nosso netinho Gabriel concentrado na sua brincadeira



Com um sorriso maroto em contraste comigo

Uma divertida cumplicidade entre avó e neto



Aconchegado ao colo da avó Manuela

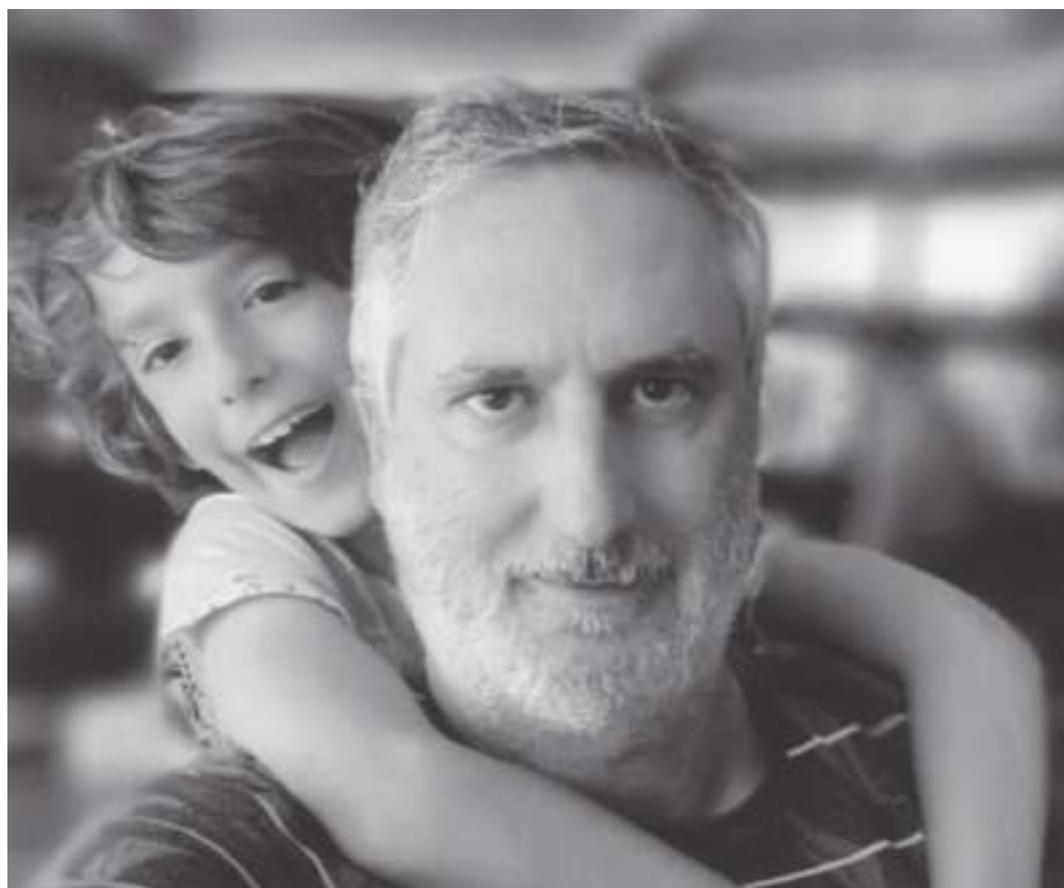
Ao meu colo em pose serena





O meu filho e o meu netinho em mais um feliz encontro

O amor de filho bem expresso neste terno abraço



O meu netinho Gabriel

Os meus queridos netinhos, Eleanor e Gabriel, frutos dos meus filhos Ivânia e Marcos, são o meu bem mais precioso. Constituem o renascer das nossas vidas, dando mais sentido às nossas existências nesta breve passagem pelo mundo terreno que nos é dado viver.

São, afinal, uma alegria que nos conforta e enriquece vidas, o prolongamento dos nossos percursos. A memória futura que os ligará aos seus avós, com gratas e eternas recordações, decerto.

O meu desejo, enfim, é que as suas vidas constituam uma realização permanente na procura dos seus anseios mais desejados, para que alcancem uma vivência em plenitude, repleta de valores que os enobreçam.



A minha netinha Eleanor

A MINHA NETINHA ELEANOR

Nasceu em outubro de 2009 na buliçosa Londres.

O nosso desconforto é tê-la permanentemente longe de nós.

É muito afetiva, serena, meiga e educada. Ainda que seja uma estudante exemplar, dedicada e briosa, é algo retraída na comunicação connosco, por não dominar a nossa língua.

O MEU NETINHO GABRIEL

Tendo nascido em Genebra, em abril de 2014, cedo começou a passar férias connosco, os avós paternos.

Tal como o pai, tem uma vocação especial para inventar jogos, tirando partido da sua indiscutível criatividade. É uma criança meiga.

Sendo bom aluno, creio, no entanto, que é algo seletivo nas suas preferências escolares.

OS MEUS SOGROS MANUEL E FERNANDA

Os meus sogros foram sempre correctos e afectivos comigo. Vivemos na mesma casa durante a minha infância, mais a sua filha Manuela. Cedo, porém, partiram para o Brasil, onde permaneceram até alguns anos após o nosso casamento, tendo no seu regresso ficado a morar connosco. A nossa vivência até às suas despedidas terrenas (no caso da minha sogra, que foi como uma segunda mãe, quase aos 96 anos) foi sempre cordial, tendo com eles vivido anos de saudável partilha com uma sólida amizade que nunca esquecerei.

O meu sogro era muito senhor dos seus hábitos e convicções. Um verdadeiro socialista convicto de cujas ideias não cedia por razão alguma. Era também um cidadão bem disposto, sportinguista do coração, amigo nos quais acreditava mesmo. Por sua vez a minha sogra era a bondade em pessoa, compreensiva e serena no modo como se relacionava com os outros. A sua disponibilidade era essencial parte da sua essência. Sofredora silenciosa não deixava transparecer as dores que a atormentavam. Recordo-a, ainda hoje, com enorme carinho e gratidão.



Bons amigos que muito estimei

Na companhia da minha sogra, esposa e filha, em dia de festa



A minha esposa e filhos na companhia dos meus sogros, primo César e amiga Dora

E também comigo em pose fraterna

O amigo Sr. Caetano e a minha esposa num dos nossos passeios



1.5 A ALDEIA DOS MEUS ANTEPASSADOS

A aldeia de Sezures começou por ser uma herdade denominada Susuris, que foi cedida ao Mosteiro de Salzedas, em 1244. Dez anos depois, no reinado de D. Afonso III, seria doada à Ordem do Santo Sepulcro, passando a denominar-se Cesuraes. Em 1489, quando já pertencia à Ordem de Malta, ficou na dependência da Comenda de Sezures, de onde provém o seu nome definitivo. Situada entre serranias a 590 m de altitude, a 7 km de Penalva do Castelo e a 2 km do Rio Dão, como sede de freguesia engloba as localidades de Boco, Campina, Quinta da Ponte, Vacaria e Vale de Naires, numa área de 23 km². A sua população, que em 1864 era de 1 050 habitantes, foi crescendo até 1950, ano em que atingiu 1 394 efetivos. Começou, depois, a reduzir, devido à emigração, contando, em 1970, com 1 141 habitantes e, em 2011, com apenas 726, número que possivelmente hoje ainda será mais reduzido.

Sendo abundante em penedos graníticos, situados na denominada Serra das Cabeças (dos quais se destacam a Cabeça do Gato e, mesmo à entrada, a Boina, emblemático monumento megalítico), daqui se tem extraído uma crescente quantidade de pedra para construção, na freguesia e não só. No tocante à flora, a aldeia é envolvida por extensas matas de pinheiros-bravos e também de eucaliptos, sendo os carvalhos e os castanheiros em número reduzido. Quanto às árvores de fruto abundam as macieiras e as figueiras, sendo predominantes os olivais e sobretudo as vinhas de castas diversas, que geram o apreciado vinho do Dão.

A exploração do volfrâmio na freguesia, nos anos 40, tempo da 2.^a Guerra Mundial, não foi nada pacífica. O facto é que o oportunismo e a ganância de alguns conduziram a uma intensa luta entre a Junta de Freguesia de Sezures e a denominada Sociedade Mineira de Penalva do Castelo, que abusiva e ilegalmente quis espoliar a freguesia do seu direito de propriedade, num tempo em que era seu Presidente António Campos, que muito lutou pela justiça – que acabou por prevalecer. As minas deste precioso metal radioactivo foram encontradas no baldio Matos da Costa e, entre outros locais, numa propriedade chamada Cirqueiras, bem minha conhecida, na qual os meus avós maternos tinham extensa vinha, parte da qual, mais tarde, viria a ser adquirida pelos meus queridos pais. E ainda hoje são muito visíveis as valas abertas à picareta e a dinamite, naquele tempo de loucos excessos.

É evidente que a falta de desenvolvimento agrícola e industrial, com a maioria da população cultivando pequenas propriedades – leiras de seu nome, suas ou de arrendamento –, com salários de fome e explorada por intermediários, foi levando os mais novos, em particular, para as cidades, ou a emigrarem à procura de vida mais risonha. Pouco a pouco, inevitavelmente, Sezures foi-se despovoando. Recordando o tempo da minha juventude, em que vivi largos períodos com o seu povo humilde, trabalhador e sofredor, reconheço uma enorme diferença com o actual. De facto, hoje vejo uma aldeia quase deserta. Os



Uma casa primitiva desta aldeia beirã

mais idosos, em grande parte, já faleceram e os mais novos quase não existem. Uma desilusão – confesso – que me entristece e desanima.

Claro que nem todos emigraram e alguns filhos da terra, com muito esforço, inteligência, teimosia e coragem, resolveram lutar contra este estado de coisas. Foi este o caso do empreendedor Sr. Júlio, filho de gente modesta, que há largos anos resolveu montar uma fábrica de blocos de cimento, aproveitando a procura crescente dos emigrantes para construírem as suas casas. Mas, alguns anos depois, decidiu vendê-la e montar uma panificação – penso – não esquecendo a profissão de seu pai, que era moleiro. É uma pessoa com quem gosto de falar. Um apaixonado por ralis e pesca, que me recebe sempre cordialmente. Outro empreendedor de mérito, bem meu conhecido desde a juventude, é o António, que nesse tempo passou pela casa dos meus pais como marçano da nossa pequena mercearia e que, há alguns anos, montou uma enorme destilaria. Isto não esquecendo a já antiga e modesta serralheria do Vinhas, sempre pronto a resolver problemas dos seus conterrâneos.

Se é certo que se deve aos muitos emigrantes da terra este crescimento das últimas décadas, entre outros melhoramentos, também é verdade que a emigração massiva deixou a agricultura entregue, em grande parte, aos velhos e às crianças, facto que resultou num aumento das terras de poiso, onde foram crescendo silvas e giestas. Em tempos idos, houve também agricultores que receberam dinheiro da CEE para arrancarem vinhas – acreditem! – tal como aconteceu, por exemplo, com a outrora Vinha da Capela, pertencente a um dos meus tios (situada mesmo ao lado da nossa casa), que desde miúdo me habituara a contemplar.

Em contrapartida, não há dúvida alguma que, para além da construção de muitas habitações dos nossos emigrantes (bons filhos que nunca rejeitam a sua terra natal, cidadãos de carácter, empreendedores e bairristas), foi a partir dos anos 70 que nesta terra dos meus antepassados (ao que não é, decerto, alheio o libertador 25 de Abril) se começou a verificar uma melhoria significativa das suas infraestruturas e não só, tirando-a do seu ancestral atraso. Com a determinação e esforço dos cidadãos passou a haver água canalizada em todas as casas, equipadas para o efeito e em chafarizes; electrificação pública e particular; calçetamento (1969) da povoação; betuminagem da estrada que a liga a algumas localidades vizinhas (1973); nova escola primária (1980), onde funciona também um jardim de infância desde 1983; centro de dia para idosos junto à igreja (que teve obras em 1980) e nova residência do pároco; campo de futebol (1978); pavilhão desportivo (1980); uma torre com relógio na Capela de Santo António (situada paredes-meias com o cemitério), que, em 1981, foi ampliado; e ainda novas instalações da Junta de Freguesia, atribuição de nomes às ruas e de números às suas residências, passou a contar com correio ao domicílio desde 1976, Cooperativa Agrícola (1969) e Associação Recreativa e Cultural, já em 1982.

Com o passar dos anos, a fisionomia arquitectónica da aldeia foi-se alterando notoriamente, sobretudo devido aos emigrantes, que, pouco a pouco, foram regressando. Às pequenas e modestas casas em granito sucederam-se vivendas espaçosas e sofisticadas, revestidas a azulejos, com persianas e terraços,

Um humilde casal e seus filhos



símbolos, afinal, de uma opulência antes inexistente, com leves traços tradicionais e nítidas influências dos países onde trabalharam. Estas moradias prolongaram a aldeia e contrastam com o velho casario ainda predominante, constituindo, por assim dizer, pequenos novos bairros. Quanto ao velho bairro, chamado “do Povo”, pelos seus naturais, que é, afinal, o bairro histórico desta aldeia beirã, vão nele surgindo algumas habitações remodeladas, que transmitem cor ao tristonho cinzento granítico, mas que não disfarçam, no entanto, as deixadas ao abandono, sinal evidente de uma desertificação populacional cada vez mais acentuada.

Ano após ano, não resisto a percorrer a sua estrada, ruas e vielas. A cada passo, uma recordação mais ou menos longínqua e o reencontro com a gente simples que saúdo com delicadeza. E espanto-me quando um ou outro ancião me conhece, referindo-se aos meus antepassados, oportunidade para alguns minutos de conversa. Vejo transparecer nos seus rostos queimados e envelhecidos os achaques de uma vida sofrida, que, quantas vezes, são motivo de compreensíveis lamentos. E devo confessar que se por um lado estes encontros me confortam, por outro me transmitem inevitável tristeza, pois fazem-me relembra-los tempos idos de uma terra com mais fulgor, com muitos mais cidadãos, quando todos nós éramos ainda jovens. E, a terminar, não posso deixar de referir a “viagem” escrita e fotográfica desta aldeia que fiz em 1979, quando aluno da Escola Superior de Belas-Artes e as seis pinturas que realizei em 2019, para integrar na exposição que realizei na Sociedade Nacional de Belas-Artes.

Três gerações





A capela da aldeia à entrada do cemitério são dois símbolos ancestrais

Nesta terra rural, onde a pobreza e o analfabetismo e até mesmo – quantas vezes! – a fome eram mais ou menos generalizadas, a verdade é que o seu povo – tal como muitos outros – soube, com muito trabalho e espírito de sacrifício, lutar exaustivamente contra esta fatalidade, encontrando forças e soluções para sobreviver ao seu madraсто destino, criando os seus sacrificados animais e cultivando terras arrendadas aos donos da maior parte destas propriedades: Fidalgos da Ínsua, Casa de Mangualde, entre outras. Mas, apesar de tudo, encontravam algo que lhes minimizava o esforço abnegado e sofrido, nomeadamente as mulheres, que nas sachas, mondas, ceifas, vindimas e desfolhadas alegravam o ambiente com as suas cantigas populares.

Normalmente eram famílias numerosas (seis, oito, dez filhos...), pois o controlo de natalidade era mesmo “letra morta” – está bem de ver. Claro que as dificuldades para os criar eram quase intransponíveis, pelo que desde crianças tinham de ajudar os pais nas tarefas mais diversas, muitas vezes faltando à escola. Trabalho infantil, dizemos e condenamos nós hoje, mas naquele tempo... De madrugada tinha de se alimentar e ordenhar os animais. Durante o dia trabalhava-se no campo. Ao serão acendiam-se as fogueiras. As mulheres remendavam roupa. Os homens jogavam às cartas, por vezes nas tabernas e fumavam barba de milho.

Quanto à sua alimentação, perante a escassez de produtos ao dispor, tiveram de usar muito engenho, com o que cultivavam e pouco mais, fazendo ementas simples, mas diversificadas, originais e saborosas – é justo dizê-lo. Lembro-me ainda bem de várias receitas que eram correntes e que a minha avó Maria cozinhava com o seu saber de muitos anos. Nas sopas havia o apetitoso caldo verde com chouriça de cebola, as papas laberças (farinha de milho com couves) ou papas apenas de milho, chamadas de ralão e também os caldos de castanhas secas e de abóbora, não esquecendo a sopa de feijão com couves e a de grão com arroz, a minha preferida.

Relativamente aos pratos ditos principais não esqueço os feijões frades (a que chamam chicharros) com ovos cozidos ou, melhor ainda, sardinhas e cebola crua; as batatas assadas com casca acompanhadas de farinha, chouriça e toucinho; as migas ou açordas de broa de centeio ou trigo, com bacalhau ou ovos estrelados e ainda os miscalros cozidos com arroz ou batatas... Para além de toda esta extensa ementa relembro os saborosos queijos e os torresmos, as espigas de milho e as castanhas assadas ou cozidas, para já não falar dos bolos de azeite e de mel e de outras doces guloseimas.

AS MINHAS PRIMEIRAS FÉRIAS

Desde criança e até à minha adolescência passei parte substancial das minhas ditas férias grandes nesta aldeia beirã a 7 km de Penalva do Castelo e a menos de 20 km da novel cidade de Mangualde, a terra onde nasceram os meus avós maternos e paternos, tios de sangue e a maioria dos meus primos. Passava a maior parte deste tempo com os meus avós maternos e avô paterno e também com os meus tios mais jovens, Júlio e Orlando, acompanhando-os às suas propriedades (nomeadamente a Maria Grande, o Bacelo, o Lameiro e ainda as vinhas da Capela, Cirqueiras e a Corga do Pereiro, que era a mais distante) e participando nas tarefas que estavam ao meu alcance.

Em outras alturas tinha de ajudar o meu avô José a descascar as vagens de feijões já secos, sentado a seu lado na porta traseira da arrecadação da casa. Era o que mais me custava fazer – confesso, pois era uma “seca”, como agora se diria. Às vezes a minha avó Maria pedia-me para ir à Fonte, que ficava (e fica) no fundo do Povo, já que a água canalizada era coisa que não havia na aldeia. No princípio trazia apenas um jarro, depois uma bilha e, quando mais espigadote, um cântaro de 14 litros que pesava que se fartava, principalmente na íngreme subida empedrada que nos levava à estrada.

Dormia quase sempre com o meu tio Orlando (que tinha mais seis anos que eu), no quarto do meio, ou quando era necessário num anexo contíguo à casa. Como a maioria dos outros camponeses, os meus avós tinham uma parrelha de bois ou vacas, um ou dois porcos e algumas galinhas, coelhos e ovelhas, animais que infelizmente, tal como hoje, viviam em condições degradantes, servindo apenas para a alimentação e (ou) trabalho duro. Apesar da inocência da minha infância e mesmo juventude já interiorizava estas violências. Muito me custava, por exemplo, ver a minha querida avó ir ao galinheiro buscar uma galinha para matar. Afastava-me sempre deste ato desumano, que muito agredia a minha sensibilidade e interrogava-me como uma pessoa tão bondosa, que tanto amava, era capaz de o fazer. Assim como me espantava que os meus tios mais novos, que muito estimava, tivessem coragem para matar os coelhos de modo bárbaro, segundo o hábito da aldeia. Com o passar dos anos fui compreendendo a razão por que o faziam...

A velha casa dos meus avós maternos, da qual guardo inesquecíveis memórias da minha infância





A emblemática e velhinha fonte da aldeia

Porém, o maior trauma que recorro da passagem da minha infância nesta terra beirão foi o de ter assistido, de surpresa, à matança de um porco. Revivo ainda com dor profunda aquela morte horrível, aquele sofrimento imensurável infligido a um animal indefeso a esvaivar-se em sangue numa longa e atroz agonia. Desde então que pergunto a mim mesmo como é possível haver seres, a quem se convencionou chamar de humanos, capazes de tamanhas barbaridades. E constatar, com irreprimível revolta, que estas práticas abomináveis continuam a ser correntes nas nossas aldeias e não só, o que só deve envergonhar qualquer cidadão com um “pingo” de humanidade. Não será tempo de tornar estes atos de morte menos desumanos?

Quando a minha avozinha ia ao forno cozer o pão, que era de milho quase sempre, ou de centeio, eu acompanhava-a. Nesses dias já sabia que iria comer pão quente, incluindo a chamada bôla (grande pão redondo e achatado) recheada de saborosas sardinhas. Do outro pão, chamado de broa, preferia a côdea ao miolo. Era comido com azeitonas, que eram guardadas num pote, na adega, e constituíam também um regalo para o meu jovem paladar. As noites passadas em família à volta da velha lareira, no bem-estar que me proporcionavam, aqueciam-me o coração e reconfortavam-me um pouco a ausência de meus pais e irmãos, que só estavam junto de mim durante um breve período final das minhas longas férias.

Outro acontecimento que me marcava eram as vindimas. Não é que gostasse muito de andar a cortar cachos de uvas, mas seduzia-me o ambiente um tanto festivo que se respirava. Do que não gostava mesmo nada era ver o esforço violento a que as parelhas de bovinos eram submetidas, quantas vezes subindo carreiros pedregosos e bem íngremes, picados por aguilhões, puxando carros pesadíssimos, carregados com dornas e cestos cheios das uvas colhidas, num esforço desumano, felizmente hoje substituídos por tratores. Claro que as

vindimas não acabavam na colheita, mas sim no lagar, onde um grupo de homens pisavam os cachos, com pés descalços durante horas a fio, num autêntico ritual que se prolongava pela noite dentro, em movimentos circulares animados por cantares e alguns copos de tinto, para regar as buchas de broa com presunto ou chouriço. Por vezes também era desafiado a participar nesta tarefa, quando o nível do mosto já estava mais baixo, ali mesmo no lagar dos meus avós, situado no pátio da casa, com a necessária janela aberta para a valeta da estrada, onde se faziam as descargas das uvas.

Claro que mais gratas recordações persistem na minha memória, como colher uvas, maçãs e figos, além das amoras nos silvados à beira dos caminhos... Ou o fascínio pelos fugazes passeios em carros de bois, conquistados à boleia em rápidas correrias, sob os olhares mais ou menos complacentes dos seus donos, nos quais tinha sempre alguns companheiros habituais das brincadeiras de rua. As vezes que eu na bermagem da estrada, em frente à casa dos meus avós, juntava montes de terra para modelar “bonecos de areia”, à imagem do que via fazer nas nossas praias, montes que se desmoronavam ao menor percalço, como seria de esperar, já que a terra não tinha, nem de longe, a consistência de areia molhada...

Os meus queridos avós José e Maria



Embora passasse a maior parte do tempo na casa dos meus avós maternos também me sentia feliz na modesta casinha do meu avô paterno, António de seu nome, que morava sozinho numa zona da aldeia chamada Curral, local onde, a certa altura, paredes-meias com a sua casa, os meus pais recuperaram um espaço que passou a ser a nossa residência de férias. Na sua enorme humildade era muito afectuoso comigo e, de vez em quando, levava-me a passear mais o meu irmão até à sua Vinha do Topete e à Mata da Tunhosa, que lhe era contígua, onde tinha o privilégio de respirar o ar puro dos pinheiros-bravos.

Outras maneiras de passar o tempo nesta pacata vida de aldeia era dar a volta ao Povo (zona interior), espreitar as “vendas” do sr. Arcidinho e do sr. Ilídio ou quedar-me no sapateiro dos primos Manuel e “Bigodes”, local que tinha para mim algum fascínio, para vê-los trabalhar ou pelo convívio que se gerava. Mas era naturalmente aos domingos, dia da missa matinal celebrada pelo popular padre Eduardo na Igreja Matriz (que dirigiu durante 20 anos), que a aldeia se animava. Os bailarinos rodopiavam, então, ao som das concertinas e gaitas de beijos, junto ao cruzeiro, em frente da casa da sra. Joaquininha, onde os pares, ocasionais ou não, se enlaçavam. Agitava-se, afinal, a monotonia do quotidiano, qual interregno para o início de mais uma semana de trabalho duro.

A 8 de Setembro nunca faltava, nem vai faltando, a Festa da Nossa Senhora da Graça, padroeira da freguesia. De manhã, a seguir à missa, há a procissão à volta do Povo, com guiões, crianças da catequese, irmandade de opas brancas ladeando



Com o meu irmão e o meu querido avô António

A modesta casinha do meu avô paterno, contígua à nossa primeira casa na aldeia





A tradicional procissão da Nossa Senhora da Graça dando volta ao povo

os andores, o pároco abrigado no pálio e no final do cortejo os fiéis cantando louvores. À tarde e à noite, lançamento de foguetes, o tradicional bailarico com bandas de música ou conjuntos contratados; a actuação do coro da terra. E ainda bancas com guloseimas e quermesses com prémios vários, não faltando a barraca dos comes e bebes, vendendo sardinhas assadas e refrigerantes, febras, bom tinto e muita cerveja – está mesmo a ver-se.

O ANIVERSÁRIO DO MEU AVÔ JOSÉ

Se a casa dos meus avós maternos era normalmente uma casa cheia, a 28 de Agosto atingia o auge, pois assinalava-se o aniversário do meu avô José, dia em que se reunia quase toda a família, mesmo os que faziam a sua vida longe da terra. Aqui nos reencontrávamos anualmente: os meus avós, os meus pais e meus irmãos, os meus tios e os meus primos, irmanados no mesmo propósito. Era um dia excitante e muito festivo que recorro ainda com emoção – confesso. Nestes almoços comemorativos apinhávamo-nos naquela pequena casa rústica. Os adultos sentavam-se em bancos corridos à volta da masseira (às vezes também era utilizada a mesa da sala, dita de jantar) que servia de mesa. A criançada ajeitava-se pelo corredor em pequenos assentos e mesas improvisadas.

Em dia de aniversário do meu avô José



A azáfama na cozinha era frenética, com as velhas panelas de ferro com três pés e as de barro espalhadas na lareira onde ardiam, num crepitar constante, cavacas e vimes secos. E, ainda hoje, me dói lembrar-me da minha avó Maria, corpo pequeno e franzino, mas rijo como uma velha árvore, entregue a tão desgastante tarefa de confeccionar e servir comida para tanta gente, num rodopiar constante entre a cozinha e a “sala” ao fundo do corredor, isto apesar de algumas solidárias ajudas.

Não faltava a saborosa sopa de grão-de-bico ou feijão, o succulento prato de carnes frescas e enchidos diversos e, melhor ainda, o bacalhau com todos – sim, que festa é festa! – acompanhado das batatas, das couves, do feijão verde, temperados com azeite puro e “regados” com vinho da última colheita, ou laranjada para os mais pequenos. E, a finalizar, havia o guloso arroz-doce e a fruta da época que eram um regalo. Sentado no topo superior da mesa, o meu avô acompanhava todo aquele frenesim em enigmático silêncio, só interrompido com raros e breves sorrisos, postura que mantinha imperturbável, mesmo quando, com compreensível satisfação, lhe cantávamos os merecidos parabéns. Como eram reconfortantes estes reencontros familiares, vividos num são ambiente de convívio, cimentado em fortes elos de amizade, que se foram repetindo até ao seu falecimento, em 8 de Agosto de 1969.

Ano após ano, porém, o número dos familiares presentes foi-se reduzindo, à medida que os meus tios e primos, (excepto nós e a minha tia Lucília e filhos) foram emigrando, primeiro para o Brasil, casos da minha tia Margarida e do meu tio Orlando; e, depois, já nos anos 60, do meu tio António, que foi para os Estados Unidos da América, em virtude da esposa, a minha tia Palmira, ser brasileira, o que, após se ter naturalizado, cinco anos depois, possibilitou que aquele e os meus tios Graciano, Eurico e Júlio, que moravam em Lisboa, também emigrassem para o país dos dólares. Daqui resultou algum desmembramento da família que, compreensivelmente, procurou ter uma vida mais desafogada que a usufruída neste país empobrecido.

A minha vivência com os habitantes da aldeia era marcada por comunicações cordiais, mas fugazes e elementares, não obstante algumas me transmitirem ensinamentos resultantes da chamada cultura empírica ou popular. Em alguns casos enriqueceram o meu saber com conhecimentos mais elaborados. Estava neste caso o Sr. Teófilo, cidadão que me habituei a admirar. Fôra, nos tempos da minha juventude e um pouco mais, dono de uma “venda” (loja que vende quase tudo) implantada à entrada da aldeia, onde se distribuía o correio da freguesia. Era a “Tia” Anunciação que, de 2.ª a 6.ª feira o ia buscar à vila de Castendo, o que fez até idade avançada. Ao fim das manhãs lá chegava, com o correio à cabeça, após ter palmilhado os 14 km de ida e volta.



Com a minha mãe, irmão e tios Eurico, Palmira e Orlando



Um grupo alargado de meus familiares

Em dia de encontro num alegre convívio





Desta vez o convívio foi na Serra da Estrela

Cidadãos residentes ou em férias apinhavam-se, ansiosos por notícias de familiares e amigos. Eram momentos de naturais expectativas, nem sempre concretizadas. Ultimamente, já reformado, este homem sabedor sentava-se invariavelmente, ao fim das tardes soalheiras, no banco de pedra com três, quatro lugares situado à porta da sua habitação e loja há muito encerrada. Aqui reunia alguns amigos, entre os quais o meu tio António e eu próprio, em longas e entusiásticas conversas sobre temas diversificados.

Outro filho da terra que muito admirava, embora os nossos encontros fossem escassos, pelo facto de morar numa localidade próxima, o Boco, era o Sr. António Campos, homem culto, esclarecido e empreendedor, com enorme dedicação à freguesia, a cuja Junta presidira vários anos. No final da década de 80 convidou-me para criar a capa do seu livro, intitulado “Monografia da Freguesia de Sezures”, ao que de imediato acedi, com todo o gosto. A obra resultou de uma exaustiva pesquisa e de muita vivência pessoal, afirmando-se como um retrato crítico, afectivo e abrangente que testemunha a história de um povo sofrido e lutador, orgulhoso do seu passado e presente. Mas – diga-se em abono da verdade – que mais filhos ilustres se notabilizaram, dando o seu generoso contributo para o engrandecimento desta terra que os viu nascer. E, entre todos, penso ser justo destacar o Dr. António Almeida Albuquerque, cuja memória está eternizada num busto colocado no parque de diversões, dito infantil, que ostenta o seu nome, mesmo à beira da estrada principal que atravessa a aldeia.

Lembro-me, ainda, que passavam pela aldeia cidadãos vindos de outras (próximas) paragens para prestarem serviços vários, tais como amoladores de facas e tesouras, que também consertavam guarda-chuvas, não esquecendo os azeiteiros, cesteiros e sardinheiras que despertavam e alegravam os residentes, em particular a criançada, com os seus sonoros pregões.

O VIVER A FEIRA DE S. MATEUS

Direi que tenho ainda bem presente na minha memória, apesar das muitas névoas já passadas, do pesadelo que eram as viagens de comboio do tempo da minha infância e até mesmo adolescência, cumpridas entre Lisboa e Mangualde e vice-versa. Isto porque não havia lugares marcados na classe económica e as carruagens ficavam, quase sempre, em sobrelotação. No regresso, a entrada para o comboio, que já vinha de Vilar Formoso, era particularmente angustiante, com gente apinhada a querer entrar primeiro, entre encontros e gritos, numa aflitiva procura de lugares sentados. Houve vezes em que viajei com meus pais e irmãos, outros familiares ou mesmo sozinho, em pé ou sentado em malas espalhadas pelo quase intransitável corredor, entre sacos, cestos e até alguns garrafões, pois os bancos (em madeira ou “sumapau”, como se dizia) eram só para os mais afortunados... E para já não falar que, quando tínhamos de mudar na Pampilhosa, o pesadelo redobrava.

Com meus pais e irmãos na Feira de S. Mateus



Aqui também com a minha madrinha, primo, tio Júlio e a “vizinha” D. Dulce



A certa altura, porém, os meus pais compraram uma furgoneta, equipamento imprescindível para o exercício da sua profissão. Ia carregada de mercadoria para vender na conhecida Feira de S. Mateus, em Viseu. Normalmente saíamos de Lisboa ao início da noite e seguíamos pela estrada velha, apenas com uma faixa de rodagem em cada sentido, o que nos obrigava a circular em marcha bem moderada, quantas vezes “a marcar passo” atrás de camiões, na ansiedade de quando os poderíamos ultrapassar. Mas o mais complicado era termos de nos manter acordados, pela noite dentro, para que o meu pai não fosse contagiado pela nossa sonolência. Era sempre a minha mãe que mais se esforçava nesta stressante tarefa, cantando algumas letras populares do seu e (ou) nosso tempo, incentivando-nos a acompanhá-la – pois então! Confesso que apesar da viagem ser longa e algo incómoda, sobretudo para mim, com a minha predisposição para me agoniar (o que ainda hoje vai acontecendo) num tempo em que não tinha “descoberto” o Vomidrine, ainda revivo com imensa saudade estas fraternas “caminhadas”.

A Feira de S. Mateus constituiu, ao longo de uns 10 anos (entre as décadas de 50 e 60) um local de passagem obrigatório das minhas férias, com os meus pais e irmãos, durante nada menos de cerca de um mês. A nossa “casa” era uma barraca com vários lances (painéis que abriam e fechavam o seu espaço interior), que tinha uma longa vitrine e, na rectaguarda, prateleiras em escada, por toda a sua extensão. Era debaixo destas que estavam instalados os dormitórios, enquanto a confecção e tomada das refeições se fazia no espaço entre os dois equipamentos referidos, num estrado por onde nos deslocávamos. Se as condições não eram – está bom de ver – nada confortáveis, a verdade é que satisfiziam as nossas necessidades mais elementares. Mas claro que, para mim e os meus irmãos, a feira era, além do mais, uma oportunidade para alguma diversão no carrocel, pista de automóveis e não só, que aproveitámos sempre que podíamos.

Ainda na feira, com meus irmãos e primos



Numa presença recente para recordar os velhos tempos

Neste período da adolescência já se quer ser um homenzinho. No dia em que chegava à aldeia, se fosse fim-de-semana, era certo que havia a volta ao Povo, com visita às “capelinhas”, quero dizer, a sucessivas adegas da gente da terra. Era normalmente ainda o meu tio Orlando, que, com indisfarçável orgulho, me apresentava e guiava nesta caminhada, repleta de broa, queijo, chouriça e bom tinto... Lembro-me muito bem que na primeira em que participei tinha apenas 16 anos e apanhei uma piela que ainda hoje me arrepi. A verdade é que enquanto estive de pé lá fui andando mais ou menos. O pior, doloroso mesmo, foi quando me deitei. Entrei num autêntico “carrocel”, com uma agonia de enlouquecer até deitar fora tudo, ou quase, o que tinha ingerido. Claro que, nos anos seguintes, fui mais comedido. É que “gato escaldado de água fria tem medo”...



Os meus primos Mariazinha e Manuel com a Glória e uma amiguinha

Também foi nestas férias (que aconteceram logo após o ter concluído o curso industrial) que vivi duas situações que ainda bem recordo: o ter conhecido a Glória, o meu primeiro encantamento feminino. Tinha apenas 14 anos e uns olhos azuis brilhantes e irresistíveis. Passámos juntos, discretamente, alguns dias e horas, mas com o terminar das férias tudo acabaria. Era um despertar que fazia parte do meu crescimento, tal como o fumar era uma experiência que os rapazes do meu tempo não dispensavam, sobretudo perante as miúdas. Esta situação mudou radicalmente ao longo das últimas décadas, com as mulheres a fumarem tanto ou mais que os homens... Um dia, o meu pai descobriu um maço de tabaco debaixo do meu colchão. Tive um calafrio e levei um merecido raspanete – como era de esperar. Devo acrescentar que esta experiência da “fumaça” só durou até aos 19 anos, com pouca frequência – diga-se. Nessa altura resolvi abandonar o vício, porque com esta idade sentia que já era mesmo um homenzinho, pelo que não precisava desta “muleta” para o afirmar. Até hoje – acreditem!

O meu tempo de férias nesta aldeia beirão animava-se quando estavam os meus pais e irmãos, altura em que na companhia dos meus tios António e Odete, o primo José Augusto e, por vezes, de outros familiares, fazíamos passeios pelas redondezas e por outras paragens mais distantes como, por exemplo, a Serra da Estrela. Eram dias divertidos que sempre muito me agradavam, com saborosos “pic-nics”, recheados de várias iguarias caseiras.



Em plena Serra da Estrela na companhia de minha mãe, irmãos, tios António e Odete e primo José Augusto



A ouvir música também com o meu pai

A minha mãe e os meus tios Luís e Maria de Jesus



Às 6.ªs feiras era quase obrigatória a ida à Feira de Penalva ou Castendo – como alguns ainda preferem –, amplo e fértil mercado que desde miúdo me habituei a frequentar e local de compras diversas, em especial de alimentos, mas também de reencontros e convívios. Nesses dias já distantes muitos dos habitantes da aldeia, adultos e até crianças, faziam o percurso de ida e volta, ou seja, 14 km a pé, carregados no regresso com as compras na feira. Isto não esquecendo os que levavam e/ou traziam animais, vendidos ou comprados. Mas também havia os que apanhavam a carreira (camioneta) do “Berrelhas”. Com o rodar dos tempos, porém, numa natural evolução, alguns começaram a ter veículos próprios, tornando mais fácil esta ida semanal até Penalva. Hoje em dia já ninguém vai a pé – acreditem.

Tinha já uns 15 anos quando aprendi a andar de bicicleta. Na minha infância, na cidade, não tivera esta oportunidade. Foi o meu tio mais novo, o Orlando, que se empenhou nesta tarefa. O percurso que mais fazíamos era o da estrada principal da aldeia, incluindo a rampa que passa em frente à casa dos meus pais. Agarrava-se à traseira da dita “pasteleira” (que pesava mais de 20 quilos), corria enquanto podia e depois largava-me... Logo que comecei a desenrascar-me sozinho sempre que podia lá ia dar umas voltas, acelerando o que conseguia. Aconteceu que, num domingo, após a missa, com o meu fato novo vestido, apeteceu-me pedalar estrada fora. Tinha chovido. No chão, na altura ainda de terra, havia buracos com autênticos charcos de água. Acelerado como ia passei por cima de um. Só dei por isso quando, resvalando, me espalhei ao comprido: eu para um lado, a bicicleta para o outro...



Os meus avós maternos na escadaria da sua casa

O resultado foi ter feito um enorme rasgão nas minhas calças novas. Claro que perante a minha aflição e desencanto só a minha querida mãe me poderia valer. E assim aconteceu, encobrindo do meu pai tamanho dano. Fiquei-lhe a dever mais esta prova de amor. Durante mais alguns anos, sempre que voltava a Sezures, não resistia a dar umas pedaladas. A partir de certa altura era o meu tio António que me emprestava a sua “pasteleira”. Em 1979, porém, comecei a correr e deixei-me de vez da bicicleta. Sempre era mais seguro, apesar de já ter caído com os pés no chão!

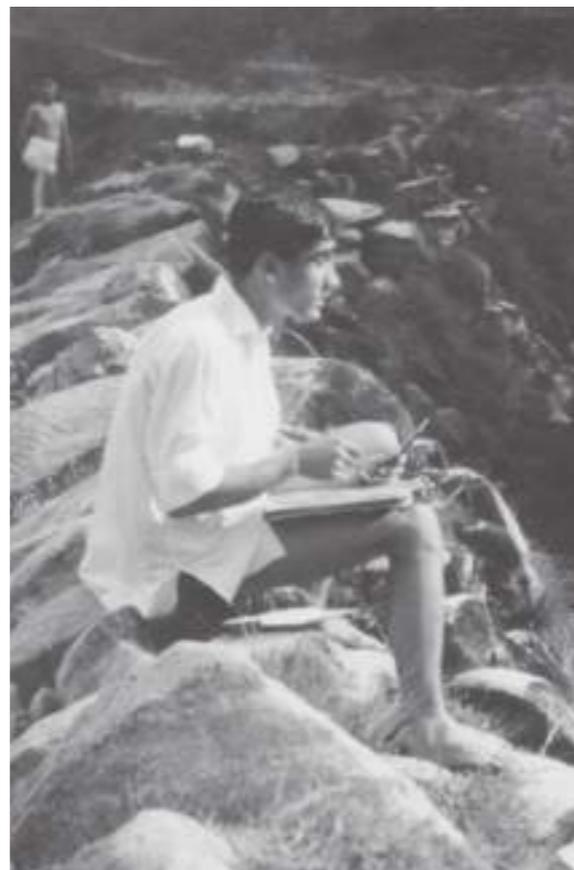
Uma visita muito parcial da velha feira de Penalva



Ir à fonte da aldeia é para os naturais e os visitantes quase um ritual obrigatório, que evoca o tempo em que não havia água canalizada nas habitações. Esta estrutura mantém, assim, o seu carisma, com o brotar da água gélida pelas suas bicas, que nos deliciam em particular nos meses de Verão – está bom de ver... Mas, além destas, existe um tanque para bebedouro de animais, bovinos em particular, há uns anos a esta parte quase inexistentes na aldeia. E a seu lado, dois tanques para se lavar roupa, onde as mulheres iam em grandes grupos – bem me lembro – e agora em muito menor número. Sinal dos tempos!

A denominada Meia-Laranja, situada na fronteira da estrada e o bairro histórico da aldeia, era o ponto de encontro do nosso grupo de rapazes: o João, o Nelo, o Arcides, o Nelson, o Waldemar, o meu irmão Fernando e eu próprio. Era a oportunidade de pormos a conversa em dia naqueles tempos das minhas férias. Os anos foram passando, a “malta” dispersou à procura dos seus rumos e hoje apenas encontro o Nelo, filho do Sr. Ilídio e da D. Aurora, que recordo com saudade. Acresce dizer que esta “meia-laranja” é, no fim de contas, um terreiro contíguo a uma emblemática casa na qual, em tempos já longínquos, funcionou a Associação Cultural e Recreativa de Sezures, que tinha banda de música (dirigida pelo Sr. Cícero, na qual ainda actuou o meu saudoso pai), grupo cénico, rancho folclórico e tuna, para além de organizar cortejos de oferendas!

Um divertido momento dos meus queridos pais



A pintar uma aguarela numa margem do Rio Dão

As festas de casamento, em especial as mais recentes de emigrantes em tempo de férias, são sempre com comida abundante – demasiado, digo eu. Oportunidades, afinal, para reencontros de familiares e amigos, evidenciando alguma prosperidade duramente conquistada. Festas com tudo o que de bom representam, mas também – é evidente – com os habituais e indesejáveis excessos.

Direi que Sezures, neste período da minha infância e adolescência, era para mim como um paraíso perdido entre serranias graníticas agrestes, mas também acolhedoras. Um lugar de encantamentos e afectos, onde tinha a oportunidade grata e única de reencontrar os meus avós, tios e primos. Era, pois, com justificada ansiedade e emoção que anualmente regressava a esta aldeia, pela qual desde miúdo ganhara um especial carinho. A visita terminava sempre com um doloroso adeus aos meus familiares, em particular os avós. Foi, afinal, um tempo já muito distante, que recordo com imensa saudade, passado longe do bulício da minha cidade, em contacto próximo com a Mãe Natureza, onde me deliciava a ouvir os cânticos da inquieta passarada: o chilrear dos pardais, o assobiar dos melros, o arrulhar das rolas, o trinar dos rouxinóis, o grasnar dos corvos e o desconcertante rir das carriças.

Os domingos eram e continuam a ser os dias para, além do mais, se assistir à missa. À terceira badalada dos sinos da Igreja Matriz é tempo dos fiéis mais convictos (cada vez menos, diga-se) irem ao seu encontro. Lembro-me que, durante muitos anos, a parte dianteira deste espaço sagrado era só para os homens, enquanto a metade traseira era para as mulheres, com entradas e saídas por portas diferentes. A partir de certa altura, porém, (finalmente!) toda a nave passou a ser ocupada por uns e outros. Os presentes assistem ao culto com respeito e devoção, com as mulheres, em especial, a entoar cânticos, acompanhando o coro feminino ao som do órgão, outrora tocado pelo amável e saudoso César e agora pela sua filha. Cabe dizer ainda que, apesar de há alguns anos não ser frequentador habitual da missa domingueira, faço questão em marcar presença quando estou lá de férias. É que me sabe bem comungar na sua fé, debaixo daquela abóbada outrora repleta de estrelas. E, depois, à saída, há os habituais reencontros dos participantes neste ato litúrgico...

Num dia já muito distante, um pai muito aflito veio até nossa casa pedir auxílio ao meu pai, concretamente que levasse o seu filho, ainda criança, a Castendo, ao Dr. Amaral, pois tinha caído nas borras do vinho a ferver, no lagar da Adega Cooperativa, situada mesmo ao fundo da nossa rua, tendo ficado com as pernas todas queimadas. Ainda hoje me doem os gritos lancinantes desta criança, com as peles penduradas, qual papel amarrado. Agora, já adulto e pai, sempre que me encontra em férias me recorda esse dia dramático e me agradece o que fizemos por ele. A gratidão é sempre um sentimento nobre que não devemos esquecer e nos conforta.

Uma pose familiar na Quinta da Ínsua



Os meus filhos num aliciente passeio em carro de bois

A CASA DOS MEUS AVÓS MATERNOS

O espaço de habitação destes meus avós era no primeiro andar da sua casa granítica. Fora construída com muito sacrifício, mesmo à beira da estrada principal da aldeia, ainda antes de eu ter nascido – creio – pois que de outra não me lembro. De facto, desde criança que me habituei a habitá-la no meu tempo de férias. No rés-do-chão ficava a loja, onde se guardavam os mais diversos equipamentos, objectos e produtos e ainda um pequeno espaço, com porta para a estrada, transformado em barbearia, primeiro do meu tio Orlando, depois do Zé Loureiro.

Logo à entrada, à esquerda, ficava a cozinha e, em frente, um exíguo espaço no qual estava a masseira para a minha avozinha amassar a farinha, com que fazia o pão e que também servia de mesa de refeições. Na parede do fundo abria-se uma porta para um minúsculo quarto. Do lado esquerdo era a entrada da sala, em cuja parede frontal se encontrava a única varanda da habitação. À direita estavam instalados dois quartos: o dos meus avós, com uma janela para a estrada (tal como a varanda) e um outro, onde eu dormia a maior parte das vezes. Nesses quartos existia uma cama de ferro, uma arca para guardar roupa e um lavatório.

Ainda me recordo da típica cozinha da casa dos meus avós. À esquerda ficava a lareira, formada por um tripé granítico, tendo por cima o caniço para secar a lenha e por baixo a pilheira onde se juntavam as cinzas. Suspenso, encimando-a, estava um sarilho de paus cruzados, no qual se fumavam os enchidos. À frente, na laje, ficavam as panelas de barro e de ferro (a de almude com vianda para os porcos) rodeadas de labaredas... Na parede contígua havia algumas prateleiras para arrumar panelas, caçarolas e alguidares, enquanto na parede oposta se encontrava a chamada cantareira, por baixo de uma longa bancada, onde se preparavam os alimentos, que tinha por cima um armário para o arrumo de louças.

As pequeníssimas instalações anexas à casa do meu avô António, que habitámos durante alguns anos tinham condições muito rudimentares, que não correspondiam, nem de longe, às necessidades dos meus pais, minhas e dos meus irmãos e, pior ainda, ao natural aumento futuro do nosso agregado familiar – digamos assim. Logo, o grande sonho dos meus pais era possuir uma casa na qual pudessem reunir, além de nós, os novos membros da família. Foi, pois, com enorme coragem, esforço e muito sacrifício que deitaram “mãos à obra”. O terreno para implantação deste arrojado projecto foi disponibilizado num acordo de partilhas com os meus avós maternos, concretamente em parte da denominada Vinha da Capela, situada mesmo à entrada da aldeia e à beira da estrada principal.

Um encontro inédito, em Sezures, com a família Amorim



A minha avozinha com o meu filho e a prima Carla

A construção desta nossa vivenda (tinha eu 15 ou 16 anos) seria orientada pelo nosso primo Manuel da Judite, tendo o projecto por base as opções que, então, mais se justificavam. Retenho ainda com uma ténue nitidez o erguer desta obra de amor, feita com “sangue, suor e lágrimas” – como é costume dizer-se – que só se tornou realidade pela determinação férrea dos meus abnegados pais. Claro que com o avançar dos anos, face às novas exigências resultantes do aumento familiar, o projecto inicial sofreria algumas adaptações, mas a verdade é que, ainda hoje, constitui um importante equipamento para todos nós, em tempos de férias: um lugar de reencontros sempre renovados, embora cada vez menos. Por tudo o que representa, afinal, física e afetivamente, a nossa casa de Sezures – como lhe chamamos – é bem o símbolo do maior legado patrimonial que os meus pais nos deixaram.

Há muito tempo, pois, que a nossa nova casa passou a ser o centro das minhas vivências nesta terra dos meus antepassados. Aqui vivi inesquecíveis convívios com os meus pais (até ao ocaso das suas existências), irmãos, esposa, filhos, sobrinhos e cunhados... Reencontros familiares que com o aumentar progressivo de membros deixaram de poder ser totais. Um dos convívios que mais me agradava era quando, em dia de feira, nos reuníamos à volta de uma sardinhada acompanhada de uma apetitosa salada, saboreada no piso térreo das traseiras da casa, debaixo de uma velha árvore e paredes-meias com a pequena vinha.

Claro que o “convívio da mesa” também existe nas outras refeições, mas não é o mesmo que comer ao ar livre, apesar

O meu incansável pai nas suas obras



Os meus queridos pais na varanda da sua casa de férias

das condições menos cómodas – é evidente. E, a propósito, não posso deixar de referir o bom tinto das nossas colheitas, com que regávamos os repastos, que era ali mesmo extraído no lagar incorporado na fresca adega, onde ficava armazenado em duas cubas de pedra e em alguns pequenos barris. Isto não esquecendo a recheada garrafeira com vinhos antigos, que o meu pai tratava com entusiasmo e esmero.

Normalmente, após o jantar, reuníamo-nos na varanda da fachada principal. Era tempo de conversa animada sobre temas diversos. Como ainda me sabe bem gozar a quietude das noites cálidas, com a enigmática lua mentirosa e as constelações de estrelas cintilantes brilhando nos misteriosos abismos do negro universo, ao ritmo do canto melódico dos grilos e cigarras e do bailado dos pirilampos. Para variar, noutros tempos, havia caminhadas com voltas ao “Povo”, que, em noites mais radicais, podiam passar à porta do cemitério e por becos escuros, serpenteando por entre herdades, para já não falar das feitas pela estrada, entre pinheiros. O grande timoneiro destes percursos era o meu cunhado Manuel, que mais habituado à vivência da aldeia se divertia com os nossos medos...

Jogar à malha era um dos nossos passatempos mais habituais, normalmente à tardinha, até à hora do jantar, passado o calor sufocante, na valeta de terra junto à estrada, encostada ao muro da nossa vivenda. Eram jogos sempre muito disputados, em que participava a gente graúda, mas também, por vezes, a miúda. A escolha de uma boa malha, normalmente talhada em toscas pedras, era importante, mas é evidente que o mais determinante era a perícia dos jogadores. E, já agora, devo fazer justiça, realçando que o meu pai não deixava os seus créditos por mãos alheias, mostrando aos novatos como se acertava nos pinos. Que bom era ver o Sr. Américo rejubilando com as suas proezas.

Outro passatempo muito apetecido pelos membros masculinos do agregado familiar era jogar futebol no terreiro da nova escola primária. De vez em quando lá se realizava uma aguerrida jogatana. Eu era sempre o menos entusiasta, o mais renitente, porque detesto os choques físicos e também – devo dizê-lo – jogar com os pés nunca foi o meu forte, pelo que normalmente o meu lugar preferido era à baliza. Um dia, contrariado e receoso, cedi em participar. Na altura, já fazia as minhas corridas e tinha receio de me lesionar. Aconteceu, então, que ao fim de pouco tempo de jogo, em saída arrojada, resvalei numa pequena vala daquele campo e contraí uma microrrotura numa virilha. Claro que fiquei limitado para correr no resto das férias. A partir desse dia jurei que nunca voltaria a jogar futebol. E foi mesmo para valer!

Acresce dizer que o meu pai quase não parava durante as férias. Sempre o conheci como um homem de acção, incapaz de estar quieto. Quando não tinha algo para fazer, inventava –

Com um grupo ainda jovem, preparado para mais uma aguerrida “jogatana”



O Sr. Rafael, figura ímpar da aldeia, cuidador da nossa casa, quando ausentes

como costume dizer. Além do que já referi, era um polivalente, apto a resolver qualquer problema de construção civil – digamos assim. Devemos-lhe diversos melhoramentos nesta nossa casa de campo. E só quando o avançar irreversível dos anos lhe retirou alguma energia é que abrandou o ritmo. Chegara a hora dos mais novos darem o seu contributo, o que se verificou, em tempos idos, sobretudo em pinturas várias. Quanto à minha mãe foi também uma guerreira, mesmo quando a sua saúde já estava muito debilitada. Nos últimos anos da sua curta existência subir e descer os dois lances de escada de pedra constituía um doloroso sacrifício. Mas fazia questão de não faltar à visita, pelo menos anual, da terra que a vira nascer.

Porém, com o passar do tempo, o encantamento da minha estadia nesta aldeia do meu coração foi esmorecendo. Os meus queridos avós tinham falecido. E apesar de, anos mais tarde, alguns dos meus tios terem voltado e construído as suas casas, com os quais ainda passei muitos bons momentos, a verdade é que a lei da vida não se compadeceu... Refiro-me, em particular, aos meus tios Graciano e Amélia, Júlio e Lídia, Palmira, Orlando e Cecília, esta a única que, felizmente, ainda está entre nós. Quantos aos meus primos emigrantes apenas o José Joaquim é presença assídua (embora nos últimos anos raro nos encontremos), sendo a dos restantes quase inexistentes.



Os meus pais em frente à sua/nossa vivenda

Muitas vezes já percorri o cemitério desta aldeia, a que me ligam gratas vivências e profundos afectos, caminhando lentamente por carreiros entre sepulcros, onde estão muito dos filhos da terra. Nas lápides vou encontrando rostos e nomes conhecidos, desde a minha já distante infância. Tenho curiosidade em ver as datas dos seus nascimentos e falecimentos e em rápidos cálculos verificar quantos anos passaram por esta vida terrena. Por vezes espanto-me com a longevidade de um ou de outro e pesa-me muito quando deparo com os que quase não tiveram tempo para viver. Nestes casos invade-me um sentimento de incompreensível injustiça. Quando encontro gente que conheci melhor, sobretudo quando se trata de amigos ou familiares que perdi, sou invadido de uma saudade profunda. Gosto de ler as mensagens que foram gravadas pelos seus mais queridos, que expressam de modo simples e emotivo o que lhes ia na alma.

Claro que de todas as sepulturas as que mais me tocam são as dos meus queridos familiares do lado materno: os meus avós José e Maria e os meus tios António, Graciano, Orlando e ainda a minha tia Amélia. Sempre que vou de férias tenho de os visitar. Quedo-me em silêncio e rezo pelas suas almas, como cristão que sou. Nestes momentos vêm-me à memória a profunda angústia vivida dolorosamente nos seus funerais. Dias magoados de reencontro da nossa família. Como ainda ouço os lancinantes choros que me trespassam o corpo e ferem a alma! E como gostava também que os meus avós paternos tivessem as suas campas, onde pudesse ler as suas lápides...

O posto público do telefone da aldeia, do tempo que me lembro, estava instalado no café do nosso primo Manuel “Sapateiro”. Era lá que eu, mais recentemente, fazia as chamadas, quase sempre para a minha esposa, quando ainda não possuía telemóvel e nos anos em que passei alguns dias sozinho a desafiar os meus medos, em completo isolamento, com os meus escritos e corridas, numa pausa do meu agitado quotidiano. Era também neste café/mercearia que aviava alguns bens alimentares, exceptuando as batatas, o vinho, o azeite e alguns vegetais, que não faltavam lá em casa, e onde, de vez em quando, bebia uma ou duas imperiais acompanhadas de saborosos amendoins, na companhia de algum familiar ou simples conhecido, aproveitando estes momentos para “dois dedos de conversa”, sempre cordial – diga-se. E onde ainda, em tempos mais remotos, jogava, uma vez por outra, os populares matraquilhos com os meus familiares, em stressantes disputas, nos quais era uma decepcionante negação – tenho de confessar.

Os meus filhos com os amigos Paulo e Marcelo



De crianças se educa o amor pelos animais



OS MEUS TREINOS DE CORRIDA

A partir das férias de 1979 um novo atrativo começou a fazer parte das minhas estadias nesta aldeia beirão. É que comecei a praticar corrida de estrada. O meu primeiro desafio mais a sério foi uma ida até a sede do concelho, situada a 7 km de distância, o que se prolongou por nada menos de 40 anos quase consecutivos, como refiro nas páginas onde resumo esta minha nova aventura. E se, em Cascais, o normal era — e ainda é! — custar levantar-me cedo para as provas ou treinos, a verdade é que aqui, invariavelmente, me levantava quando rompia a matina. Era só o Sol madrugador entrar pelas janelas do meu quarto que o corpo e a mente logo despertavam. E, pouco tempo depois, lá estava eu a correr estrada fora, serpenteando entre pinheiros (muitos já queimados, diga-se), respirando, mesmo assim, o ar puro. Afinal, não poderia ser de outro modo, pois o calor apertava rapidamente, o que tornava os regressos mais lentos e desgastantes.

Acresce dizer que estes meus desafios foram, salvo raríssimas excepções, solitários, por falta de parceiros que me acompanhassem. Não devo esquecer, contudo, que, nos anos iniciais, ainda consegui entusiasmar os meus familiares lá de casa a fazer algumas corridas, ou, pelo menos, caminhadas. Tempos já distantes, quando a “malta” era mais nova, que recordo com saudade —acreditem. Em 2010, porém, foi gratificante ter a meu lado neste desafio de 7 km a dar no duro, o meu sobrinho Vasco, tendo nessas férias inesquecíveis começado a nossa preparação para participarmos na Meia-maratona de Lisboa, no final deste ano, prova que terminámos juntos, tal como aconteceria nos 20 km de Cascais, realizados no início do ano seguinte. E, já agora, não devo deixar de referir que, num daqueles primeiros anos, o meu entusiasmo levou-me a co-organizar umas corridas com miúdos e graúdos da aldeia, o que contribuiu para um dia de festa, com prémios e tudo...

Acontece que há nada menos de seis anos que não ia passar alguns dias de férias a Sezures, devido a impedimentos diversos que me obrigaram a esta ausência tão prolongada, única em toda a minha vida, desde os meus tenros anos de criança. Mas desta vez, no Verão de 2016, não resisti mesmo e lá fui eu de mala aviada lembrar algo desta aldeia beirão dos meus afectos. Iria passar a primeira semana de Setembro (altura em que os emigrantes da terra já tinham regressado aos seus novos países, logo, num tempo de menor bulício, sem as constantes passagens de “bóldes” a perturbar a sua habitual pacatez) na companhia da minha irmã, cunhado e sobrinhos...

Para além do descanso de que necessitava e de rever lugares e pessoas, estava focado num objectivo em particular, melhor dizendo, no reatar do desafio de correr os cerca de 7 km entre esta aldeia e Penalva do Castelo, que iniciara no distante ano de 1979, como abordo, em pormenor, noutras páginas. Uns dois meses antes falei a este meu sobrinho sobre o objectivo de conseguir um tempo à volta dos 30 minutos, ou seja, o que tinha demorado, 37 anos antes, na primeira vez que fizera este sinuoso percurso. Tempo modesto, cinco minutos mais lento

que o alcançado seis anos antes, com a sua companhia, a quase doze minutos do obtido em 1990, quando eu era mais novo e atleta!

Devo esclarecer, contudo, que a minha pouca ambição quanto ao tempo atrás referido se deveu ao facto de nos três anos anteriores pouco ter treinado e de ter estado uns longos seis meses sem treinar, para além de ter realizado apenas escassos e curtos treinos durante os dois meses de preparação que antecederam este desafio.

Naquela manhã de 6.ª feira levantei-me às sete horas da matina para comer a minha sopa com cereais, pois a corrida estava marcada para as 8h30, mais coisa menos coisa, tendo voltado a deitar-me durante algum tempo. Quando voltei a levantar-me, com alguma surpresa minha, verifiquei que “todo o mundo” já estava de pé. E o que se passaria a seguir foi para mim deveras gratificante. Concretamente, dois veículos de “fans” a acompanharem-nos durante todo o percurso, com algumas paragens para nos tirarem fotos e redobram os seus festivos incentivos. Partira motivado e esperançado em atingir o objectivo traçado. E tudo estava a correr bem dentro dos tempos previstos até próximo dos três quilómetros finais, quando inesperadamente o meu adutor direito começou a doer-me, impedindo-me de manter o ritmo que desejava, facto agravado nas duríssimas subidas, mais ainda porque a minha força muscular não era muita... Cada íngreme subida era, pois, um pesadelo. O meu sobrinho Vasco não parava de me incentivar, impulsionando-me a continuar determinado.

Na chegada à meta, em Penalva com o meu companheiro Vasco



Após mais uma corrida com o meu sobrinho Vasco, a foto da “praxe” com os familiares que não nos regataram o seu incondicional apoio

A verdade, porém, é que a dor se foi agravando, pelo que fui obrigado a parar, por instantes, faltavam uns dois quilómetros. O meu cunhado Manuel convencido de que dali eu já não passaria fez marcha invertida... Mas para mim era ponto assente de que não iria desistir por causa daquela malvada micro-rotura ou coisa parecida. Alonguei o músculo ligeiramente e voltei à luta. Na minha longa carreira desportiva já passara por situações bem mais dolorosas, particularmente em maratonas e sempre cortara a meta —acreditem. O meu músculo melhorou um pouco, o que me permitiu acelerar o ritmo na última descida. O pior foi depois. Tive de parar de novo cheio de dores. O Vasco continuava com o seu precioso incentivo, dizendo-me que já faltava pouco para a meta (o que era mesmo um facto), que não podia perder aquela oportunidade, que era a minha glória, que eu era o orgulho da família... Eu sei lá!

Claro que o tempo que levávamos já não daria para os almejados 36 minutos, mas não ficaríamos muito distantes, apesar de tudo. Nas últimas centenas de metros, pisando paralelepípedos já dentro da vila, cada passada era uma “facada”. Com a meta à vista parei pela terceira vez. Sorte “macaca” a minha... Cerrei os dentes e voltei a correr o mais que pude. Era o último esforço sofrido! Lá estavam os nossos familiares que nos receberam efusivamente. Miúdos e graúdos, sem excepção. Chegámos alguns segundos abaixo dos 39 minutos, um tempo muito distante, pois, dos que já alcançara antes. Senti um misto de satisfação e desilusão.

Mas, caramba! Afinal de contas não era assim tão mau, atendendo a tudo o que atrás referi e não esquecendo os meus 75 anos e meio! Conseguira, afinal, algo que a grande maioria dos cidadãos da minha idade (para já não falar dos mais novos) não logram atingir. E o meu firme desejo não é ficar por aqui... Quem duvida? Para além da corrida em si, o que mais me marcou e sensibilizou foi a solidariedade destes meus familiares, que se uniram num objectivo que não era seu, antes, sim, do decano da família.

Em pose familiar deliciados com a natureza





Será que estamos preparados para uma "peladinha" familiar?

Em Sezures com o Waldemar, o meu primo Toni e seus familiares



Num dia já distante, junto à casa do meu tio Júlio, com a filha Cecília e seus filhos e também o meu pai

Os meus filhos com os meus jovens primos



Eu com a minha prima/afilhada e os filhos Sérgio, Melissa e Stephanie





Uma ampla reunião familiar com a minha esposa, filho, sogra, sobrinhos e não só...

A minha esposa e filha num passeio, quando esta era ainda criança



O meu jovem filho na companhia da mamã, na varanda da vivenda



Com o meu sobrinho Vasco, no local da partida preparados para mais uma corrida até Penalva

Para mais tarde recordar mais uma vista principal deste inesquecível refúgio familiar de muitas recordações





O coreto da aldeia, centro do lugar de encontro e diversão da gente da aldeia e seus visitantes

A velha e emblemática escola primária, agora remodelada, na qual estudaram muitas gerações



Um testemunho muito significativo da nova estética habitacional desta aldeia beirã

Junto à nossa vivenda um pasto para meigas ovelhas



RECORDANDO A INESQUECÍVEL ALDEIA DO MEU CORAÇÃO

Sezures foi a terra de férias da minha juventude, da minha adolescência, da minha idade adulta e também da minha velhice. Foi o “berço” dos meus avós, dos meus tios e de meus primos. É a minha mais grata e longínqua memória, em contacto com a reconfortante Natureza e um povo abnegado, hospitaleiro e sofredor.

Sezures das serranias graníticas, lugares de surpreendentes encantos, de vinhedos abundantes, lameiros verdejantes e das amoras maduras nos silvados à beira dos caminhos. Da emblemática fonte de água gélida, da velha igreja matriz, das procissões em dias de festa, exteriorizando a crença e a alegria do povo. Do centenário cemitério, onde repousam meus entes queridos e habitantes da freguesia.

Sezures dos aniversários do meu avô José, oportunidade para saudosos reencontros familiares. Dos passeios à volta do Povo e às herdades dos meus avós. Das conversas de fim-de-tarde à porta da Venda do Sr. Teófilo; ou, quando jovem, na oficina do nosso primo dito “sapateiro”. E ainda as que tínhamos em família nas noites de luar ao som do canto dos grilos e cigarras. Dos jogos de futebol no terreiro da escola e da malha frente ao portão da nossa casa, com o meu querido pai a dar lições de pontaria. Das apetitosas sardinhas em dias de feira. E dos meus inúmeros treinos solitários de corrida, com muitos quilómetros em idas e regressos à vizinha Penalva, mas não só.

Com o meu olhar distante, toldado de nostalgia



O meu segundo sobrinho Vasco

O nosso retiro de férias de inesquecíveis vivências



A FORMAÇÃO ACADÉMICA E ARTÍSTICA

- 1 - A primária e o preparatório
- 2 - Os cursos industrial e liceal
- 3 - Os cursos da E.S.B.A.L. e do I.A.D.E.
- 4 - A S.N.Belas-Artes e a Gravura

Sempre fui inquieto e ávido de novas experiências e conhecimentos, buscando incessantemente uma valorização que me proporcionasse novos prazeres e conquistas.